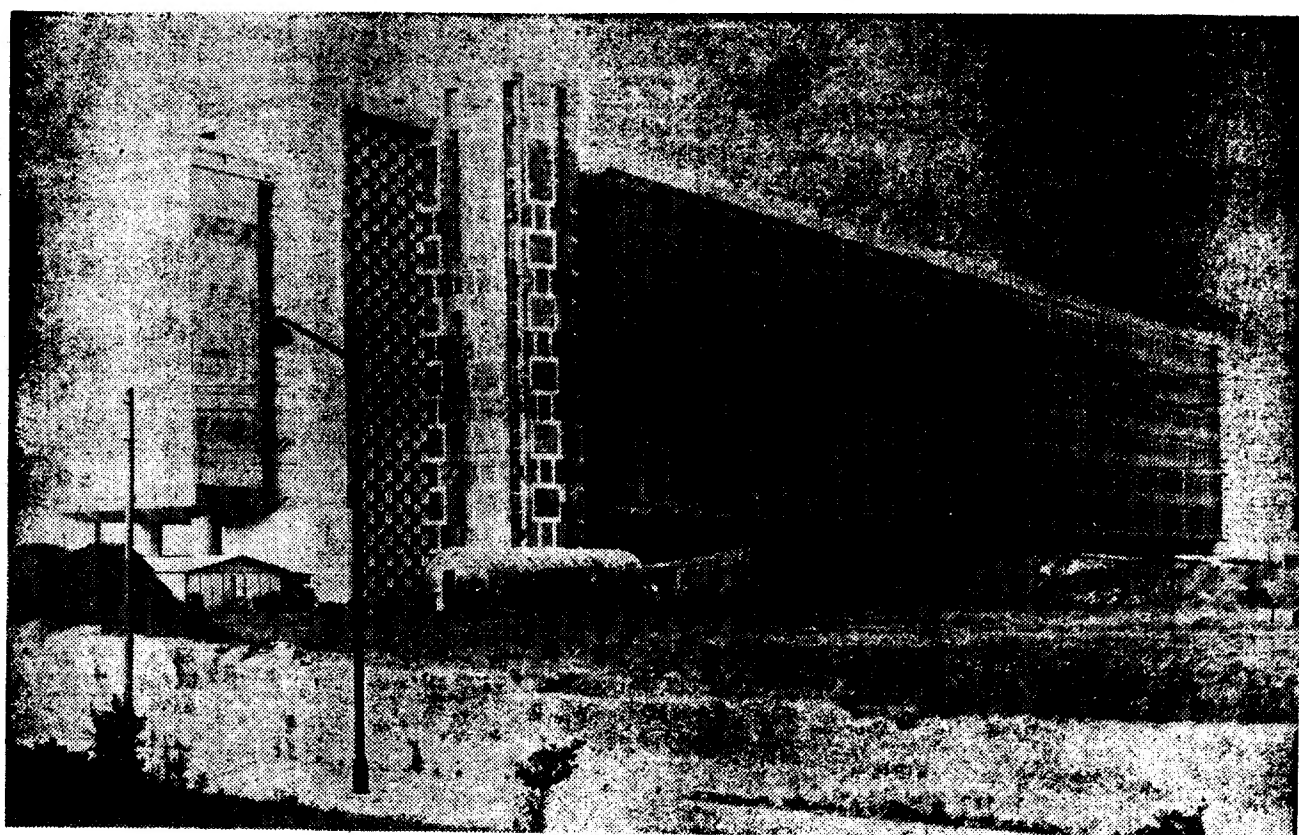
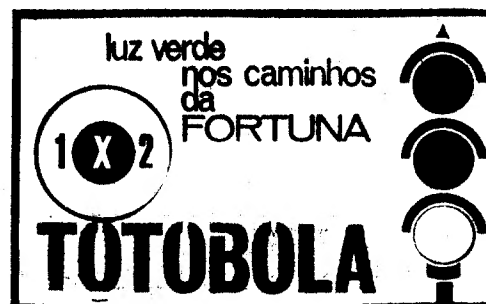


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 25 DE NOVEMBRO DE 1969 N.º 16 859 ANO 49.º PREÇO 1\$50



Diálogo Bonn Varsóvia

VARSOVIA, 25 — R.) — A Alemanha Ocidental entregou hoje formalmente à Polónia uma nota propondo conversações sobre a melhoria das relações, tensas há um quarto de século em consequência dos horrores da segunda guerra mundial.

A nota é a resposta a uma proposta polaca para a elaboração de um tratado reconhecendo como definitivas as fronteiras ocidentais da Polónia de após

(Continua na última página)

Refeição na Avenida

Na manhã enevoada da cidade, na Avenida da Liberdade, diante do Hotel, o farnel mal comido e bem bebido esconde um episódio da história da emigração portuguesa. Vieram do Minho e tiveram que adiar por algum tempo a saída do país porque um dos passaportes não estava em dia.

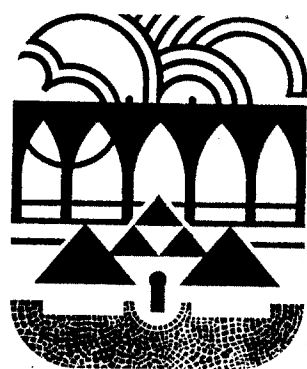
O Palácio da Justiça

O Palácio da Justiça, no prolongamento da Avenida da Liberdade, surge agora de visão desafogada: foi já demolido o muro que escondia parte do grande imóvel. Entretanto, o progresso da cidade faz as suas vítimas — o último locatário dos terrenos por onde passará aquela artéria, em Sete Rios, conta-nos o seu problema.

(LER NA PÁGINA CENTRAL).

O «ALBUM DE LISBOA» EVOCARÁ A HISTÓRIA DA CIDADE

ALEGRE, travessa, galharda, clara de luz e de espírito, Lisboa é, ainda, para muitos, caprichosa e teimosamente a mesma. Mas foram necessários novos planos e encarar a transformação da cidade não



apenas com energia mas com coragem e decidida vontade de acertar. Mantiveram-se, no entanto, muitos dos sítios e bairros a que estava ligado um tesouro de recordações pitorescas e de vestígios veneráveis de tradição.

E a cidade ampliou-se no seu aspecto moderno. E tornou-se diferentemente nova, audaciosamente nova, atrevidamente diferente, em b o r a continuasse a ser Lisboa, com o mesmo espírito, o mesmo ar moço, a mesma luz acariciante, o mesmo perfume de pitoresco e o mesmo encanto. Tudo isso estará presente

no «Album de Lisboa», a iniciativa que o nosso Jornal vai levar a efeito e, certamente, vai ser acompanhada com o maior entusiasmo pelos nossos leitores. Não haverá distinção de idades: todos

poderão participar nesse empreendimento do «Diário de Lisboa» que, além de constituir agradável distração, permitirá conhecer muito do que

(Continua na última página)

AS DUAS CÂMARAS REUNIRAM-SE HOJE

ESTE ANO HÁ 219 PROCURADORES AO SUPREMO ÓRGÃO CORPORATIVO

A X legislatura das duas Camaras iniciou-se esta tarde com sessões preparatórias para a eleição das respectivas comissões de verificação de poderes.

A sessão da Assembleia Nacional começou depois das 15 e 30, sob a presidência do conselheiro Albino dos Reis, o candidato depu-

tado mais velho. Constituída a mesa provisória e feita a chamada, foi eleita a comissão de verificação de poderes, cujo parecer será lido na próxima sexta-feira.

Nessa sessão, proceder-se-á à proclamação dos deputados e à eleição da mesa definitiva: presidente, três vice-presidentes e dois secretários.

Seguidamente, serão eleitas as comissões de Economia e Finanças, que terão

de se ocupar desde já, do estudo da Lei de Meios.

Como já noticiámos, a abertura solene das duas Camaras efectua-se no dia 1 de Dezembro, pelas 17 horas, sob a presidência do Chefe do Estado.

A Câmara Corporativa será a maior de sempre

Tal como a Assembleia Nacional, a Câmara Cor-

(Continua na 15.ª página)



HOJE 28 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA



O acto da entrega da placa de prata ao director do «Diário de Lisboa», dr. António Pedro Ruella Ramos

Uma placa de prata oferecida ao «Diário de Lisboa» por «A Propriedade Urbana»

Em representação do Boletim «A Propriedade Urbana», órgão do Instituto de Propriedade da Associação Lisbonense de Proprietários, e a propósito das comemorações ali-

sivas á sua fundação, verificada em 14 de Novembro de 1914, veio ao «Diário de Lisboa», a apresentar cumprimentos, uma delegação composta pelos srs dr. João Afonso Corte-Real, director e editor do respectivo boletim, eng.º José de Serpa Pinto, director e secretário da redacção, e, ainda, os directores srs. António Baptista Antunes, dr. Virgílio Ribeiro Reis, dr. Raul Rodrigues Cohen, dr. Manuel Mendes de Almeida e eng.º Augusto Afonso Bastos, que apresentaram cumprimentos.

Aqueles dirigentes e restantes membros directivos da Associação o Lisbonense de Proprietários depois de terem posto em relevo a acção do «Diário de Lisboa» pela causa do proprietário, entregaram ao nosso director, dr. António Pedro Ruella Ramos, uma placa de prata comemorativa da efeméride.

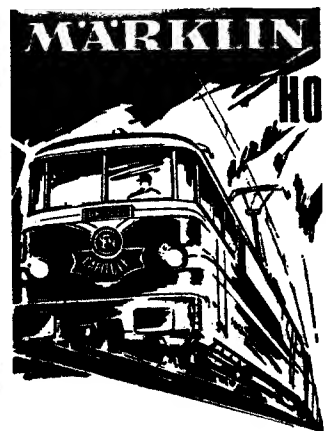
Félix Correia

Na Basílica da Estrela foi esta manhã celebrada missa de 7.º dia sufragando o nosso saudoso companheiro de trabalho Félix Correia. O piedoso acto decorreu pelas 10 e 45, estando presentes a família e amigos do saudoso jornalista, incluindo representantes do «Diário de Lisboa», o jornal da Félix Correia, onde permaneceu viva a recordação sentida de mais de quarenta anos da sua vida.

Foi celebrante o rev.º Luís de Azevedo Mafra. Entretanto, continuam a chegar ao nosso jornal condolências por motivo do falecimento daquele querido camarada de Redacção. Delas destacamos as enviadas pelo director (António Medina Júnior) e redacção do «Jornal de Sintra»; Noel Perdigão e gerência da Casa Garcês, Lda., do Chiado.

CONFERÊNCIAS

No salão paroquial de São João de Deus, o escritor Francisco Costa profere, na quinta-feira, ás 21 e 30, uma conferência sobre «O papel do escritor na Igreja de hoje».



O BRINQUEDO COM A MAIOR VARIEDADE DE APLICAÇÕES

MARKLIN

Cofres de aluguer
Av. República
BANCO DO ALENTEJO

● HOJE ÀS 20,45 e 23 HORAS



CONSELHO EM FAMÍLIA

● ENA JÁ VIU! * «ENA, JÁ FALAS» * ENA, JÁ RIU! ●

DE ONTEM PARA HOJE

O CENTENÁRIO DO MARECHAL CARMONA

Fez ontem um século que nasceu em Lisboa, na Rua de Santo António dos Capuchos, o marechal António Oscar de Fragozo Carmona. Filho de militar, a sua família era de Chaves e no Norte passaria grande parte da sua vida até atingir os postos superiores do Exército e assumir a chefia do Estado. Foi ministro da Guerra no Governo Ginstal Machado, com Cunha Leal nas Finanças e Julio Dantas nos Estrangeiros; aderiu ao movimento do 28 de Maio, depois de consumado, e poucas semanas volvidas o general Sinel de Cordes, um dos dirigentes, chefiaria novo movimento contra Gomes da Costa e punha o general Carmona na Presidência do Ministério e na Chefia do Estado. Ocupou-a até á sua morte. Conterme ontem noticiámos, a comissão nacional das comemorações centenárias tomou posse no Palácio Nacional de Belém. Em nome de todos falou o presidente da comissão executiva, general Santos Costa; falou depois o sr. Presidente da Republica. O general Santos Costa disse: «Nos tempos que vão correndo, não pode considerar-se facto banal a circunstancia de tantas pessoas eminentes, dominadas por um pensamento comum de respeito e de gratidão, se terem reunido para solenizar e exaltar um grande da Nação que dirigiu os seus destinos e a soube impor ao respeito e á consideração dos diferentes países do mundo, no segundo quartel deste século.» Disse o sr. Presidente da Republica: «Não admira, pois, e o contrário seria muito de lastimar, que a propósito da passagem do centenário do nascimento de tão excelso português, que hoje ocorre, tivesse surgido a iniciativa, a todos os títulos feliz e justa, de comemorar acontecimento tão notável e que tanto viria a influir na vida nacional após ter findado o primeiro quartel deste século, gasto imprudentemente em lutas políticas que desprestigiaram terrivelmente o País e entravaram completamente a marcha do seu progresso.» Depois o sr. Presidente da Republica, acompanhado de todos os presentes, foi ao Panteão de Santa Engrácia, depor uma palma de bronze no tumulo do marechal Carmona.

MINISTROS DO MALAWI

Os ministros dos Transportes e Comunicações, e do Comércio e Industria da Republica do Malawi, respectivamente, srs. J. Msonthi e J. Tambu, foram ontem, á tarde, recebidos pelo sr. Presidente da Republica, a quem entregaram

uma mensagem do presidente Banda. A noite foram homenageados com um jantar, no Palácio das Necessidades, oferecido pelo subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, tendo-se trocado afectuosas saudações.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem os srs. dr. Luís Suplicio Pinto, presidente da Camara Corporativa; António de Medeiros e Almeida, presidente do conselho de administração da Fundação Salazar, e dr. Guido de Castro, com a sr.ª D. Maria Inês de Sequeira da Costa e Casanova.

NOVA

PRESIDENTE

Para o lugar da sr.ª D. Maria Margarida de Moraes, na presidência da Secção Auxiliar Feminina da Cruz Vermelha Portuguesa, foi nomeada a sr.ª D. Maria Amélia da Silva Pita e Cunha, que ontem tomou posse, numa cerimónia a que presidiu o brigadeiro dr. Ricardo Horta, presidente daquela instituição.

EMPRESAS ELÉCTRICAS

O sr. eng.º Rogério Martins, secretário de Estado da Industria, reuniu-se ontem, pela quarta vez, com os mandatários para a fusão das empresas da rede eléctrica primária, tendo participado nos trabalhos os srs. eng.ºs Gonçaves, Machado Vaz e Amaro da Costa e d.ªs Stilhini Vilela, Luís Sapateiro, António Amaral, Almeida e Sousa, Veiga de Macedo, Moreira Ribeiro e Pedro Reis.

ALEMÃO ACUSADO DE FOGO POSTO

Foi preso pela Polícia Marítima o marinheiro alemão Dieter Kapke, de 28 anos, solteiro, tripulante de um rebocador da mesma nacionalidade, que é acusado de ter deitado fogo á sruessa da marinhagem do petroleiro holandês «Zafra», acostado ao cais da Lisnave, para reparação.

Ao ser preso, declarou que não se lembrava de ter praticado o acto de que era acusado, talvez por estar embriagado. A verdade, porém, é que os prejuízos causados ascenderam a 40 contos e o comandante do navio exige uma indemnização, que tem de ser paga pelo consulado

da Alemanha Federal ou pelo capitão do rebocador do que o delicto é tripulante. O fogo não tomou maiores proporções, porque logo compareceram os bombeiros da Lisnave.

O marinheiro alemão, depois de deitar fogo á referida dependência do navio, parece que se teria arrependido do acto, porquanto ao ver o comandante do navio e outros tripulantes correrem para o local oposto ao do incêndio, foi ele próprio quem lhes indicou a direcção a tomar.

Ninguém quer as peles dos animais abatidos

Pelo segundo ano consecutivo, ninguém quer as peles dos animais abatidos no canal de Lisboa.

Mais uma vez ficou deserta, por falta de licitantes, a hasta pública promovida pela 4.ª Repartição dos Serviços Técnico-Especiais da C. M. L., para a venda das peles dos cães e gatos abatidos pelo processo de electrocução no canal municipal, que haveria de se efectuar hoje de manhã.

Foi sempre diminuta a comparência de licitantes em hastas públicas deste género, mas a total ausência de licitantes talvez lavre um protesto contra o abate dos cães e gatos validos que aparecem nas ruas de Lisboa.

Ou, o que é de aceitar, o desinteresse dos compradores por peles consideradas de categoria inferior esteja ligado ao avanço da técnica, no que respeita a peles sintéticas.

Agora toda a gente pode usar

Dentes postiços desreocupadamente

Coma, fale, ria ou espirra sem receio de que lhe caia, mova ou abale a dentura postiza mal fixa. DENTOFIX mantém as placas ajustadas firmemente dando maior conforto. Este pó agradável não dá gosto ou sensação gomosa ou pastosa. Não provoca náuseas. É alcalino (não ácido). Elimina o mau hálito das dentaduras. Peça Dentofix em qualquer farmácia ou drogeria.

3.º SALÃO DE EXPOSIÇÃO

NSU

Todos os modelos NSU em exposição e secção de carros usados provenientes de trocas

NOVO STAND

AV. DA REPÚBLICA, 84

(frente á feira popular)

TEL. 77 8073 • LISBOA

A POLÍTICA ALEMÃ DE SCHRÖEDER (I)

Um livro inquietante e revelador

Por ATTICUS

Gerhard Schröder — que esteve a ganhar por um triz as eleições presidenciais deste ano na R. F. A. — é uma das personalidades mais representativas da Alemanha Ocidental. Ele e Franz Josef Strauss foram os dois «discípulos» de Adenauer, o que significa que as suas ideias políticas se identificam com as do velho chanceler.

Fez a sua carreira política no seio do Partido Cristão-Democrata, desde os primeiros passos deste partido. Deputado logo no primeiro Parlamento da República Federal, aos 43 anos era ministro do Interior (designado em 20 de Outubro de 1963). Em 1961, foi ministro dos Negócios Estrangeiros, e passou, depois, para o Ministério da Defesa.

Em suma: ocupou, sucessivamente, os três principais Ministérios, sob a orientação dos três chanceleres: Adenauer, Erhardt e Kiesinger. Era ainda ministro da Defesa, quando o seu partido o escolheu como candidato às eleições presidenciais deste ano.

Um livro revelador

As suas ideias políticas, expostas por Schröder num livro que contém, principalmente, os discursos e outras declarações que ele fez no tempo em que era ministro dos Negócios Estrangeiros. Título do livro «Wir Grauchen eine heile Welt» (Precisamos de um mundo são).

O «mundo são», tal como ele o concebe, seria feito à imagem da política da R. F. Alemã, depois de estar resolvido, à sua maneira, o problema alemão. Examina todos os temas que se relacionam com este problema, de maneira que o seu livro contém um pro-

grama político válido para o Governo Federal. O editor francês deste livro apresenta-o como uma «introdução ao conhecimento da política da Alemanha Ocidental».

Schröder não está com meias medidas. Diz com franqueza o que pensa do «mundo são» por ele imaginado. Desde o começo da sua carreira política, como deputado ao primeiro Parlamento federal que traçou os princípios fundamentais da sua política (que era, também, a da República Federal) princípios esses que continuam válidos ainda.

São eles: a reunificação da Alemanha pela integração da Alemanha Oriental na República Federal; a recuperação dos territórios perdidos a Leste com a derrota do Reich hitleriano. Em resumo: a revisão do status quo político e territorial do pós-guerra.

Objectivos latos

No tocante à reunificação da Alemanha e à recuperação dos territórios perdidos a Leste, eis que Schröder diz, por altura já da formação do primeiro Governo Federal:

«Da que se trata? Precisamos de um Governo forte, com um programa claro e prático. Precisamos de um Governo que se amarre solidamente ao terreno do cristianismo e da civilização ocidental. Este Governo deve ser o porta-voz de toda a Alemanha e de

todos os territórios que ficam para além do Oder e do Neisse».

Vejamos em que consistia a política alemã para com a U. R. S. S., país directamente visado por esta política:

«A nossa frente ergue-se a ameaça do bolchevismo asiático, do «inimigo mortal» de tudo quanto a nossa existência significa: família, liberdade de trabalho, fé, liberdade e todos os valores religiosos, morais e culturais da nossa grande História ocidental. O bolchevismo e a sua 5.ª Coluna comunista estão prontos para nos submeterem ao jugo da escravidão colectiva do Leste».

Schröder coloca, assim, o problema alemão no plano do cristianismo e da civilização ocidental. Resolver este problema — se-



GERHARD SCHRÖDER — um «discípulo» de Adenauer

gundo entende a R. F. Alemã — seria servir um e outra. Procede, aliás, do mesmo modo quando coloca este problema no plano da defesa da Europa. Para combater o «inimigo mortal» cumpre que a República Federal possa participar nesta luta em plena posse do seu poder.

A única política

Schröder evita, é certo, apresentar a vontade de uma «explicação armada» com os soviéticos. «Inútil — declara ele — será dizer que se deve combater o bolchevismo e que a Alemanha deve ser reunificada na liberdade e na paz». Mas a maneira como ele expõe os princípios gerais da política alemã ocidental não deixa margem a uma solução pacífica do problema alemão. Ele próprio o reconhece francamente, quando, a propósito do restabelecimento da integridade territorial da Alemanha, diz o seguinte:

«Para nós é impensável pôr o problema de onde e em que medida (seja ela qual for) havemos de renunciar a qualquer parcela do território alemão. Para nós esse assunto não tem discussão».

E, ainda:

«A República Federal é a Alemanha. Todos os outros territórios alemães são territórios que nos foram arrebatados e que se mantêm indevidamente fora da unidade nacional. Deverão ser-nos restituídos».

Para Schröder, como para o Governo Federal, a derrota da Alemanha, na segunda guerra nunca se deu. O que deve ser restituído à Alemanha deve sê-lo em nome de princípios supremos. Proclama ele: «Para nós, que somos cristãos, é justo que chamemos ilegal ao que é ilegal. Para nós, não há compromissos com a injustiça». O que a República Federal reclama é «apenas, e nada mais, que a recuperação de todos os territórios alemães de Leste».

No pensamento de Schröder tudo se arranjará, quando o equilíbrio das forças na Europa se restabelecesse com vantagem para o Ocidente. Seria, então, possível conseguir tudo dos Russos, pacificamente, visto que eles já não estariam em condições de opor qualquer resistência. É a isto que Schröder chama uma «regulamentação geral» com a U. R. S. S. Diz ele: «Só nessa altura se poderia concluir uma paz verdadeira e duradoura». Isto é: uma paz que corresponda aos objectivos da política federal e que não volte a ser posta em causa, como «acontece» com a que ficou estabelecida após a derrota do Reich hitleriano.

Um «programa claro»

Schröder, contudo, não pensa que uma tal solução do problema germânico vá cair do céu. Para realizar o «programa claro» do Governo Federal, seria necessária uma política activa e enérgica, que Schröder concebe da seguinte maneira:

Na base, está, naturalmente, «a união de todas as forças do mundo cristão». Isto é primordial. «Toda a dispersão deste ou daquele grupinho beneficia o adversário e constitui um enfraquecimento da grande frente de defesa cristã, sem a qual a Europa não pode lutar contra o bolchevismo». A República Federal faz parte desta frente, pois é através da «luta contra o bolchevismo» que ela alcançará todos os objectivos da sua política. Ouçamos uma vez mais o que nos diz Schröder a este respeito:

«A nossa Europa não se limita ao Ocidente mais a Alemanha Ocidental. Consideramos que a Europa Oriental também faz parte dela. Isto é tão evidente, que não precisamos de o repetir».

Com efeito, a Europa só ficaria completa quando a Alemanha abrangesse todos os territórios que hoje não fazem parte da República Federal: isto é, o Estado da Alemanha de Leste e os territórios situados para lá da linha Oder-Neisse; isto é quando o problema alemão estivesse resolvido.

ULTIMO ARTIGO:

O IMPERATIVO DA GUERRA-FRIA

Nota do dia

VAI SUBIR O PANO

A ASSEMBLEIA NACIONAL, a nova ou que é suposta como tal, abre hoje os seus trabalhos. Não é exagero que se diga, nesta altura, que se fez no País uma atmosfera de expectativa e curiosidade sobre o que possa vir a ser o seu estilo de acção. Tudo se reuniu, efectivamente, para que se compusesse tal ambiente, donde as declarações de intenções dos que foram designados como responsáveis até à selecção que se fez ou tentou fazer-se dos nomes a reunir para a composição do elenco que veio a ser oferecido ao eleitorado.

A Câmara que se pretende nova e até pode ser que o seja tem diante de si um programa de certa vastidão, por um lado, pelas obrigações que especialmente lhe são fixadas (revisão constitucional e eleição presidencial) e, por outro lado, pelas iniciativas que lhe podem caber ou pelo curso que der a propostas de que o Governo, como se tem dito, possa tomar iniciativa. Tudo isto é uma variadíssima gama das perspectivas para o quadriénio que hoje se inicia.

Vão aparecer caras novas na Assembleia, vão ressuscitar alguns deputados que os ventos de lá tinham afastado, segundo ao tempo se disse, como paga de algumas ousadias, então, porventura, tidas por inconvenientes. De uns e outros se espera, não se hesita em dizê-lo, uma certa capacidade de acção, uma contribuição útil e motora para o debate que se pretende vivo e esclarecido de alguns problemas fundamentais que se torna urgente decidir.

A avaliação do trabalho político da Assembleia Nacional que hoje se reúne pela primeira vez (para os trabalhos preliminares) há-de vir a fazer-se pelo modo como der curso ao conjunto de formulações que o Professor Marcello Caetano tem vindo a definir desde que assumiu as suas actuais funções de Presidente do Conselho. É a altura. Cada discussão será, uma após outra, uma pedra de toque. Não temos dúvida de que o País vai estar atento porque se considera interessado. E não temos dúvida também de que esta capacidade de atenção do País deverá regozijar o Governo.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

CRUZEIROS «abreu»
FIM DE ANO
CRUZEIRO «SUN CIRCLE»

Conforto • Repouso • Sol • Diversões
A bordo do «ORPHEUS», um luxuoso paquete especialmente concebido para Cruzeiros, visitando: CASABLANCA, TÁNGER, COSTA DO SOI, ETC. Partida de Lisboa em 28 de Dezembro.
Uma semana de férias inesquecíveis — Preço (classe única) 4.350\$00
Outras partidas: 14 e 21 de Dezembro.

CRUZEIROS À MADEIRA

ILHA DA MADEIRA
A bordo do N.T. «FUNCHAL» — De 27-12 a 2-1-70
Preços desde 2.300\$00 (tudo incluído)
A bordo do N.T. «ANGRA DO HEROISMO» — De 29-12 a 3-1-70
Preços desde 2.050\$00 (tudo incluído)
Inscrições limitadas. Escolha de camarotes no momento da inscrição.
AGENCIA ABREU-FUNDADA EM 1940
LISBOA: Avenida da Liberdade, 160 — Telef. 320021 (15 linhas)
PORTO: Avenida dos Aliados, 207 — Telef. 37921 (15 linhas)
COIMBRA: Rua da Seta, 2 — Telef. 27011/2/3

SENSACIONAL

DISCOS DESDE 7\$50
LIQUIDAÇÃO TOTAL

CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª

RUA DO CARMO, 11

LISBOA

...elas adoram PHILCO

A MÁQUINA DE LAVAR E SECAR TODA AUTOMÁTICA é extremamente manobrável... cumpre-se num bocado e pouquíssimas minutos a roupa fica extraordinariamente bem lavada e... seca, pronta para ser passada a ferro. LAVAR E SECAR NUMA SÓ OPERAÇÃO é uma vantagem que todas as DONAS DE CASA DEVEM usufruir com dedicação.

PHILCO na vanguarda do progresso.

A VENDA NOS REVENDEDORES AUTORIZADOS REPRESENTANTES GERAIS EM PORTUGAL: ARNALDO TRINDADE & CA. Lda. RUA SANTA CATARINA 17. PORTO

ora diga-nos...

— Tem medo de trovoadas?

«Quando arreventavam as primeiras trovoadas, ficava inquieto, com uma coisa roendo, e não dormia.» (Lins do Rego, in «Pedra Bonita», pág. 41).

• Nenhum dos nossos três entrevistados de hoje tem medo de trovoadas.

— Não tenho medo nenhum — disse-nos o sr. Francisco Alberto Sá Ferreira, de 32 anos, empregado bancário.

— Ora, a trovoada é a consequência de uma descarga eléctrica provocada por excesso de electricidade contida nas nuvens.

— Conhece algum pro-

vérbio relacionado com trovoadas?

— Sim, aquele que diz: «Só se lembra de Santa Bárbara quando faz trovoada».



• Por seu lado, o sr. César Valente, de 23 anos, estudante, também não tem medo, mas olhe que «uma trovoada grande, mesmo grande, pode impressionar».

— Se bem me recordo do que me ensinaram, a

trovoada é o barulho provocado pela descarga eléctrica que é o relâmpago.

• Para o sr. José Manuel Mesquita, de 31 anos, vendedor comercial, a trovoada é consequência do «encontro de dois corpos».

— E tem medo, sr. Mesquita?

— Não, não tenho. Acho que há suficiente protecção contra os seus perigos.



CORREIOS EM FIM-DE-SEMANA OS C. T. T. GARANTEM UMA TIRAGEM GERAL AO DOMINGO À TARDE

Se o leitor deitar uma carta num marco ao domingo, esta será distribuída na segunda-feira, garantem os C. T. T. em resposta à nossa interrogação motivada por queixas várias — alegando que assim não acontece — recebidas no nosso jornal.

— Impunha-se que adoptássemos este regime a fim de dar uma satisfação ao pessoal. Isto porque até se verificava já anteriormente uma quebra quase total de movimento, o que não justificava de maneira nenhuma a mobilização total do pessoal — disse-nos um informador oficial dos C. T. T.

— De resto, este sistema já fora adoptado há longos anos em toda a Europa e praticamente agora só Portugal e a Grécia ainda não tinham aderido.

— acrescentou o director de serviços, dizendo ainda a finalizar:

— De qualquer modo, aos domingos garantimos uma tiragem geral à meio da tarde e os serviços de selecção de correspondência é mantido, além de garantirmos as ligações imediatas com gares marítimas e aeroportos.

De acordo com os C. T. T., portanto, o novo regime de trabalho não justifica as queixas que nos têm sido endereçadas. De facto, as comunicações urgentes continuam a ser normalmente mantidas via telefónica e telegráfica e as cartas hoje em dia têm muito menos esse carácter de urgência, a menos que se trate do envio de documentos ou de exposições longas em demasia para serem enviadas por vias urgentes.

Acertámos, portanto, o passo pela Europa, em matéria de condições de trabalho na organização postal é o que se pode admitir do acima exposto e seguido pelos C. T. T.

Segundo ainda disseram nos C. T. T. as grandes empresas, por exemplo, compreenderam e aceitaram perfeitamente o novo sistema, orientando os seus serviços de modo a que não se experimente embaraços no andamento de correspondência. Quanto ao público, em geral, trata-se de uma questão de educação ou... educação. A propósito na Alemanha, para exemplificar, houve, quando se adoptou o processo, uma intensa campanha de educação e esclarecimento junto do público através da publicidade.

de na rádio, televisão, cinemas e jornais,

1. Simpósio de Oncologia Pediátrica

Realizou-se em Madrid o 1.º Simpósio de Oncologia Pediátrica, que teve o patrocínio da nova Sociedade Internacional de Oncologia Pediátrica e foi organizado pelo Departamento de Cirurgia Infantil da Clínica Infantil La Paz, de Madrid, pertencente à Seguridad Social Española.

Este congresso veio chamar a atenção sobre o problema das neoplasias na infância e para as boas possibilidades actuais de cura em muitas delas, com um tratamento adequado e feito a tempo, salientando a necessidade de combater as atitudes derrotistas muitas vezes existentes nessas situações.

No decorrer do importante congresso, em que participou o dr. António Gentil Martins, chefe do Serviço de Pediatria Oncológica do I. P. O. e cirurgião pediátrico dos H.C.L., que ali foi apresentar três trabalhos sobre «o tratamento dos tumores renais na infância», «os tumores da cabeça e pescoço na infância», e «Granuloma maligno médio-facial na infância», foi sugerida a criação de Centros de Oncologia Pediátrica, em tudo correspondendo aos moldes adoptados entre nós no Instituto Português de Oncologia de Francisco Martins, que é um dos percursores europeus dessa moderna orientação.

existimos para o servir



para o servir - um Director especializado



Com certeza que não vai utilizar os conhecimentos de todos os nossos especialistas de assuntos comerciais ou industriais. Vai, de facto, solicitar a presença de um conhecedor profundo e experiente do ramo que mais lhe interessa. E, seja ele qual for — vinhos, conservas, cortiças, electrodomésticos, construção civil ou qualquer outro — terá a seu lado, prontamente, a pessoa indicada para resolver o seu problema.

Existimos para o servir...

...Para o servir — o nosso serviço personalizado, com «saber de experiências feito». Diálogo, estabilidade, interesse — solução para o seu caso pessoal.

BANCO FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente

BRINDE DE NATAL

APROVEITE AGORA!

FACILIDADES ATÉ 36 MESES...

TELEVISORES
FRIGORÍFICOS
MÁQUINAS
DE LAVAR
SOFÁS-CAMAS
MAPLES
ALCATIFAS
MOBÍLIAS
AQUECIMENTO

COM GARANTIA

SEM

ENTRADA
PROBLEMAS
FIADOR
MASSADAS

Telefone ou escrava-nos
e saberá como

SUPERMANOS

L. DO MASTRO, 3 a 9 (ao Campo Santana)
Telefone: 56 24 11 (10 linhas) LISBOA

Jacinto Ramos reaparece no Teatro Laura Alves em «Forja» de Alves Redol

Jacinto Ramos, nome de teatro que ao Teatro tem dado muito do seu talento e do seu esforço não só como ator mas também como encenador e realizador (recordem-se os seus êxitos mais recentes «Adorável Mentiroso», «O Diário de um Louco», «O Porteiro», «O Jovem Mentiroso» e «Pepsie») vai reaparecer dentro de dias, no Teatro Laura Alves.

Com efeito, após uma digressão por Angola e Moçambique, o empresário Vasco Morgado chamou de novo a Jacinto Ramos reaparecerá na peça de Alves Redol, «Forja», tendo a seu lado um grupo de artistas portugueses que constituem uma no-

va Companhia de verdadeiro teatro dos nossos dias: Carmem Dolores, Síndie Philipe, António Montez, Manuela de Freitas, Norberto de Sousa, Maria Margarida, Luís António e o pequeno Alexandre Paulo. «Forja», uma tragédia inquietante, audaz, surpreendente de técnica, modelar de processos e completa de segurança nos seus efeitos dramáticos, onde o grande romancista, que o é, Alves Redol se imobiliza para deixar vir a primeira plana o dramaturgo potencial constitui um espectáculo de alto nível que Vasco Morgado vai apresentar dentro de dias no palco do teatro Laura Alves.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

encenada por Adolfo Gutkin
TEATRO VILLARET
VOLPONE
5 ÚNICOS DIAS
ESTREIA
6.ª - FEIRA
AS 21.45 HORAS (ADULTOS)
de Ben Jonson
pelo GRUPO CÉNICO DA ASSOCIAÇÃO ACADEMICA DA FACULDADE DE DIREITO DE LISBOA
A peça que obteve da crítica a mais alta pontuação

TIVOLI • ÀS 18 E 30
AMANHÃ E DEPOIS
ULTIMOS DIAS DE

«AMANHÃ
DIGO-TE
POR
MÚSICA»

PELO
GRUPO 4

BILHETES
A VENDA

DESCONTO DE 50%
A ESTUDANTES



M/17
ANOS

OPEL LICAR



Kadett
OLYMPIA
REKORD
COMMODORE

LICAR
AV. CASAL RIBEIRO, 48-A-LISBOA1



BALÃO VERMELHO
TUDO PARA CRIANÇA

SECÇÃO N.º 3

UMA COLEÇÃO CRIADA E ADAPTADA A SUA PERSONALIDADE
CHEGARAM CASACOS E CONJUNTOS INGLESES

AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 1-B - Telef. 41279



José Manuel Osório nasceu há 22 anos, em Leopoldville, mas veio depois para Lisboa, onde completou os estudos secundários e frequentou (até ao 3.º ano) a Faculdade de Direito. Trocou a Universidade pelos palcos: estreou-se como profissional na peça «Anatomia de uma história de amor» (de Luzia Maria Martins) e mais tarde gravou o seu primeiro álbum musical para a «Movieplay». Em dois discos de 45 r. p. m. estão incluídos poemas de António Botto, Maria Helena Reis, Manuel Alegre, Luísa Netto Jorge, José Carlos Ary dos Santos, Vasco de Lima Couto, João Fomes Vital e Mário de Sá Carneiro. Na capa desse álbum, encontra-se um desenho de Francisco Relógio

Em ODEIRA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Augusto da Conceição Correia, Rua Alexandre Herculano, 16.

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- A escritora Luzia Maria Martins e Helena Félix estão a envidar os melhores esforços no sentido de conseguir a reabertura do Vasco Santana.
- A peça de Alves Redol, «A forja», deve subir à cena durante o mês de Dezembro no Teatro Laura Alves.
- Alberto Ghira regressa no princípio do ano à companhia do Teatro da Estufa Fria.
- A peça «Descida de Orfeu», de Tennessee Williams, deve ser representada pelo elenco de Carlos Avilez.
- Após o seu regresso de África, Laura Alves reaparece no Monumental. Indigita-se Fernanda Borsati para interpretar a protagonista da peça «Celestina».
- Volta a falar-se no regresso de Milu à revista, que estaria incluída numa companhia a formar por Eduardo Damas.

O CAMINHO PARA UMA NOVA FORMA DE EMOÇÃO!!
ONDE ACABA O ROMANCE E COMEÇA O PESADELO!?

Technicolor
ADULTOS

De sensação em sensação,
num clima de alta emoti-
vidade, você viverá os 108
minutos deste filme...



**MINUTO
A MINUTO
SEM
RESPIRAR**



CAROL WHITE • PAUL BURKE

SCOTT HYLANDS • MALA POWERS

Real. MARK ROBSON

HOJE ESPECTACULAR
ESTREIA às 21.30 no MONUMENTAL



NO VARIEDADES

NA NOVA REVISTA

PEÇO A PALAVRA!

PODERÁ EM BREVE VER

A VEDETA BRASILEIRA

E LOÍNA

ACOMPANHADA DE UM GRANDE ELENCO

CONVITE

A REGISCONTA CONVIDA-O A VISITAR A SUA
EXPOSIÇÃO DE MATERIAL DE REPRODUÇÃO

OCÉ-MINOLTA

ONDE APRESENTA MÁQUINAS QUE UTILIZAM OS
NOVOS PROCESSOS

- HELIOGRÁFICO SEM REVELAÇÃO AMONICAL
- ELECTROSTÁTICO

DESTINADAS A ESCRITÓRIOS, ATELIERES DE ENGENHEIROS,
ARQUITECTOS, ETC.

LOCAL - HOTEL DIPLOMÁTICO, RUA CASTILHÓ 74, LISBOA
DIAS - 25, 26, 27 E 28 DE NOVEMBRO DE 1969
HORAS - DAS 16 ÀS 23 H.

Regisconta LISBOA - PORTO - COIMBRA - FARO - LEIRIA



«Les petits pains au chocolat» e «Les Champs Elysées» são as mais recentes criações de Joe Dassin, que está no cartaz do «Olympia» parisiense com todo o êxito. Dassin, que nasceu em Nova York, estudou em diversos países, acompanhando as deslocações do pai, diplomata de carreira. Ingressou no campo musical como «disc-jockey», tornando-se igualmente compositor. Há 6 anos apresentou-se como intérprete: actualmente as suas melodias que citamos figuram no «hit-parade» parisiense.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

GIL VICENTE — Cascais Telet. 280919
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL
APRESENTA AS 22 HORAS
EUNICE MUÑOZ interpretando **ARRABAL**
com SANTOS MANUEL, VITOR DE SOUSA
e CARLOS PAULO
Trad. ANTONIO BARAHONA DA FONSECA
Encenação **CARLOS AVILEZ**
SUBS. FUNDO TEATRO — FUNDAÇÃO GULBENKIAN — ADULTOS

Nos regimes dietéticos
em que seja necessária
a substituição do açúcar

Pode confiar-se em

ME-TA-SWEET

que tem unicamente como princípio activo a

SACARINA SÓDICA SOLÚVEL

o consagrado edulcorante artificial
que não causa acções secundárias

Inteiramente original
na forma de administração

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

Distribuidores para Portugal:

HERBERT CASSELS, L.^{DA}

Avenida 24 de Julho, 56 — LISBOA-2

Telefones: 061778 - 674509

HOTEL DOM CARLOS
A reputação do nosso RESTAURANTE é feita pelos
seus próprios clientes. A par da cozinha internacional há
sempre uma especialidade portuguesa à sua disposição.
AMANHÃ AO ALMOÇO:
CALDEIRADA DE CABRITO
AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53 90 71 — LISBOA

«ROCCO E SEUS IRMÃOS» EM SESSÃO CLÁSSICA NO CINEMA IMPÉRIO

«Rocco e seus irmãos», pode, sem dúvida, incluir-se no campo do cinema social. O realizador Luchino Visconti tem procurado, com efeito, abordar nos seus filmes problemas desta natureza, mas apesar do valor de toda a sua obra, Visconti atinge ponto mais alto com «Rocco».

Realmente, os seus filmes anteriores, embora apresentando sempre grande virtuo-

sismo, abandonam por vezes os objectivos a que este realizador habitualmente se propõe, tomando o carácter puramente artístico, como em «Noites Brancas».

O que há a analisar na obra de Visconti, muito especialmente na que se exhibe na próxima sessão clássica do Império, não é a realidade dos problemas propostos, problemas sempre actuais e dum interesse iniludível. Há sim que verificar a sinceridade e honestidade das soluções propostas, uma vez que nem sempre este realizador nos apresenta a mais aconselhável solução dos problemas.

«Rocco e seus irmãos», interpretada magnificamente por Alain Delon, Annie Girardot, Claudia Cardinale e Renato Salvatori, premiado com o «Leão de Prata» na Bienal de Veneza, é o filme que Império exhibe amanhã, às 18 e 30, a sua tão consagrada sessão de cinema clássico.



Decorreu, no passado sábado, em ambiente de alegria e franca camaradagem, o almoço comemorativo do 5.º aniversário da firma Diagrama — Centro de Estatística e Análise de Mercados, Ld., que se dedica ao «controle» e estatística de publicidade. Estiveram presentes os seus empregados e os mais directos colaboradores.

RECINTOS DE DIVERSÕES

- * Alfredo Duarte Junior regressou ao elenco artístico da «Viela».
- * Já se encontra nos Estados Unidos o «show» de que faz parte Joaquim Cordeiro.
- * A cantadeira Odete Mendes estreou-se na «Seve-
ra», onde está também a actuar Natalina Bizarro.
- * Ana Hortense foi convidada a gravar um novo disco.
- * Toni de Matos deve regressar a Lisboa antes do Natal.

Teatro Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras
(à Av. de Roma)
Telef. 71 70 17 — ADULTOS

**2.º MÊS
DE ÊXITO**

O ESPECTÁCULO QUE
O PÚBLICO ENTENDE
E APLAUDE DE PÉ
ENTUSIASTICAMENTE
TODAS AS NOITES
ÀS 21.45 H.

**TOMBO
NO
INFERNO**
de AQUILINO RIBEIRO

DIRECÇÃO DE
IGREJAS CAEIRO

Subsídios: Fundação Gulbenkian e Fundo de Teatro

**CASA
DA
COMÉDIA**
R. S. Francisco
Borja, 22
Marçoções:
Tel. 677299
HOJE ÀS 22 H.

A Dança da Morte

de August Strindberg
direcção de Jorge Listopad
com Carmen Dolores, Alvaro Benamor e Augusto Figueiredo
Maiores 17 anos
subsidiado pelo Fundo Teatro
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
MATINÉE ÀS 16 H.
C/ COLÓQUIO
ÚLTIMA SEMANA

COLISIU

HOJE ÀS 21.30

(Maiores de 12 anos)

NOITE DA MODA

**NOVA
COMPANHIA
INTERNACIONAL
DE CIRCO**

AS MAIORES ATRACÇÕES
UM EXCELENTE GRUPO
DE BARRISTAS
MEXICANOS

CAPITÓLIO

Tel. 320979

ÀS 21.45 H.

M/ 17 anos

UM ÊXITO MEMORÁVEL
**O PECADO
DE JOÃO AGONIA**

de B. SANTARENO
SÁBADO — Tarde a preços
reduzidos
DOMINGO — Tarde dedicada
a estudantes
Amanhã: Réclame do autor.



ELOINA



SPINA

Brevemente NO TEATRO T 32 60 3
VARIEDADES

GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
OFERECEM AO PÚBLICO DE LISBOA
UMA NOVA REVISTA POPULAR

PERD A PALAVRA!

DE: PAULO DA FONSECA, CÉSAR DE OLIVEIRA
E ROGÉRIO BRACINHA

MÚSICA DE: JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS

COM:

AIDA BAPTISTA • CARLOS COELHO

ELOINA • SPINA

A GRANDE ATRACÇÃO NACIONAL

ANTÓNIO CALVÁRIO

MAX • ANITA GUERREIRO

A FRENTE DE UM GRANDE ELENCO

UM SENSACIONAL

«BALLET» INTERNACIONAL

**50 FIGURAS
EM CENA**



ANTÓNIO CALVÁRIO

**MARIA
VITÓRIA**

• A REVISTA TRIUNFANTE!!!

• ÀS 20,45 • 23 HORAS:

**ESPERTEZA
SALOA**

Um óptimo elenco, com
SALVADOR, JOSÉ VIANA, MARIEMA,
BARROSO LOPES, DORA LEAL • A
atracção nacional HELENA TAVARES
• A atracção filipina «THE MELODIES»
A frente de uma grande companhia!

A revista que não admite comparações!



VITOR MENDES
no «Salva-Vidas»

PEÇO A PALAVRA

— nova revista
no Variedades

O Teatro Variedades, um dos mais populares teatros da revista do Parque Mayer, abriu, dentro de alguns dias, para apresentar uma nova revista produzida pelos empresários Giuseppe Bassi e Vasco Morgado.

«Peço a Palavra» — assim se chama a nova revista —



CARLOS COELHO

foi escrita por Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha e tem música de João Nobre e Carlos Dias. Com montagem dirigida por Pinto de Campos e guarda-roupa confeccionado pela empresa, «Peço a Palavra» será representada por um grande e sensacional elenco, composto por Áida Baptista, Carlos Coelho, um dos mais populares actores do seu género, Spina, o artista brasileiro de maior nome em Portugal, a vedeta brasileira Eloísa, os populares Max e Aníla Guerreiro e ainda Helena Cardinali e Victor Espadinha. A atracção nacional será António Calvário.

Completará o elenco um lindo friso de jovens actrizes e um grande «ballet» internacional, muito bem ensaiado por Mariano Franco.

Dentro de alguns dias, o público terá uma nova oportunidade para apreciar em mais um teatro do Parque Mayer — o Variedades — o seu género preferido de espectáculo, a revista.

Artes plásticas**A exposição de Elena Muriel**

Muito tempo afastada do público, das exposições colectivas e individuais, era como se Elena Muriel, pintora de tonalidades brandas, toda suavidade e solidária com os fracos e os humildes, tivesse sido sacrificada à dona de casa. Anos correram sobre essa artista. Era como se apenas a arte literária continuasse a ser moeda corrente, lá em casa, já que os livros do outro elemento do casal continuavam a aparecer e a dar a volta ao mundo.

Entretanto, a filha cresceu e está quase médica. Elena Muriel aparecia sempre nas exposições dos colegas, nas apresentações colectivas. A artista virara apenas em apreciadora?

Há um ano eis que na Galeria do «Diário de Notícias» surge nome novo para as novas gerações. Como se fora nome da casa dos vinte. Os frequentadores de exposições lembraram-se dele todavia. E ali reencontraram Elena Muriel, humana, cheia de simplicidade e compaixão pelos desprotegidos. Afinal a artista não deixara de o ser e voltava à sua arte.

E voltava à arte com tamanha entusiasmada que ali a temos mais uma vez na Galeria do «Diário de Notícias», ao Chiado. Desta feita, salientemos em primeiro lugar o retrato de Elsa Muriel Ferreira de Castro, elo entre a literatura e a pintura. Elsa Muriel retratada por sua mãe.

Elena Muriel voltou à pintura e havemos de dizer que o traço renovado e persistente lhe dá agora uma força, uma nitidez de planos, mantendo a mesma suavidade de tintas e de intenções, misto se coadunando com os temas, superiores às de há um ano. Os dois retratos, aquelas crianças, os gatos são obra de uma pintora felizmente reaparecida.

A mesma elegância e as mesmas tonalidades em amarelo da exposição anterior, mas

a pintora define melhor as linhas do quadro e faz-nos viver o ambiente com mais intensidade. Anotemos ainda aquela árvore em azul, à entrada da sala, logo à direita.

A dona de casa, a mãe, afinal não desfez a artista; apenas a pusera de lado enquanto a filha crescia. Ali está agora a mesma pintora, revendo-se até embevecida ao pintar sua filha.

Exposição colectiva na Galeria de Arte Moderna

Na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes foi ontem à tarde inaugurada a exposição colectiva.

Na exposição participam diversos artistas muitos dos quais estiveram presentes à inauguração, bem como muitos amadores de arte e coleccionadores.

ARTUR (SÍSIFO) SEMEDO

PÔS A FORÇA À PROVA...

É costume nos bastidores de teatro e pessoal de cena fazer uma partida aos actores na última representação. O costume foi ontem retomado no Villaret.

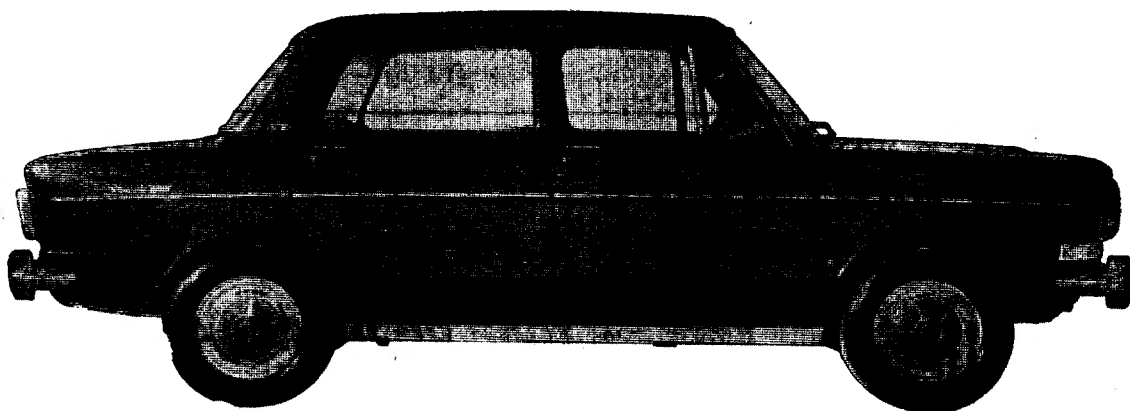
Representava-se pela última vez e com a sala esgotada a peça de Murray Schisgal «Amor às riscas». Numa das cenas (aquela em que, no segundo acto, Artur Semedo tem que entrar no palco pegando num saco com roupa) os espectadores aperceberam-se de que os outros actores, Jo Alvarenga e Raul Solnado, não puderam disfarçar o riso, que durante

alguns momentos perturbou o espectáculo. E não era motivo para menos. O que se passara fora isto: o contraregra e o pessoal de cena tinham substituído a roupa do saco de Artur Semedo por pesos dos que se usam para segurar os cenários, e o actor, quando julgava fazer o esforço mínimo a que se habituara durante as representações, viu-se forçado a erguer mais de cinquenta quilos e a entrar assim em cena, qual Sísifo transportando o seu fardo.

Ninguém levou a mal e todos acharam graça.

SIMCA

1000



Um carro para destacar entre mil!



CHRYSLER

DE PORTUGAL

O SIMCA 1000 é precisamente o carro que V. escolheria entre mil se ainda quisesse ver os outros 999!

E porquê?
É um pequeno-grande carro de 4 portas que o transporta a si e toda a família num ambiente de conforto surpreendente. Proporciona verdadeiro prazer na condução e uma tranquila sensação de estabilidade na estrada. Oferece-lhe 2 modelos distintos e ainda 4 velocidades sincronizadas e a garantia de um investimento proveitoso devido ao seu alto valor comercial.

...em todo o país encontrará a estrela Chrysler!

Agentes em: Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Funchal, Guarda, Leiria, Lisboa, Malaposta, Ponta Delgada, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, S. João da Madeira, Tomar, Torres Vedras, Vila Real e Viseu.

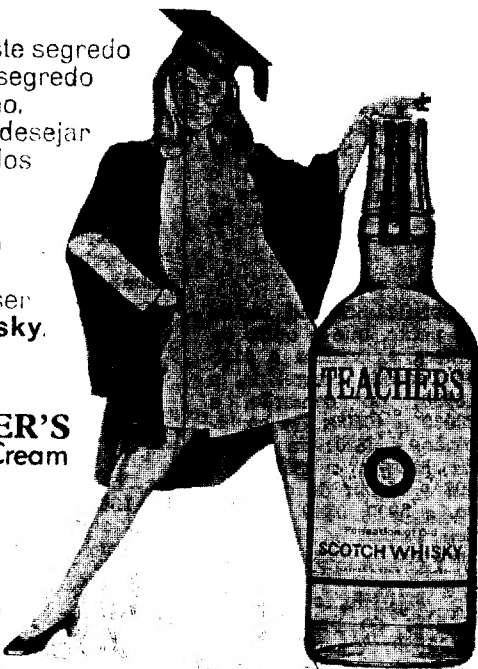
uma escolha de mestre

Aprenda este segredo secular, o segredo da perfeição. Aprenda a desejar o melhor dos sabores. Aprenda a conhecer o whisky que passará a ser o seu whisky.

TEACHER'S
Highland Cream



o mestre entre os whiskies



BB Soc. Com. Blandy Brothers (Lisboa) Lda.
R. Victor Cordon, 31-1º — Telef. 36 65 51



Os bonruchos, estavam
a 12\$00 e 13\$00; o bo-
lho bravo, a 35\$00 e
88\$00; a perdiz, a 28\$00
e 30\$00; a lebre, a 43\$00,
55\$00, 60\$00 e 65\$00.

Nomeados dois vice-reitores para a Univeridade de Lisboa

— os profs. Pinto Peixoto e Borges de Macedo

Pela primeira vez uma Universidade portuguesa — a de Lisboa — vai ter dois vice-reitores: os profs. José Pinto Peixoto e Jorge Borges de Macedo, respectivamente das Faculdades de Ciências e de Letras. A nomeação vai ser enviada para o «Diário do Governo» (ao abrigo do Decreto n.º 49 280, de 3 de Outubro passado, que veio permitir a existência de dois vice-reitores nas Universidades em que o elevado numero de alunos ou o desenvolvimento e complexidade dos serviços o justifiquem) ao mesmo tempo que a portaria de exoneração, a seu pedido, do prof. Kurt Jacobson, que actualmente exerce aquelas funções e a quem será dado «publico testemunho de louvor pela competência, zelo e dedicação demonstrados no exercício do cargo».

O prof. dr. José Pinto Peixoto nasceu em Muzela (Guarda) em 1922. Licenciou-se em Ciências Matemáticas na Faculdade de Ciências de Lisboa em 1944. Oito anos depois concluiu na mesma Faculdade a licenciatura em Ciências Geofísicas, obteve o grau de doutor em 1955 e o de professor agregado em 1964, ascendendo a professor catedrático no princípio de 1969.

Foi-lhe atribuído o Prémio Artur Malheiros em 1960.

Simultaneamente com a sua actividade docente foi meteorologista do Serviço Meteorológico Nacional, onde chefiou a Direcção de Estudos e Investigação. Estagiou no Serviço Meteorológico do Canadá e frequentou a Universidade de Toronto, em 1948. Estudou, também, durante dois anos (1954-1956), no Massachusetts Institute of Technology (M. I. T.), ao qual se mantém ligado, desde então, integrado na direcção do «Projecto das Circulações Planetárias» e onde tem actuado como professor visitante.

Tem, também, proferido lições em outras Universidades estrangeiras, e sócio de várias instituições científicas e tem representado o nosso País em congressos e conferências internacionais. Tem publicado numerosos trabalhos científicos e foi recentemente designado membro do Conselho de Fomento Cultural do Instituto de Alta Cultura.

Quanto ao prof. Jorge Borges de Macedo nasceu em Lisboa, em Março de 1921. Licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa foi professor de estabelecimentos de ensino particular, nomeadamente no Colégio Moderno. Doutorou-se em 1964, com a classificação de 19 valores. A tese apresentada, «Problemas da História da Indústria Portuguesa no século XVIII», constitui o ponto de partida para a História da Indústria Portuguesa que prepara. É professor catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa. Desde Julho de 1964 que é secretário do Centro de Estudos Históricos do I. A. C. anexo à Faculdade de Letras de Lisboa.

Tem participado em numerosos congressos internacionais de História e Arqueologia e publicado muitas obras de sua especialidade — uma delas (introdução à Filologia e Paleografia) em 1946, de colaboração com José Sampaio.

Desde 1947 que empreende a edição de textos da cultura

ra histórica contemporânea, tendo traduzido para português obras de historiadores de língua inglesa

Em três linhas

O pintor Angelo de Sousa foi contratado para segundo-assistente além do quadro da Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

Foi fixado o perímetro de protecção das igrejas de Santo António e S. Sebastião e das muralhas e torresões da cidade de Lagos, classificados de monumento nacional.

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

Morreram, em combate, na provincia de Moçambique, os seguintes militares: o soldado n.º 07936967, Manuel Custódio Rosa, natural de S. Tiago — Tavira, filho de João Pirra e da Ana Rosa; o soldado n.º 701604/68, Mateus Ferreira Sopas do recrutamento da provincia; e na provincia da Guiné, o soldado n.º 00049367, Henrique Guilherme Costa Salvador, natural de Loures, filho de Joaquim Heleiro Salvador e de Ana da Costa Salvador.



ENTRE
NA VIDA
COM O
PÊ DIREITO!



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

Actualidade internacional

OS TRIPULANTES DA APOLO-12 A CAMINHO DO HAWAII

HOUSTON, 25 — (R.) — Os capitães de mar-e-guerra Charles Conrad, Alan Bean e Richard Gordon — promovidos a noite passada para essa patente naval pelo presidente Nixon — vinham hoje a caminho do Hawaii, a bordo do porta-helicópteros de recuperação «Hornet», e continuavam a ser sujeitos a interrogatórios acerca da sua missão lunar, que se iniciou quase imediatamente depois da amarração de ontem no Pacífico. Dos resultados desses interrogatórios dependerá a decisão sobre se se realizará a terceira expedição de desembarque lunar, planeada em 12 de Março do ano passado.

Não existem actualmente planos para modificar o intervalo de quatro meses entre as missões das Apolos 12, 13 e 14, mas funcionários da agência do espaço mostram-se ansiosos por ouvir todos os detalhes possíveis das experiências de Conrad, Bean e Gordon.

Comunicação de Nixon

WASHINGTON, 25 — (A. N. I.) — O presidente Nixon profere hoje, às 10 horas locais (16 de Lisboa), novo discurso, tido como «uma comunicação importante» — anunciou o secretário da Imprensa da Casa Branca, Ronald Ziegler.

Embora sem revelar o tema do discurso, Ziegler declarou terminantemente que não se trata de anunciar nova retirada de tropas norte-americanas do Vietnam.

Em particular pretendem interrogar Conrad, o comandante da missão, sobre a sua observação no domingo de que «fiz tudo o que pude para conseguir que o LEM (módulo lunar) descesse inteiro».

Impacientes por saber que problemas específicos encontrara Conrad na manobra do módulo, Christopher Kraft, director das tripulações de voo deste centro, sublinhou: «Podemos fazer melhor do que fizemos, de um ponto de vista de navegabilidade».

Bean, de 37 anos, é o mais jovem capitão de mar-e-guerra de sempre em tempo de paz na Marinha dos Estados Unidos, segundo revelou um informador naval. Detém, também, o «record» da promoção mais rápida de tenente para capitão-de-fragata, tendo permanecido na patente mais baixa apenas durante cinco meses.

Também a bordo do «Hornet» encontra-se o módulo de comando, o «Yankee Clipper», que foi levado para o porta-helicópteros pouco depois dos astronautas serem retirados do mar. O módulo, lavado com um fluido para evitar contaminações, será transportado para o Hawaii, onde

Adiamento da visita de Wilson a Moscovo

LONDRES, 25. — (F. P.) — Uma visita de Harold Wilson à União Soviética afigura-se agora improvável antes de Fevereiro ou mesmo mais tarde — escreve hoje o «Times», em artigo do seu correspondente permanente em Moscovo, baseando-se no comentário de política internacional publicado anteontem na «Pravda».

Para além do adiamento, para fins de Janeiro, da visita do primeiro-ministro britânico a Washington e dos problemas levantados por uma viagem a Moscovo, a política britânica tem suscitado ultimamente um certo descontentamento no Kremlin — acrescenta o jornal londrino. Os dirigentes soviéticos — precisa o «Times» — vêem no Governo britânico um dos principais obstáculos ao seu projecto de conferência sobre segurança europeia, projecto ao qual atribuem grande importância.

os seus vários sistemas serão reactivados, antes de seguir de avião para o laboratório de recepção lunar no Centro Espacial de Houston. Os astronautas concluirão aqui, também, em 10 de Dezembro o seu período de 21 dias de quarentena.

O «Hornet» é aguardado no Hawaii na sexta-feira. O MOF será então transferido para um avião de transporte C-141, que descolará para Houston, onde chegará no sábado.

HOUSTON, 25 — (F. P.) — Serão as seguintes as próximas missões lunares levadas a efeito pelos Estados Unidos: — Apolo-13 descolará em 12 de Março de 1970 às 20



WERNER VON BRAUN, considerado um dos principais responsáveis pelos êxitos espaciais dos E. U. A., é tema de um grande cartaz exposto em Nashville, Tennessee, e no qual se pode ler: «Obrigado, dr. Von Braun, por nos ter feito chegar primeiro».

O mais significativo feito da Apolo-12 — segundo von Braun

BONN, 25 — (R.) — O dr. Werner von Braun, o pioneiro do programa americano do espaço, declarou a noite passada na Televisão da Alemanha Ocidental que o feito mais significativo da missão da Apolo-12 fora a capacidade de desembarcar na Lua exactamente num local pré-determinado.

A missão da Apolo-11 fora relativamente inexacta, com a nave descendo a seis quilómetros do seu objectivo, acrescentou o dr. von Braun.

BEBERAM ÁLCOOL DESNATURADO SUPONDO QUE ERA RUM

KINGSTOWN (St. Vincent), 25 — (R.) — Treze pessoas, incluindo uma mulher e cinco crianças, morreram e mais 41 encontraram-se hospitalizadas, após beberem álcool desnaturado, que julgaram ser rum.

O líquido deu à costa, nesta ilha nas Caraíbas, em tambores provenientes de uma escuna naufragada.

As vítimas são todas da parte setentrional da pequena ilha — revelou a Polícia.

Aviões egípcios atacaram concentrações de mísseis israelitas

CAIRO, 25 — (A. N. I.) — Aviões de guerra egípcios atacaram ontem oficinas de reserva de mísseis israelitas e uma concentração de mísseis anti-aéreos, algumas horas depois da aviação israelita ter tentado atacar posições militares egípcias — declarou um informador militar egípcio.

Todos os objectivos foram atingidos e podiam ver-se chamas vindas da margem ocidental do Canal de Suez, sob «controlo» egípcio disse o informador.

Acrescentou que todos os aviões egípcios voltaram sem novidade à base e foram atacados por aviação israelita.

CIDADE SUBTERRÂNEA EM PEQUIM

HONG-KONG, 25 — (F. P.) — Pequim construiu uma verdadeira cidade subterrânea com uma rede ferroviária para servir de abrigo anti-atômico e para os transportes militares, — afirma o jornal de Hong-Kong «Express».

A China mobiliza centenas de milhares de pessoas para construir este labirinto cujos muros são de mármore, diz ainda o «Express» citando viajantes chegados da capital chinesa. Esta rede subterrânea servirá para o transporte de munições e de víveres em caso de guerra.

O jornal da extrema-direita precisa que importantes personalidades das esquerdas, de Macau e de Hong-Kong, que assistiram à festa nacional chinesa de 1 de Outubro, tinham sido convidados a visitar esta cidade subterrânea e tinham sido prevenidos de que deveriam manter silêncio a este respeito. No entanto, segundo o «Express», um sindicalista de Macau revelou a sua existência durante uma reunião de trabalhadores, quando falava das realizações chinesas. Foi imediatamente conduzido para a China sob escolta, afirma ainda o referido jornal, o qual indica que o acesso à cidade subterrânea é feito por ascensores e que o seu equipamento é relativamente moderno.

AS PRÓXIMAS ALUNAGENS

e 10 (hora de Lisboa). A tripulação do módulo lunar passará 35 horas na Lua, ou seja, mais quatro do que Charles Conrad e Alan Bean.

Apolo-14, em Julho de 1970, será comandada por Alan Shepard, o primeiro americano que esteve no espaço. O seu objectivo será a cratera Littrow, longe da zona equatorial.

Apolo-15, que será lançada em fins de Outubro de 1970, propõe-se alunar nas proximidades da cratera Censorinus, cujo estudo aereverá aumentar os conhecimentos lunares.

Apolo-16, em Março de 1971, fará passar três dias completos a sua tripulação na Lua.

Apolo-17, quatro meses mais tarde, permitirá a primeira utilização do «jeep» lunar.

Apolo-18 e 19 serão lançadas ao assalto de regiões de características especialmente «dantescas».

Apolo-20 terminará o primeiro programa americano «homens na Lua» em Dezembro de 1972. Terá como alvo a cratera Tycho, a que mais intriga os cientistas.

A N.A.S.A. forneceu as seguintes informações acerca dos próximos oito voos lunares:

Apolo-13: Jim Lovell, que será o primeiro homem pela quarta vez no espaço, e Fred Haise tentarão uma alunagem nas proximidades da cratera Fra Mauro. Thomas Mattingly esperará por eles numa órbita lunar de apenas 16 km de altitude.

Para Apolo-11 e Apolo-12 o «terceiro homem» nunca se aproximou a menos de 111 km do astro. Daqui resultará simultaneamente uma grande economia de combustível e uma maior precisão nas manobras do módulo lunar. Durante os seus «spasios» lunares, Lovell e Haise colherão amostras geológicas a três metros de profundidade. Conrad e Bean fizeram-no apenas a 80 cm de profundidade.

Apolo-14: Sob o comando de um dos mais prestigiosos pilotos espaciais, Alan Shepard, este voo começará em 8 de Julho de 1970. Os americanos darão os seus primeiros passos longe do equador lunar. O módulo pousará na região nordeste do astro, perto da cratera Littrow, que domina o bordo oriental do Mar da Sereidade.

Apolo-15: Lançamento em 30 de Outubro de 1970. A tripulação não está ainda designada. Fala-se de dar o comando a David Scott, herói de Apolo-9. Desta vez o objectivo encontra-se nas paragens da cratera Censorinus. A sua formação é relativamente recente, pelo que a N.A.S.A. pensa que será especialmente rica em espécimes geológicos que favorecerão o estudo da estrutura da Lua, fornecendo talvez informações preciosas acerca da sua idade.

Apolo-16: Descolará em 29 de Março de 1971, levando os exploradores lunares americanos à parte equatorial do astro. A cratera Descartes é desta vez o alvo dos dois lunetas que passarão três dias nas suas proximidades.

Apolo-17: O primeiro veículo com rodas desenhado para exploração lunar evoluirá nas colinas Mario e por entre os seus cumes vulcânicos. Cada roda é comandada individualmente por acumuladores. O mini-«jeep», intelramente metálico, mover-se-á a 16 km à hora e poderá transportar declives de 25 a 30 por cento. O lançamento será efectuado em 30 de Julho de 1971.

Apolo-18: Partirá em 19 de Fevereiro de 1972 para a cratera Copérnico, fotografada há dois anos pelos «lunares locais». Parece ser um dos locais mais grandiosos mas também mais estranhos e mais inóspitos da Lua. Encontra-se a 400 km ao norte do ponto de alunagem de Apolo-12.

Apolo-19: Lançado em 14 de Julho de 1972 na direcção dos apeninos Hadley. A zona do ponto de alunagem é muito acidentada.

Apolo-20: Terá como destino, nos declives de uma das crateras mais interessantes da Lua — Tycho — a sonda lunar Surveyor-7. Esta câmara electrónica revelou que Tycho domina dos seus 4300 metros de altitude uma região muito acidentada com numerosas crateras secundárias. Tycho é de formação recente. As rochas que forem trazidas daí deverão fornecer indicações preciosas acerca de um terreno relativamente preservado da erosão dos micrometeoritos, das radiações e dos ventos solares.

eu sou
CAFÉ PURO

SÓ O GRÃO DO CAFÉ GARANTE
A VERDADE DO CAFÉ PURO!

puro na plantação! puro na chavena!

beba café puro! exclusivamente!

CAFÉ UNIL

O prémio Fémina

Jorge Semprun, o escritor francês de origem espanhola a quem foi atribuído o prémio Fémina, é filho de um antigo diplomata e está exilado em França desde a guerra civil.

Com 46 anos de idade, recebe o prémio (um dos mais antigos e dos mais prestigiados prémios literários franceses) pela sua obra «A segunda morte de Raymond Mercader» cujo personagem central é o assassino de Leon Trotsky.

Recorda-se que o júri do prémio Fémina é, de acordo com os estatutos, exclusivamente constituído por mulheres. A actual decana do júri, madame Simone, conta 93 anos de idade.

De Semprun, está traduzido para português o romance «A longa viagem» (edição da Arcádia).

O prémio Medicis

«Dedans», a obra galegada com o prémio Médicis (atribuído normalmente às experiências literárias de vanguarda), é, segundo a Reuter, um romance sem intriga que trata do processo mental de uma jovem que tenta definir a sua própria personalidade.

Os grandes prémios

Entretanto, foi também anunciada em Paris a atribuição dos grandes prémios (oficiais) das Letras e das Artes, cujo júri era

CAPE KENNEDY

DEVE VOLTAR

A CHAMAR-SE

CAPE CANAVERAL

— propõem dois senadores

WASHINGTON, 25. — (R.) — Dois senadores da Florida propuseram, a noite passada, que Cape Kennedy, centro dos lançamentos dos voos espaciais tripulados americanos, devia voltar a ter o seu nome original de Cape Canaveral.

O antigo presidente Johnson baptizou-o com o novo nome em 29 de Novembro de 1963, seis dias depois do presidente John Kennedy ser assassinado.

FIRMA BRITANICA

QUER INVESTIR

EM CABORA BASSA

LONDRES, 25 — (R.) — A G.E.C. - English Electric, gigantesca companhia britânica, iniciou conversações com o Governo para se juntar a um consórcio industrial para construir um projecto hidroeléctrico, no valor de 8 400 000 contos, em Cabora Bassa, na província portuguesa de Moçambique, segundo revela hoje o «Times».

Segundo este jornal, um informador da companhia teria declarado: «Gostariamos de pertencer ao consórcio. As negociações não atingiram o ponto em que possamos afirmar que nos oferecemos para participar».

Apelo às milícias populares no Congo-Brazzaville

BRAZZAVILLE, 25 — (F. P.) — O comandante Joachim Yhombi, chefe do Estado-Maior do Congo-Brazzaville, falando na Televisão disse que Brazzaville nunca tinha procurado destruir o Governo de Kinshasa, donde apesar de tudo têm partido sempre iniciativas contra o Congo-Brazzaville.

«Estamos prontos a fazer

a guerra se no-la impuserem», prosseguiu. «Estamos persuadidos que, mesmo sem material, sem aviões, sem napalm, ganharemos a guerra porque somos os mais fortes».

O chefe do Estado-Maior pediu às milícias populares e às brigadas de milícia que estivessem prontas.

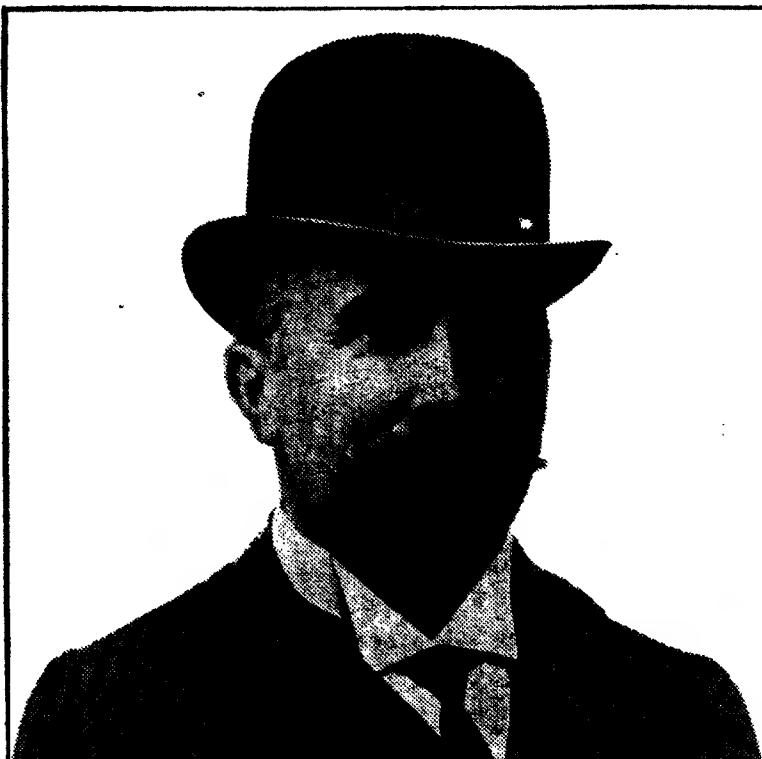
Greves em França

PARIS, 25 — (R.) — Os res manifestaram-se em todo o país, contra a política agrícola do Governo, e os centros nucleares foram paralisados por uma greve de um dia.

As primeiras 24 horas da greve deviam incluir a ocupação pelo pessoal de

centros de energia eléctrica, ocupação essa essencialmente simbólica.

Que tem o Dr. Felix Hoffmann a ver com os voos espaciais? ... Muito!



O seu maior sucesso deu-se após décadas: o Dr. Felix Hoffmann é o pai da Aspirina.



Os astronautas estão prontos para partir. Dentro de poucas horas inicia-se a viagem à Lua.



Os astronautas em acção. Coragem, saber e ciência trabalham de mãos dadas na equipa da NASA.



O feliz regresso dos astronautas. O sensacional «ataque» ao Universo foi conseguido.

Descoberta, na Alemanha, pelo Dr. Felix Hoffmann, a Aspirina foi lançada no mercado nos começos do século XX. E conquistou o mundo. Hoje o espaço é conquistado... e a substância activa de Aspirina esteve presente, a mesma substância que o Dr. Hoffmann descobriu, há décadas, nos laboratórios da Bayer Leverkusen (Alemanha).

Se o Dr. Hoffmann tivesse sonhado...

O mundo inteiro sabe — **ASPIRINA®** é eficaz.



ECOS

UMA sociedade altamente tecnizada, plutocrática, à beira da robotização da vida, a dos Estados Unidos, manifesta em muitos dos seus sectores, mau grado a reacção, aliás tímida, da Universidade, uma pronunciada tendência para o retorno à magia. Em Telegraph Avenue, o Boul' Mich de Berkeley, as livrarias tornaram-se um estendal de literatura zen e as obras sobre a feitiçaria são mananciais de ouro. Emile Guikovsky escreve no Express, acerca dos «pés descalços da abundância»: «Pensar, para eles está ultrapassado. É preciso vibrar. Daí o êxito, do Oriente exótico, do zen ao «yoga» tibetano e ao chamanismo primitivo.» Por muito que a uma mentalidade científica ou, pelo menos, racionalista repugne o escitismo desta atitude, que não visa ao estudo, mas à aquisição de técnicas de iluminação, à comunicação mística, há que examinar o fenómeno sem desdém, que seria incompreensivo e estulto. É de admitir que nesta regressão os americanos busquem afinal alguma coisa que a sua civilização industrialmente tão adian-

tada terá perdido, talvez a intuição das crianças, dos artistas, dos artesãos. Talvez uma forma já quase perdida de comunicar com o corpo, bem admissível num mundo onde cada qual tem o seu psiquiatra e onde os complexos de frustração erótica se estendem segundo as estatísticas, a uma percentagem maioritária da população.

NUM delicioso artigo, de acutilante ironia, publicado no Express, Françoise Giroud brinca com os fastos da família real inglesa e afirma que se o sr. Pompidou e sua esposa vivessem uma existência sumptuária, deslocando-se de helicóptero, para evitar o contacto «sujo» das turbas, os franceses decerto fariam uma revolução. Todavia, paradoxalmente, se é certo que o espírito de casta ainda sobrevive em Inglaterra, a verdade é que na Grã-Bretanha a medicina gratuita e a protecção aos trabalhadores representam conquistas sociais que a França ainda não atingiu.

Demolido o muro que «escondia» o Palácio da Justiça

Nos últimos dias começou a ser demolido o muro que escondia parte do grandioso imóvel que constitui o Palácio da Justiça, já em adiantado estado de conclusão (exteriormente apresenta-se com aspecto quase definitivo). O novo edifício surge assim de visão desafogada. Entretanto as pequenas construções pré-fabricadas destinadas a diferentes serviços da obra que se enquadra de frente do edifício vão ser transferidas, dentro dos terrenos pertencentes àquele, para junto do palacete do dr. João de Mendonça.

Dessa forma, maior espaço de luz se obterá para o Palácio da Justiça, ao mesmo tempo que se dará umeto ao arranjo e ajardinamento daquele terreno circundante.

E quando estará concluída a obra?

— Lá para Abril, segundo me parece e tenho ouvido, diz-nos um empregado da empresa construtora.

Portanto, o leitor, poderá, por agora, ir admirando a imponência do Palácio da Justiça que se ergue ali em cima, na Marquês de Fronteira, logo adiante do Parque Eduardo VII.



APENAS O VELHO NO SÍTIO POR O PROLONGAMENTO

As obras de arruamento do troço lá de Sete Rios, a Avenida da Liberdade, já destruíram a rua de Campolide. Deixaram, em t do Sola, metido entre acidentes, de cos de lama. É difícil ir lá. Mesmo naquela casa. E ainda ontem acamiam da Câmara e os funcionários de um mandato de despejo.

Mas a história tem um lado hum que queremos contar — mesmo se cidade não pára e o progresso n casos pessoais. Todavia...

Mais de 50 comunicações na I Semana de Corrosão

Aspectos científicos, económicos e comportamentais de materiais; ensaios, inibidores e estudo de meios; protecção e estado de meios; revestimentos — eis alguns dos temas da I Semana de Corrosão, cuja sessão inaugural decorreu ontem na F. I. L., numa organização do Núcleo de Electroquímica e Corrosão do Instituto Nacional de Investigação Industrial. Presidiu o director-geral dos Serviços Industriais, eng.º Torres Campos, em representação do secretário de Estado da Indústria.

Quinze comunicações de técnicos estrangeiros e 40 de

técnicos nacionais, são apresentadas no decorrer da semana, estando previstas conferências plenárias a cargo de J. B. Cotton, cientista chefe da «Imperial Metal Industries Limited»; Giordano Trabacchi, investigador do Instituto Químico da Universidade de Ferrara; B. Heuzé, director da Sociedade de Estudos contra a Corrosão; P. Orlowski, a d m inistrador e delegado geral do Centro Francês de Corrosão.

Simultaneamente com as sessões, funciona uma exposição, aberta ao público em geral, onde a indústria nacional apresenta produtos relativos à protecção anticorrosiva.



Aspecto da assistência à sessão inaugural do Seminário

A CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL (TEMA DE UM SEMINÁRIO DO I. N. I. I.) COMEÇA A INTERESSAR EMPRESÁRIOS PORTUGUESES

O fenómeno da concentração industrial e da fusão de empresas começa a despertar interesse nos meios económicos e industriais do nosso País. Efectivamente, após duas tentativas sem êxito, levadas a efeito em anos anteriores pelo Grupo de Formação e Aperfeiçoamento do I.N.I.I., um seminário que começou esta manhã no Hotel Tivoli, conseguiu reunir cerca de 30 dirigentes e administradores de boa parte das principais empresas portuguesas, entre as quais as seguintes: C.R. G.E., COMETNA, C. Santos, Amionaco Português, Flaxipol, Fosforeira Portuguesa, Industrias Metálicas Previdente, Federação Na-

cional; dos Industriais de Moagem, Sociedade Central de Cervejas, Hidroeléctrica do Cávado e C.U.F. Assiste também técnicos do Serviço de Produtividade do I.N.I.I.

O seminário — sobre «Concentração Industrial e Fusão de Empresas» — é promovido pelo Grupo de Formação e Aperfeiçoamento do I. N. I. I. e dirigido pelo engenheiro francês Pierre Sadoc, director do gabinete «Pierre Sadoc & Associés».

Os participantes começaram por ouvir considerações sobre o fenómeno da concentração, as estruturas industriais europeia e americana e, acção provável do fenómeno da concentração na Europa. O eng.º Pierre Sa-

doc entrou, depois, na análise dos diagnósticos da concentração e da empresa, terminando com o estudo das três soluções possíveis: crescimento da empresa que realiza a concentração de uma actividade; pelo desaparecimento da concorrência; integração num grupo mais poderoso; absorção de outras empresas.

O seminário termina amanhã, com a análise dos temas: «O processamento da concentração» e «A construção da nova empresa».

Saltanta-se, entretanto, a actividade intensa do Grupo de Formação e Aperfeiçoamento do I. N. I. I., durante esta semana. Com efeito, por iniciativa sua, estão a funcionar mais quatro cursos ou seminários: a «Semana da Corrosão», na F. I. L., em que participam cerca de 100 pessoas e que começa ontem; um curso sobre «Decisões de investimento na empresa», no Hotel Tivoli, com a assistência de 20 técnicos e di-

A partir de Janeiro entra em exercício o Banco Totta & Açores

Foi assinada a escritura de um novo banco comercial, que fica com a designação de Banco Totta & Açores — resultante da fusão dos estabelecimentos bancários Totta-Aliança e Lisboa & Açores, autorizada por despacho do ministro das Finanças.

O exercício da nova bancária tem início a partir de Janeiro do próximo ano, com o capital de 500 000 contos; e a sua acção estende-se a Metrópole, às Ilhas Adjacentes e, também, ao Ultramar, em virtude da associação mantida com os Bancos Totta-Standard de Angola e Standard-Totta de Moçambique.

FIAT



Carro N.º 2

LISBOA

NA AGÊNCIA FIAT:
DINIS FREITAS, LDA.
Rua Andrade Carvo, 15-15 A
Telefones: 4 13 91 - 4 71 79



— Tarde — 25 a 28/Novembro —

Carro N.º 1

VILA FRANCA DE XIRA

NA AGÊNCIA FIAT:

COSTA & SOUSA, LDA.
Rua Joaquim Pedro Monteiro, 35-35 B
Telefone: 1 27

— Tarde — 26 a 28/Novembro — manhã

O CARRO OFICINA

encontra-se à disposição de todos os clientes para resolução de quaisquer problemas técnicos nas datas indicadas e nas seguintes localidades.*

FIAT

PORTUGUESA, S.A.R.L.
Av. Eng. Duarte Pacheco, 15
LISBOA

MAIS DE 50 PONTOS DE ASSISTÊNCIA EM TODO O PAÍS

Banco Infantil
BANCO DO ALENTEJO



Éis o Casal do Sola, condenado pelo progresso citadino

S SE MANTÉM DE PÉ O «CASAL DO SOLA»

OR ONDE HÁ-DE PASSAR
MENTO DA AV. DA LIBERDADE

do troço que prolonga, para da Liberdade e a nova Ramal, a entrada do n.º 371, m, em todo o caso, o Casal mtes, de grama vadia e sul. Mesmo assim vive gente em aconteceu que lá foi o funcionários que eram porta-espejo.

do humano que é apenas o mesmo sem atender a que a isso não se compadece com

DE EMPREGADO A RENDEIRO

Quem vive naquela casa, que as obras isolaram no topo do morro de lama, é o sr. João Nunes.

Um homem simples e de bem, que ascendeu a pulso — digamos assim — trabalho a trabalho. Foi mesmo como trabalhador rural, ainda que às portas de Lisboa, que ele se instalou, há 45 anos, na casa em que vive: Rua de Campolide, 371, Lisboa-1.

Começou como empregado do dono da propriedade: o sr. dr. Carvalho da Silva. Mais tarde, passou a seu rendeiro. Instalou-se na casa que lhe era devida: Casal do Sola.

Nesta qualidade, aí esteve até 22 de Novembro de 1966 — altura em que a propriedade da Rua de Campolide foi comprada pela Câmara Municipal de

Lisboa ao seu antigo proprietário.

Passou, portanto, a rendeiro da Câmara. E assim viveu até que em fins de Novembro — começos de Dezembro — foi surpreendido por uma acção de desalojamento.

A cidade não perdoa. Para se alargar, destrói; para se estender, arrasa. O gesto vem depois.

CASA DISPONIVEL NOS OLIVAIS-NORTE

É o próprio sr. João Nunes que conta e reconta as voltas que a coisa teve:

— Recbi uma contra-fé da Polícia Municipal. Fui lá e falei com o sr. capitão Horta Veiga que me deu um papel com o número dos blocos disponíveis de Olivaiss-Norte, onde se devia dar o realojamento.

E prosseguiu:

— Fui lá ver as casas e, logo, escolhi a casa do lote 131, 3.º direito. Oito dias, após a convocatória, fui confirmar que aceitava a casa, dizendo qual tinha escolhido. Aí, começou a confusão: foi-me dito que eu tinha desistido da casa. Isto, quando, exactamente, eu ia confirmar a sua escolha.

E surgiu um novo compasso de espera. Mais uns dias, em casa...

— Até que a mesma Polícia, por intermédio do sr. subchefe Silva Pereira, me mandou chamar ao comando. Lá, o sr. capitão Horta Veiga informou-me que não me dava a habitação dos Olivaiss-Norte, porque, afirmou, eu não tinha direito à casa.

— Mais nada? Não lhe foram dadas razões?

— Não, senhor. Apenas me foi indicado que, quando muito, me davam uma casa na Musgueira, que era onde realojavam os moradores de barracas.

QUATRO QUARTOS SÓTÃO... E TELEFONE

Aqui, convém dizer que a casa do Casal do Sola não nos parece uma barraca. Tem paredes sólidas. As da

Continua na 14.ª página)



O único locatário das terras por onde passar a Avenida da Liberdade, em Sete Ros, quando contava o seu problema ao «Diário de Lisboa»

AOS COSTUMES DISSE NADA ...E NÃO HOUVE MULTA

O sr. Piçarra. O sr. Piçarra está ali, no Tribunal de Polícia, aparentemente sem defesa. Com duas multas a pagar, por estacionamento e abandono do carro na via pública, parece que nada poderá vir em seu auxílio.

Quanto à primeira multa (abandono do automóvel na Praça Marques de Pombal) tudo ficou rapidamente sanado, graças à compreensão do juiz que aceitou como motivação de urgente necessidade, o facto de o sr. Piçarra ter parado ali, momentaneamente, para deixar a mãe, senhora idosa, no consultório médico onde se dirigia, não se confirmando advir da paragem prejuízo para a circulação.

A outra multa, porém, era de fuga muito mais difícil: o sr. Piçarra deixara o automóvel estacionado numa praça de táxis do Largo da Anunciada. Em tal sítio, o estacionamento forçosamente prejudicava os motoristas no seu trabalho de deixar ou tomar passageiros. O sr. Piçarra afirma que não, que não

prejudicava o trânsito nem ninguém. Testemunhas, não apresenta. Parece, pois, que a multa é inevitável...

Convidado a dizer de sua justiça, o réu explica que ao entrar no Largo da Anunciada, à procura de poiso, lhe disse o condutor de um automóvel ali estacionado: «Aguente aí que eu vou sair». «Muito obrigado mas não aceito — terá respondido o sr. Piçarra. — «Esse lugar está interdito». «Não tem importância — disse-lhe o outro. — Esta praça de táxis vai desaparecer».

— E já não existe — terminou o sr. Piçarra.

O juiz volta-se para o guarda autuante. Este confirma. Na realidade, deixou de haver praça de táxis no Largo da Anunciada, pois nunca nenhum táxi lá parava...

Dai a concluir que o sr. Piçarra não prejudicava transitos nem serviço, foi um passo. E mais uma vez se provou que não há causas antecipadamente perdidas.



Seis cisnes? Três cisnes? Três cisnes projectam, ségures, na manhã cinzenta da cidade, as suas líquidas sombras. Não é um lago — é uma poça de água. Dirá o leitor que cada cisne tem o lago que merece. Mas também Lisboa tem por aí os cisnes que lhe são devidos — imagens de um tempo que parece ter parado, insensível ao outro tempo da urbe: o da velocidade, o da vertigem. O nosso repórter fotográfico (Lobo Pimentel) colheu este momento de paz — e nós oferecemo-lo ao leitor, para descanso entre duas notícias deste mundo em guerra

COLÓQUIO EM LONDRES PROMOVIDO PELO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

LONDRES, 25 — (B.) — Questões relativas ao comércio externo e à colaboração industrial, financeira e técnica entre Portugal e a Inglaterra começaram hoje a ser debatidas aqui, na London Chamber of Commerce, por iniciativa desta e do Banco Português do Atlântico.

O presidente do conselho de administração desta estabelecimento de crédito português, banqueiro Artur

Cupertino de Menezes, desloçou-se de propósito a Londres e participou nos trabalhos, com outros administradores, directores e outros altos funcionários do B. P. A., bem como com outros numerosos participantes, ingleses e portugueses.

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos

GRANDE OURIRESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDE
CARREIRO LISBOA QUELU

GIN GORDON'S

**— afirmou o ministro das Obras Públicas
ao empossar o novo presidente da J.A.E.**

**PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE**

**Estabelecimentos
VALENTIM
D. CARVALHO**
Comércio e Indústria, S. A.
R. L. — 95, Rua Nova do
Alameda, 99 — LISBOA

Seguros	
Alentejo	82\$
Douro	895\$
Mundial	—
Sagres	—
Tranquilidade	—
Ultramarino	—
Ultramarines	
Agua de Angola	900\$
Ag. Cassequei	870\$
Ag. Incomati	—
Ag. Neves	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—
Boror	—
B. M.	RRR

81\$	82\$
1.500\$	
890\$	895\$
2.300\$	2.700\$
50.000\$	60.000\$
15.000\$	30.000\$

895\$	910\$
—	870\$
420\$	—
—	—
875\$	885\$

India —	Libra —
Bélgica —	Francia —
Francia —	Francia —
Suiza —	Francia —
Marruecos —	Dinamarca —
Dinamarca —	Costa Rica —
Noruega —	Costa Rica —
Suecia —	Costa Rica —

Ouros:

Inglaterra —	Libra —
Inglaterra —	Libra —
Ouro fino —	Ba —

J. BURN

3 Isote	280\$00	300\$00
72 Livro	280\$00	300\$00
rra	33\$50	35\$50

AY, L. DA Notas estrangeiras
OURO, 72 Papeis de crédito
 Tel. 321273

QUELIMANE, 25 — (L.) — Está definitivamente concluída a transferência do jogador do futebol moçambicano que recentemente, se deslocou desta cidade para a Metrópole para ingressar no Benfica, segundo anuncia o jornal «Diário», desta cidade.

Segundo o mesmo jornal, a importância combinada (16 contos) já havia sido entregue pelo Sport Lisboa e Benfica ao advogado do clube em Lisboa, dr. Martins da Cruz.

E acrescentou:
— Pois bem, no «Diário Municipal», n.º 10 406, de 2 de Outubro deste ano veio escrito o seguinte:
«João Nunes — o requerente não tem direito ao quinquilicínio.»
Ora, a partir daqui é que a história se torna complicada. Ou melhor: mais complicada.
Foi-me comunicado — disse o sr. João Nunes — que, no dia 3 de Novembro

QUELIMANE, 25 — (L.) — Está definitivamente concluída a transferência do jogador do futebol moçambicano que recentemente, se deslocou desta cidade para a Metrópole para ingressar no Benfica, segundo anuncia o jornal «Diário», desta cidade.

Segundo o mesmo jornal, a importância combinada (16 contos) já havia sido entregue pelo Sport Lisboa e Benfica ao advogado do clube em Lisboa, dr. Martins da Cruz.

A CONSTITUIÇÃO DA NOVA CÂMARA CORPORATIVA

(Continuação da 1.ª página)

rativa reúne hoje, pelas 15 horas, em sessão preparatória, para a eleição da Comissão de verificação de poderes. Trata-se da maior de sempre, pois será constituída por 219 procuradores, quando a anterior tinha somente 207.

A constituição da Câmara Corporativa para a X legislatura é a seguinte:

SECÇÃO I — INTERESSES DE ORDEM ESPIRITUAL E MORAL — Pela Igreja Católica — José Filipe Mendonça; pelas dioceses ultramarinas e institutos missionários — António da Silva Rego; o presidente da Corporação da Assistência — António Maria de Mendonça Lino Netto; pelas Misericórdias — Santa Casa da Misericórdia de Almeirim, Francisco Xavier Cabral Lobo de Vasconcelos; pelas instituições privadas de assistência — Fundação Eugénio de Almeida, de Évora, Lúcio Oraveiro da Silva; pela Ordem dos Médicos — António Rogério Luís Gonzaga.

SECÇÃO II — INTERESSES DE ORDEM CULTURAL — 1.ª Subsecção: Ciências e Letras — Pelas Universidades — reitor da Universidade do Porto, António de Sousa Pereira; presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Herculano de Amorim Ferreira; representante da Academia Portuguesa da História — Manuel Domingues Heleno Junior; pelos demais institutos de investigação científica — Francisco de Paula Leite Pinto; um homem de Letras — Joaquim Belford Correia da Silva (Paço d'Arcos).

2.ª Subsecção: Ensino — Pelas Universidades — reitor da Universidade do Porto, António de Sousa Pereira; o presidente da direcção do Grémio Nacional dos Proprietários de Estabelecimentos de Ensino Particular — Armando Estácio da Veiga; o presidente da direcção do Sindicato Nacional dos Professores — Luís Avellar de Aguiar; pelo ensino secundário — reitor do Liceu Normal (Lisboa), Jaime Furtado Leote; pelo ensino primário — professor do ensino primário, José Alberto de Carvalho.

3.ª Subsecção: Belas-Artes — Representante da Academia Nacional de Belas-Artes — Raul Lino; o presidente da direcção do Sindicato Nacional dos Arquitectos; o presidente da direcção do Sindicato Nacional dos Músicos — Lourenço Varela Cid; um artista plástico — António Duarte.

4.ª Subsecção: Educação Física e Desportos — Pelos estabelecimentos e organizações de educação física, Manuel Fradinho; pelas federações desportivas — Duarte Amaral Leal; pelas associações venatórias e piscatórias — Arsénio Cordeiro; pela Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho — Bento de Mendonça Cabral Pereira do Amaral; pela Ordem dos Médicos — António Rogério Luís Gonzaga.

SECÇÃO III — LAVOURA

1.ª Subsecção: Azeite — O presidente da Corporação da Lavoura — Manuel de Almeida de Azevedo e Vasconcelos; pelas entidades patronais — Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Alta, António Cândido Figueiredo da Mota dos Santos Beltrão, e Federação dos Grémios da Lavoura do Ribatejo, José Marques; pelos trabalhadores — Federação das Casas do Povo do Distrito de Setúbal — Luís Manuel Fragoso

Fernandes, e Federação das Casas do Povo do Distrito do Porto — Manuel Joaquim Fernandes dos Santos; o bastonário da Ordem dos Engenheiros — José Mercier Marques.

2.ª Subsecção: Cereais — O presidente da Corporação da Lavoura; pelas entidades patronais — Federação dos Grémios da Lavoura de Entre Douro e Minho, David Ferreira Assunção, e Federação dos Grémios da Lavoura do Distrito de Portalegre, Francisco Xavier Barreto Caldeira Castel Branco; pelos trabalhadores — Federação das Casas do Povo do Distrito de Beja, Fernando Gerardo de Almeida Nunes Ribeiro, e Federação das Casas do Povo do Distrito de Coimbra João Afonso Ferreira Diniz; e o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

3.ª Subsecção: Frutas e Produtos Hortícolas — O presidente da Corporação da Lavoura; pelas entidades patronais — Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Baixa, Aníbal Barata Amaral de Moraes e Federação dos Grémios da Lavoura de Vila Real e Alto Douro, Avelino de Sousa Campos; pelos trabalhadores — Federação das Casas do Povo do Distrito de Lisboa, Artur Patrocínio, e Federação das Casas do Povo do Distrito de Bragança, Rómulo Raul Ribeiro; e o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

4.ª Subsecção: Pecuária — O presidente da Corporação da Lavoura; pelas entidades patronais — Grémio da Lavoura do Funchal, Agostinho Pereira de Gouveia, e Federação dos Grémios da Lavoura do Nordeste Transmontano, João José Pessoa Trigo; pelos trabalhadores — Federação das Casas do Povo do Distrito de Viana do Castelo, Avelino Meira do Poço, e Federação das Casas do Povo do Distrito de Évora, José de Mira Sousa Carvalho; e o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

5.ª Subsecção: Produtos Florestais — O presidente da Corporação da Lavoura; pelas entidades patronais — Federação dos Grémios da Lavoura do Distrito de Évora, António Pereira Caldas de Almeida, e Federação dos Grémios da Lavoura do Algarve, Salvador Gomes Vilarinho; pelos trabalhadores — Federação das Casas do Povo do Distrito de Castelo Branco, Aníbal da Cunha Belo, e Federação das Casas do Povo do Distrito de Braga, Manuel Cardoso; e o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

6.ª Subsecção: Vinhos — O presidente da Corporação da Lavoura; pelas entidades patronais — Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Litoral, Fernando de Melo Costa e Almeida, e Federação dos Grémios da Lavoura da Estremadura, Filipe César de Goas; pelos trabalhadores — Federação das Casas do Povo do Distrito de Santarém, João de Castro Rei, e Federação das Casas do Povo do Distrito de Vila Real, Manuel José Gonçalves Grilo; o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

SECÇÃO IV — COMÉRCIO

1.ª Subsecção: Comércio de Exportação — O presidente da Corporação do Comércio, Manoel Alberto Andrade e Sousa; pelas entidades patronais — Grémio dos Exportadores de Conservas de Peixe, Alvaro Braga Vieira, e Grémio do Comércio de Exportação de Vinhos, Francisco Pereira da Fonseca; pelos trabalhadores — Sindicato Nacional dos Cobradores do Distrito de Lisboa, Armando

Gouveia Pinto, e Federação Regional do Norte dos Sindicatos dos Empregados de Escritório, João Henrique Dias.

2.ª Subsecção: Comércio Armazenista e de Importação — O presidente da Corporação do Comércio; pelas entidades patronais — Grémio dos Armazenistas de Mercaderia, Alberto Sena e Silva, e Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Norte e do Sul, Bernardo Viana Machado Mendes de Almeida; pelos trabalhadores — Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes, Alvaro Vieira Botão, e Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes, Hugo Mascarenhas.

3.ª Subsecção: Comércio Retalhista Diferenciado — O presidente da Corporação do Comércio; pelas entidades patronais — Grémios das Confeitarias, Pastelarias e Leitarias, Manuel Alves da Silva; pelos trabalhadores — Federação Regional do Norte dos Sindicatos dos Empregados de Escritório, José Rodrigues.

4.ª Subsecção: Comércio Retalhista Misto — O presidente da Corporação do Comércio; pelas entidades patronais — Federação dos Grémios do Distrito de Santarém, Fernando Casimiro Pereira da Silva, e Federação dos Grémios do Comércio do Distrito de Aveiro, Carlos Marques Mendes; pelos trabalhadores — Federação Regional do Norte dos Sindicatos dos Empregados de Escritório, José Rodrigues.

SECÇÃO V — INDÚSTRIA

1.ª Subsecção: Indústrias Extractivas — O presidente da Corporação da Indústria; pelas entidades patronais — Grémio Nacional dos Industriais de Mármore, Granito, Rochas Similares e Cantarias, Mário António Coelho; pelos trabalhadores — Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores, Ernesto Fernando Cardoso Paiva; o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

2.ª Subsecção: Energia e Combustíveis — O presidente da Corporação da Indústria; pelas entidades patronais — Sociedade Portuguesa de Petroquímica, António Herculano Guimarães Chaves de Carvalho, e Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade, Paulo de Barros; pelos trabalhadores — Federação Nacional dos Sindicatos dos Electricistas, Mário Pedro Gonçalves, e Sindicato Nacional dos Electricistas de Coimbra, Manuel Almeida Ferreira; o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

3.ª Subsecção: Indústrias de Construção — O presidente da Corporação da Indústria; pelas entidades patronais — Grémio Regional dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Sul, António de Resende Valadas Fernandes, e Companhia Geral de Cal e Cimento, Jorge Olímpio Adolfo Sequeira; pelos trabalhadores — União dos Sindicatos dos Operários da Construção Civil do Norte, Durand Rodrigues da Silva, e Sindicato Nacional dos Construtores Civis, José Espírito Santo Silva.

4.ª Subsecção: Vidro e Ce-

ramica — O presidente da Corporação da Indústria; pelas entidades patronais — Grémio dos Industriais de Cerâmica, José Nicolau Villar Saranva; pelos trabalhadores — Membro do Conselho da Corporação da Indústria, António José de Sousa; o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

5.ª Subsecção: Alimentação — O presidente da Corporação da Indústria; pelas entidades patronais — Federação Nacional dos Industriais de Moagem, Albino Soares Carneiro, e Grémio Nacional dos Industriais de Lactínios, Alexandre Aranha Furtado de Mendonça; pelos trabalhadores — Sindicato Nacional dos Profissionais das Indústrias de Moagem, Massas e Similares do Distrito do Porto, António Ferreira Plácido, e Federação Regional do Norte dos Sindicatos dos Operários da Indústria de Panificação, Manuel José de Moura; o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

6.ª Subsecção: Têxteis e Vestuário — O presidente da Corporação da Indústria; pelas entidades patronais — Grémio Nacional dos Industriais Têxteis, João Mendes Ribeiro, e Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, João Ubach Chaves; pelos trabalhadores — Federação Nacional dos Sindicatos do Pessoal da Indústria de Lanifícios, António Martins Moraes, e Sindicato Nacional do Pessoal das Indústrias Têxteis do Distrito de Lisboa, Casimiro Rodrigues de Carvalho; o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

7.ª Subsecção: Curtumes e Calçado — O presidente da Corporação da Indústria; pelas entidades patronais — Grémio Nacional dos Industriais de Curtumes, Carlos Figueiredo Nunes; pelos trabalhadores — Federação Nacional dos Sindicatos dos Operários Sapateiros e Ofícios Correlativos, Manuel Pereira Alves da Silva; o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

8.ª Subsecção: Cortiça — O presidente da Corporação da Indústria; pelas entidades patronais — Grémio dos Industriais de Cortiça do Centro, António Silva Carvalho; pelos trabalhadores — Vogal da Junta Disciplinar da Corporação da Indústria, Sebastião Maria Vaz de Oliveira Lousada; o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

9.ª Subsecção: Indústrias Químicas — O presidente da Corporação da Indústria; pelas entidades patronais — Vogal da Junta Disciplinar da Corporação da Indústria, António Pessoa Monteiro; e membro nato do Conselho da Corporação da Indústria, Fernando de Carvalho Seixas; pelos trabalhadores — Membro do Conselho da Corporação da Indústria, Fernando Manuel Gonçalves Pereira Delgado, e vogal da Junta Disciplinar da Corporação da Indústria, Pedro António Monteiro Maury; o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

10.ª Subsecção: Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas — O presidente da Corporação da Indústria; pelas entidades patronais — Grémio dos Industriais Metalúrgicos e Metalomecânicos do Sul, Francisco Malheiro, e Grémio dos Industriais Metalúrgicos e Metalomecânicos do Norte, Martinho Edmundo de Moraes; pelos trabalhadores — vogal da Junta Disciplinar da Corporação da Indústria, Arnaldo Inês Marques Sequeira, e Sindicato Nacional dos Técnicos e Operários Metalúrgicos e Meta-

lomecânicos do Distrito de Santarém, Ludgero Duarte de Oliveira; o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

11.ª Subsecção: Indústrias Transformadoras Diversas — O presidente da Corporação da Indústria; pelas entidades patronais — Grémio Nacional dos Industriais de Borracha, Inácio de Oliveira Camacho, e A Tabaqueira, Jorge da Silva José de Mello; pelos trabalhadores — União dos Sindicatos dos Operários das Indústrias de Marcenaria, Carpintaria Mecânica e Serração de Madeiras, António Pinto de Sousa, e Federação dos Sindicatos dos Operários das Indústrias de Transformação de Matérias Plásticas e Produtos Similares, Carlos Saraiva de Campos; o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

SECÇÃO VI — PESCA E CONSERVAS

1.ª Subsecção: Pesca — O presidente da Corporação da Pesca e Conservas, António Alvaes Pereira Duarte Silva; pelas entidades patronais — Grémios dos Armadores da Pesca de Arrasto, Daniel Duarte Silva, e Grémios dos Armadores da Pesca da Sardinha, Edison Passos Pinto de Magalhães; pelos trabalhadores — Casa dos Pescadores de Cascais, Francisco Dias Barata, e Casa dos Pescadores de Matosinhos, José Maria Pinto Soares.

2.ª Subsecção: Conservas de Peixe — O presidente da Corporação da Pesca e Conservas; pelas entidades patronais — Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Setúbal Jacob Perantes Palma e Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Norte, José de Oliveira Marques; pelos trabalhadores — Federação Nacional dos Sindicatos dos Operários da Indústria de Conservas, António Aires Ferreira, e Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Setúbal, Mário Inácio de Matos.

SECÇÃO VII — TRANSPORTES E TURISMO

1.ª Subsecção: Transportes Terrestres — O presidente da Corporação dos Transportes e Turismo, João Pedro Neves Clara; pelas entidades patronais — Vogal do Conselho da Secção dos Transportes Terrestres e Aéreos da Corporação dos Transportes e Turismo, António de Azevedo Lima, e Companhia dos Caminhos-de-Ferro Portugueses, João Maria Leitão de Oliveira Martins; pelos trabalhadores — Federação Regional do Sul dos Sindicatos dos Motoristas, António Simões Coimbra, e União dos Sindicatos dos Ferroviários, João Moitas Dinis.

2.ª Subsecção: Transportes Aéreos — O presidente da Corporação dos Transportes e Turismo; pelas entidades patronais — Transportes Aéreos Portugueses, Duarte Pinto Basto de Gusmão Calheiros; pelos trabalhadores — Vogal do Conselho da Secção dos Transportes Terrestres e Aéreos da Corporação dos Transportes e Turismo José Sequeira Marcelino.

3.ª Subsecção: Transportes Marítimos e Fluviais — O presidente da Corporação dos Transportes e Turismo. Pelas entidades patronais — Vogal da Junta Disciplinar da Corporação dos Transportes e Turismo, José Manuel da Silva José de Mello; pelos trabalhadores — União dos Sindicatos dos Oficiais, Mestranga e Marinhagem da Navegação Marítima, Manuel Ramos de Sousa Júnior.

4.ª Subsecção: Turismo e Indústria Hoteleira — O pre-

sidente da Corporação dos Transportes e Turismo. Pelas entidades patronais — Grémio Nacional das Agências de Viagens e Turismo, Albino André, e União dos Grémios da Indústria Hoteleira e Similares do Sul, Fernando Augusto Serra Campos Ferreira; pelos trabalhadores — Federação Regional dos Sindicatos dos Profissionais da Indústria Hoteleira e Similares do Sul, Manuel Mendes Leite Júnior, e Federação Regional dos Sindicatos dos Profissionais da Indústria Hoteleira e Similares do Norte, Manuel José Dias Coelho da Silva.

SECÇÃO VIII — IMPRENSA E ARTES GRÁFICAS

1.ª Subsecção: Imprensa — O presidente da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas, Luís Eduardo Braga Borges de Castro; pelas entidades patronais — Grémio Nacional da Imprensa Diária, Celso Mendes de Magalhães, e Grémio Nacional da Imprensa Não Diária, Gentil Marques; pelos profissionais — Sindicato Nacional dos Jornalistas, António Augusto Lopes Pacheco e José Manuel Vieira Pereira da Costa.

2.ª Subsecção: Livros e Artes Gráficas — O presidente da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas; pelas entidades patronais — Grémio Nacional dos Industriais Gráficos, Fernando Lourenço Pereira, e Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, Fernando Guedes; pelos profissionais — Federação Nacional dos Sindicatos dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos, David Jacinto, e Sindicato Nacional dos Empregados de Administração e Revisores da Imprensa José Abel e Lemos Pedro Saphera Costa.

3.ª Subsecção: Indústria do Papel — O presidente da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas; pelas entidades patronais — Grémio Nacional dos Industriais de Fabricação de Papel, Armando Pires Tavares, e Grémio dos Industriais de Cartonagens, Sobrescritos, Sacos de Papel e Correlativos do Sul, Alberto Américo Campos Aço; pelos profissionais — União dos Sindicatos dos Operários das Indústrias de Fabricação de Papel, Cartonagens e Ofícios Correlativos, Aníbal de Sousa Azevedo, e Federação Regional do Norte dos Sindicatos dos Empregados de Escritório, Manuel Ferreira da Silva.

SECÇÃO IX — ESPECTÁCULOS

1.ª Subsecção: Teatro, Música e Dança — O presidente da Corporação dos Espectáculos, Manuel Joaquim Teles; pela entidade patronal, Artur Campos Figueira Gouveia; pelos profissionais, Samwel Dinis.

2.ª Subsecção: Cinema — O presidente da Corporação; José Maria Caldeira Castelo Branco Mesquita e Carmo e Jorge Brum do Canto.

3.ª Subsecção: Diversões — O presidente da Corporação; José Firmiano Henriques e Leão António de Almeida.

SECÇÃO X — AUTARQUIAS LOCAIS

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, António Vitorino França Borges; o presidente da Câmara Municipal do Porto, Nuno Henrique Maciel de Vasconcelos Porto; pelos restantes municípios urbanos do Continente — Presidente da Câmara Municipal de Almada, Serafim de Jesus Silveira Júnior; pelos municí-

(Continua na 22.ª página)

DIVORCIADOS E SEUS PROBLEMAS

por Antónia de Sousa

5 (CONCLUSÃO)

A SITUAÇÃO da mulher separada judicialmente é mais melindrosa do que a da mulher divorciada. Como esta, tem de fazer face a problemas de solidão, afectivo-sexuais e económicos, além dos que decorrem da sua impossibilidade de constituir legalmente nova família.

A sr.^a X de quem já falámos nos precedentes artigos, é separada judicialmente há cerca de dois anos e, de facto, há perto de vinte. Casou-se, canonicamente, com 17 anos. À data do enlace, o marido tinha 24 anos. O casamento com coabitação durou dois anos e meio e dele nasceu uma filha que ficou a viver com a mãe.

— Que problemas resultaram da sua separação? — perguntámos à sr.^a X.

— Pertencio a uma família burguesa, com preconceitos, de que tenho procurado libertar-me. Separada de facto e sabendo que não podia divorciar-me nem voltar a casar — contou-nos a sr.^a X —, dizia sempre que era divorciada porque tinha receio de que os homens que me faziam a corte não pusessem a hipótese, ainda que longínqua, do casamento e procurassem simplesmente uma aventura. Estava constantemente rodeada de indivíduos de que eu me defendia de uma forma quase bárbara. A minha posição era de defesa em relação a mim e aos outros. Principalmente porque tinha a miúda.

A FAMÍLIA E A OPINIÃO PÚBLICA

— Quando resolveu separar-se teve problemas em relação à família?

— Não tive. Concordaram. Tive outros problemas, um dos quais me chocou muito. Quando me separei saí da terra onde vivia e supor os comentários e hipóteses mais malevolentes inventaram que tinha havido adultério, que eu fugira com outro. Eu não gostava de outra pessoa. Simplesmente não podia suportar viver com aquela.

— A separação dos pais motivou problemas em relação à criança?

— Sim, problemas que a minha filha não punha, mas se traduziam em certos comportamentos motivados por viver num lar incompleto. Como ela era muito pequena quando se separou do pai, nunca percebi que tivesse vontade de que o pai vivesse connosco. Esta era uma questão definitivamente posta de lado. Mas quando estava na escola nunca dista que vivia só com a mãe. Reforça-se

cussão «O Casamento e a Concordata».

«...não podemos dizer que existem realmente 88 % de pessoas que vivam catolicamente, mas podemos dizer que há 88 % de casamentos católicos. Isto revela que o casamento católico ultrapassa o problema da fé para surgir como uma instituição tradicional de carácter sociológico, que muita gente não vivendo já mesmo a fé católica acorre a ele por uma questão de situação social ou até por uma questão de tradição. (...) mas grande parte das pessoas que casam catolicamente não o fazem com o espírito, com a intenção ou o heroísmo necessários ao casamento católico, o que automaticamente gerou, em Portugal, um terrível problema: haver uma grande massa de casamentos católicos não dissolvidos de direito mas dissolvidos de facto. Ou seja: pessoas vivendo à margem de qualquer lei, tendo recriado outras famílias, por-



Entre nós é muito elevada a percentagem de casamentos católicos: mais de 80%. Estes números não traduzem, porém, uma verdadeira convicção religiosa, mas tantas vezes respeito pela tradição, desejo de não desagradar à família e, ao fim e ao cabo, porque é mais bonito o casamento pela igreja

GOSTARIA DE PODER CASAR-ME!

— AFIRMOU-NOS UMA SENHORA SEPARADA JUDICIALMENTE

O CASAMENTO E A CONCORDATA

A sr.^a X casou sob o regime da Concordata, problema largamente discutido, no nosso jornal, no Suplemento «Mesa-Redonda». Foi então dito que, há dois anos, as estatísticas indicavam 88 % de casamentos católicos contra 12 % de casamentos civis. Ao analisar esta percentagem, esclareceu o dr. Sousa Tavares, participante na dis-

tanto, dando origem a uma massa inesperada de filhos ilegítimos, facto grave em face da legislação portuguesa que continua mantendo distinções muito ásperas entre filhos legítimos e ilegítimos.

UMA NOVA FAMÍLIA NÃO LEGALIZÁVEL

— Custou-me a decidir formar um novo lar — prosseguiu a sr.^a X —, um boca-

do pela opinião pública, mas principalmente por causa da criança. O — aqui a sr.^a X hesitou, e depois disse — o Henrique conhecia os problemas imaginários e as mentiras da minha filha. A partir da nossa união ela nunca mais mentou. Deu-se uma transformação. Tornou-se uma criança equilibrada. Começou espontaneamente a chamar-lhe papá. Verifiquei depois que raciocinava sempre em relação ao passado. «Quando me falam

no pai, penso sempre no papá» — disse-me. Depois aceitou a irmã. Foi o dia mais feliz da sua vida. Tinha 11 anos quando a irmã nasceu. Quando ela por sua vez, teve um filho, escrevi-lhe que agora este, era o dia mais feliz da sua vida. Respondeu-me que o dia mais feliz e despreocupado foi, de facto, o dia em que nasceu a irmã, pois ocupada em dar à luz, não se sentia disponível emocionalmente como quando a irmã nasceu.

A sr.^a X declarou-nos que espera um dia poder legalizar a sua situação, quando for revista a Concordata.

Mais do que problemas sociais, a sua ligação acarretou-lhe, nos primeiros tempos, problemas psicológicos.

— Gostaria de poder casar-me! — concluiu.

O DIVORCIADO COMO INDIVÍDUO ISOLADO É BEM ACEITE

É no que respeita aos homens: o divórcio ou a sepa-

ração judicial também lhes traz problemas?

Afirmou-nos o sr. Y:

— Pessoalmente, como divorciado, não tenho problemas. O único problema é não assistir directamente ao filho. Socialmente, o homem divorciado não tem problemas como indivíduo isolado, mesmo que tenha contraído uma ligação, dita irregular, de carácter duradouro, o que no entanto não acontece em relação ao casal.

Em certos meios progressistas é perfeitamente aceite, mas a nossa sociedade numa maneira geral não é progressista e, por isso, também numa maneira geral não é bem aceite. Inclusive, terá de apresentar a mulher como esposa legítima. Ao nível popular a aceitação é bastante melhor do que ao nível da burguesia. A aceitação é melhor nos extremos das classes sociais: na mulher a classes, na vendadora, no operário e nos intelectuais.



Os adolescentes são particularmente exigentes com o comportamento dos pais. Frente a atingir a maturidade ainda se recusam com a separação dos progenitores. E tendem a um comportamento turbulento aos seus problemas familiares

EM FACE DA CONCORDATA

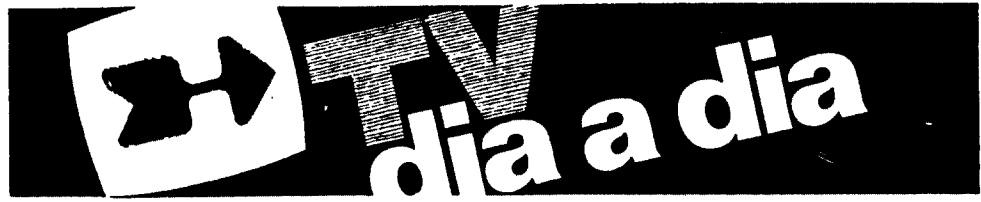
Dois homens conversavam num café e outro, na rua. Aborreceram-se as suas palavras. Interromperam. Ouviram:

— Não há divórcio, mas há separação! Se não me der bem, separo-me!

AS LEIS E O DIVÓRCIO

As leis não podem ignorar durante muito mais tempo:

- a situação moral e social que decorre da não concessão do divórcio aos casados canonicamente
- a evolução da mentalidade que lentamente vai aceitando como inevitável a modificação estrutural dos casamentos
- a lei só pode ter veleidades educativas quando as suas obrigações estiverem carreadas na consciência social. Pretender não dar conta à realidade, para a modificação da situação no casamento, é subtrair-se a qualquer



HOJE PODE VER...



Coro Harmonia, imagem feminina de «O Mundo a Cantar»

O mundo a cantar

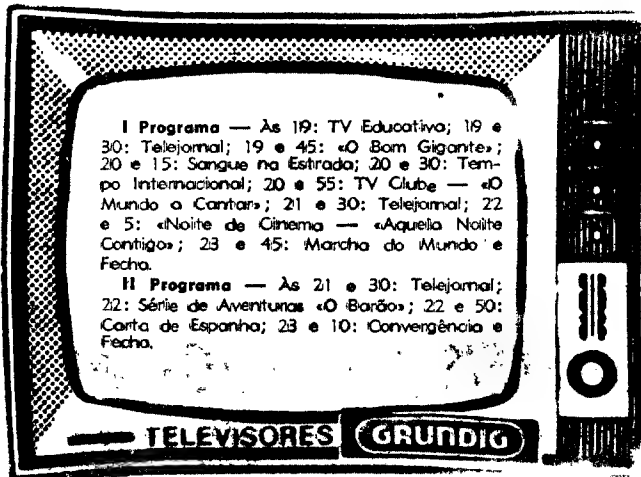
Cerca das 21 horas é apresentado mais um programa da série «O Mundo a Cantar», com o Coro Harmonia, dirigido pelo professor Friedrich Wilhelm Werner, com a colaboração do acordeonista Siegfried Sugg e apresen-

tação de Pedro Moutinho. O coro interpreta uma canção alentejana e três fandangos minhotos; mais «Plaisir de l'Amour» e «Eramos Três Irmãos», «Cedo de manhã» e «Olhando para ti», além de três melodias checoslovacas.

II PROGRAMA

«O BARÃO», «CARTA DE ESPANHA»
E «CONVERGÊNCIA»

Pelas 22 horas é exibido mais um episódio da série de aventuras «O Barão» com Steve Forrester, no protagonista. Trata-se de uma repetição, como, igualmente, as rubricas seguintes «Carta de Espanha» e «Convergência».



I Programa — As 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «O Bom Gigante»; 20 e 15: Sangue na Estrada; 20 e 30: Tempo Internacional; 20 e 55: TV Clube — «O Mundo a Cantar»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: «Noite de Cinema» — «Aquele Noite Contigo»; 23 e 45: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: Série de Aventuras «O Barão»; 22 e 50: Carta de Espanha; 23 e 10: Convergência e Fecho.

NOITE DE CINEMA:

«AQUELA NOITE CONTIGO»

Franchot Tone, Susanna Foster, David Bruce e Louise Allbritton são os principais intérpretes da película de grande metragem realizada por William A. Setter «Aquele Noite Contigo» que a «Noite de Cinema» exhibe hoje, pelas 22 horas.

Filme realizado há umas dezenas de anos, tem, todavia, o interesse de nos mostrar um actor famoso dos anos trinta e quarenta: Franchot Tone.

Conta a história de uma jovem cujo sonho é o de tornar-se uma grande vedeta de teatro. Para tanto, não hesita em apressar-se em casa de um célebre produtor da Broadway e fazer-se passar por sua filha. Aquele que foi casado com uma cantora, de quem está separado, julga ser verdade e mais se convence quando — sua ex-mulher aparece e reconhece como sua filha a jovem Penny, a jovem, deveras admirada compreende então que também a actriz tem interesse em voltar a fazer parte da vida do produtor, e para tal, o caminho mais fácil é fazer o jogo da futura vedeta. Por fim, tudo se explica. A ex-mulher de Paul desiste da ideia de voltar aos palcos e Penny vê o seu sonho tornado realidade. Casa com o noivo de quem sempre gostou e participa num grande espectáculo produzido por Paul, que não é seu pai, mas reconhece na rapariga uma voz digna de ser apreendida na Broadway.

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 6 e 05: Canções por Nara Leão; 6 e 15: Tradições, Costumes e Turismo dos Açores, pelo dr. Carneiro da Costa; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Roteiro Musical Português; 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Candeira Pais; 18 e 40: Conjuntos Instrumentais; 19: Cartas dos Espectáculos; 19 e 45: Rádio Rural — Música, só música;

2.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

«O BOM GIGANTE»

De características juvenis «O Bom Gigante» é uma série que entretém a camada de publico que aprecia a aventura, pouco recheada de violência.

Hoje, pelas 19 e 45, é exibido o episódio intitulado «O meu amigo Ben».

«Maria arranja um amigo, um pouco velho, que a trata como uma criança. Maria abandona o urso» «Ben» que se sente infeliz por esse facto e foge de casa. Mark, desiludido com a nova amizade, vem a reconhecer que Ben é afinal o seu melhor amigo».

TEMPO INTERNACIONAL

Geralmente preenchido por filmes documentais dos inesgotáveis arquivos da C. B. P. o programa «Tempo Internacional» tem o seu interesse centrado no campo histórico-político.

Hoje, cerca das 20 e 30, é exibido o filme intitulado «Congo, vítima da independência»... Tradução de António Ruano e locução de Henrique Mendes.

canal da crítica

«ZIP-ZIP»: QUASE A VERTIGEM DAS ALTURAS, NESTA ALTURA

É já madrugada. O «Zip-Zip» acabou. A tarefa do crítico está ao máximo simplificada, ao máximo complicada. Simplificada porque é um braçado de flores esta memória ainda fresca do programa; complicada porque terá de reservar para todo o programa, o espaço que deveria dedicar a cada um de quase todos os capítulos. Nunca, como desta vez, o crítico sentiu tamanha angústia à ideia de que, acabado Dezembro, o «Zip» zarpa. A Primavera da Televisão portuguesa terá durado assim tão pouco? Ninguém o quer acreditar. O público telespectador, só a essa ideia, sente-se órfão...



Realizar spots publicitários para a TV é a nova experiência do casal da rainha Isabel

O MARIDO DA PRINCESA MARGARIDA LANÇA-SE NA REALIZAÇÃO DE ANÚNCIOS PARA A TV

A publicidade, em toda a essência dos nossos dias, a sua gama de variedades, facetas, converteu-se numa das profissões mais inte-

20: Diário Sonoro; 20 e 30: solista... Uma orquestra; 20 e 30: 11.º Episódio do Folhetim «O Menino da Canidade» (Vida de S. João de Deus), por Odetta de Saint-Maurice; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Música ligeira; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculo, Magazine de Teatro, Cinema e Bailado; 22 e 30: Fados, por Natércia da Conceição; 22 e 50: Música, só música; 1: Fecho.

2.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

3.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

4.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

5.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

6.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

7.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

8.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

9.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

10.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

11.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

12.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

13.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

14.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

15.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

16.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

17.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

18.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

19.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

20.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

21.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

22.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

23.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e 15: Música de Câmara; 17: Discos raros — interpretações do pianista Benno Moiseiwitsch; 17 e 30: Perspectivas da produção dos compositores suíços contemporâneos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Maria António; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 9 e 35: Quinteto Taffanel — Quinteto de Sopra de New York; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco — Duas canções ao sabor popular (Schumann), em violoncelo, por Mstislav Rostropovich e ao piano, Benjamin Britten; 20 e 30: acto da ópera «Luisa Miller» de (Verdi), comentada por Maria Helena de Freitas; 23: Música portuguesa — Sinfonia n.º 4 em ré (Luis de Freitas Branco) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco; 23 e 45: Concerto Grosso op. 3, n.º 4, em ré maior (Haendel) Orquestra Boyd Neel, dirigida por Boyd Neel; 0: Canções para meio, soprano, tenor e soprano; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica; 1: Fecho

24.º Programa — 391 m — 155 kc/s — As 16 e

Dinheiro!

Aplique-o com segurança

comprando propriedades com GARANTIA DE RENDIMENTO

150 Contos rendem-lhe 950\$00 Mensais

o seu capital pode render-lhe 10%

APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO:

Lisboa — Praça Marquês de Pombal; Reboleira — Rua D. Dinis; Venda Nova — por detrás da Garagem Eduardo Jorge; Paço de Arços (Espargal) e Cascais (na retaguarda do Hotel Baía)

J. PIMENTA, S.A.R.L.

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefones 4 58 43 - 4 78 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 38 70



canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

(e podia) ter melhor sorte. Coisas.

ESTA LISBOA... E A OUTRA

Aquela entrevista com o arquitecto Nuno Portas. Quem vai esquecê-la tão cedo? Quem pode adormecer indiferente diante da sorte que espera a cidade? Quem pode ficar inerte depois do sinal de alarme que Nuno Portas despertou?

Eis que, de súbito, aparece um novo conceito, uma nova dimensão de Lisboa. A cidade alastra para além dos antigos limites. Há hoje uma outra cidade nos subúrbios de Lisboa. Para se falar em Lisboa, teremos de falar da Baixa da Banheira, Loures, Moscavide, Brandoa... E sente-se a contenção de Nuno Portas, o seu esforço por calar os nomes das «povoações» mais pobres que rodeiam Lisboa de uma autêntica cintura de pobreza.

As suas palavras ficam dentro de nós, elas também a desbravar caminhos.

«Lisboa é uma das capitais com menor captação de zonas verdes...»

«O êxodo rural fixa-se nos extremos da cidade. Vem com algumas esperanças e poucas hipóteses...»

«E nos subúrbios que existe maior número de crianças e de jovens. Se não quisermos comprometer mais o futuro, é para aí que devemos dirigir os olhos...»

«É de escolas, hospitais e jardins que Lisboa precisa, e não de construções opulentas...»

«A cidade, com excepção da encosta da Lisboa antiga, volta as costas do rio...»

«Não há uma única esplanada que dê para o Tejo...»

«O caso mais escandaloso que é o tratamento dado à Avenida da República...»

«A Baixa Pombalina procedeu de concurso público. A prática do concurso público é urgente ressuscitá-la nas tarefas em curso, pois só através de concurso público é possível aproveitar o melhor das capacidades...»

«Baixa da Banheira, Brandoa, etc.: aí é que estão as tarefas do futuro...»

Sim. Nas palavras de Nuno Portas não houve a mínima pintura folclórica, género «Lisboa, gaiata, de chinela no pé...» Por isso, os que amam esta «cidade laranja e ouro» de Pablo Neruda, lhe estão gratos porque ganharam novas razões para amá-la mais, defendendo-a melhor.

MAIS UMA EMPREGADA... PARA O TEATRO?

Não esteve, há tempos, na emissão de «Zip-Zip» uma empregada doméstica. Em sua substituição veio ontem a menina idalina de Jasus, representada por Maria Emília Moreira de Carvalho.

Aquilo que «esta» empregada nos disse importa pouco, em comparação com o que a outra nos não disse. Aliás, tudo foi dito sem grandes preocupações de crítica às estruturas familiares burguesas ou pequeno-burguesas. O que verdadeiramente contou foi a interpretação.

Evidentemente não vou tão longe como Solnado ao declarar que nasceu uma nova actriz de Teatro, de Rádio, de Televisão. A prova prestada envolvia algumas dificuldades que Maria Emília resolveu aparentemente com uma perna às costas. Por simples prudência, não aceito a marca firme de uma realidade; medito antes nos sinais de promessa.

É mais tranquilizante para nós todos, incluindo a Maria Emília.

TEMPO PERDIDO, TEMPO ENCONTRADO

O «exterior» de Conímbriga proporcionou-nos o contacto com uma valiosa tarefa de procura do tempo perdido. D. Adília Alarcão, conservadora do Museu, contribuiu muito para o entendimento da importância desses e outras escavações. A câmara acompanhou-a o melhor possível. A visão dos objectos, instrumentos de trabalho, adornos, etc., foi fértil em

encantamento para os olhos e para o espírito. E se é verdade que não se procedeu a uma crítica à forma como os trabalhos têm sido efectuados (e foi pena, pois se o público aprecia conhecer os problemas dos tempos antigos, mas aprecia também conhecer os problemas de hoje), também é verdade que a visita a «17 quilómetros a sudoeste de Coimbra» se fechou com saldo francamente positivo. Pois se o próprio Nuno Martins não conseguiu estragar a visita...

VOZ... E GARGANTA

Luís Andrade começou com sonhos de cantor, acabou com as realidades de realizador da Televisão. Pelo que ontem vimos, mesmo dando o desconto dos seis anos de destreino, a mudança justificava-se sem necessidade de mais explicações.

Ficou, pois, compreendida a razão por que Luís Andrade não foi cantor. É certo que a primeira demonstração, a do «André Chenier», bastava. A segunda interpretação foi chover no molhado. De qualquer delas, já o realizador da Televisão deve ter torcido a orelha. Devesse caro, às vezes, no conceito público, estes regressos incontrolados aos sonhos juvenis.

Gostáramos, depois, de ouvir falar o realizador de Televisão. Conhecer os passos mais significativos da sua experiência em caminho tão difícil. Disso, nada, ou quase nada, nos foi dito. Embre-nhou-se em generalidades pró-televisão que não eram ali chamadas. Fez-nos sorrir aquela sua afirmação de que a maioria do público do nosso País não sabia o que era teatro — e agora sabe, graças à Televisão...

O problema, claro, não consiste em saber se o que se fez bom não poderia ter sido melhor; se o que se fez mal, não seria evitável; se o que se fez de péssimo não destruiu o amor pelo teatro, em lugar de o favorecer.

E quanto à razão da fragilidade de certas variedades não vem com a história dos 12 mil contos do Sinatra. Não, a culpa não é do cotidiano do Sinatra. Está, pelo menos, há muitas culpas, isso há. Podia-se conversar longa e utilmente a este respeito. A verdade, a verdade é que o realizador Luís Andrade fez falta no tratamento do entrevistado Luís Andrade. Que ideia foi aquela de

cantar sempre a três quartos? Era para o bilhete de identidade?

ONDE MUITO SE LAVOU

Com a presença da Ti Elvira, lavadeira de Canegás, tivemos um dos momentos mais extraordinários da história do «Zip-Zip». Com total abandono da teatralidade, tão ao gosto do povo quando ele está para aí virado, a Ti Elvira desvendou diante dos olhos comovidos dos telespectadores, não apenas a sua história, mas a história de tantos, tantos de nós. Foi todo o sofrimento do nosso povo estampado nesta figura terrivelmente seca e terrivelmente amável. Com 65 anos, trabalha desde pequenina, sem repouso. Antigamente, com a «jumenta» Catarina vinha a Lisboa e regressava, em 10 horas. Agora, utiliza a camioneta — mas gasta nas passagens tudo quanto ganha. A evolução da sua existência resume-se nisto: outrora, não ganhava nada, agora também não...

A sua vida foi sempre assim: trabalhar. Quando chove, aproveita a água e lava no tanque, em casa; senão, vai lavar à ribeira. E já lá sendo levada numa cheia para acudir à roupa das senhoras, coitadinhas, que são tão suas amigas...

O grande espectáculo da entrevista foi a presença da Grande Realidade, quando Raul Solnado sugere que talvez o Menino Jesus lhe desse, pelo Natal, uma máquina de lavar...

Solnado nem através do Menino Jesus é rico. Ao menos, já agora, tanto fazia ao Menino oferecer-lhe uma máquina, como uma lavandaria, tanto quanto possível «self-service», que é o que mais precisa a Ti Elvira.

Assim mesmo, a Ti Elvira viu a bom vir. Máquina? Era um grande milagre, esse. E para que queria ela a máquina se lhe faltava a electricidade e se, de água, só tinha a que lhe caía da chuva em cima da cara, quando dormia.

Val ser grande a tarefa do Menino Jesus: lavandaria, instalação eléctrica, benedictões no telhado. Mas a Ti Elvira já se desenganou de tudo. «Estou numa idade muito avançada...»

Ti Elvira: trabalho sem esperança, velhice sem repouso, dolorosa imagem que nos lembra o trabalho gigan-

O MARIDO DA PRINCESA MARGARIDA LANÇA-SE NA REALIZAÇÃO DE ANÚNCIOS PARA A TV

(Continuação da pág. anterior)

competição renhida, de onde só os autênticos valores e ideias novas vencem, tornando em luta árdua e brilhante o lugar na pequena pantalha. Com efeito, no campo concreto da TV, a publicidade tem uma importância que não é necessário destacar. Todos sabemos que, para chamar a atenção do telespectador, a publicidade especializada tem de se servir de uma maior, e cada vez mais, fantástica imaginação. Imaginação que ganhará, constantemente, um novo cliente para o produto anunciado, o que leva a travar-se uma outra luta interna: o concurso dos melhores realizadores que lhes garantam ideias novas e fascinantes.

Assim, ainda que sem grande publicidade, a TV britânica projecta «spots» realizados por homens como Peter Collinson (realizador de películas como «The War Game» e «The Long Day's Dying», etc.), ou Karel Reisz («Morgan» (para quando em Lisboa?), «Isadora Duncan», ou, ainda, Richard Lester (realizador dos filmes dos «Beatles», além de outros).

Estes são alguns dos muitos realizadores de prestígio que não recusaram colaborar com a TV no campo publicitário. Os honorários atribuídos a cada um deles, por um dia ou, no máximo, dois dias de trabalho, nunca é inferior a 43 500\$00. É, pois, um trabalho bem remunerado, que lhes permite, ainda, uma liberdade total de realização e onde todo o material gasto é pago pela agência publicitária. A publicidade TV não só atraiu os grandes realizadores, como os grandes nomes do estrelato cinematográfico, «ases» do desporto, etc. Assim podemos ver Leslie Caron anunciando sapatos; Elke Sommer, sabonetes; e o discutidíssimo George Best, laranjas espanholas.

O marido da princesa entra na liça

Uma das últimas aquisições da TV britânica foi a do famoso fotógrafo-artista «lord» Snowdon, cunhado da rainha Isabel (esse mesmo, o marido da princesa Margarida), que acaba de assinar contrato como realizador de «spots» publicitários destinados à TV. Anúncios que, em breve, correrão o mundo inteiro.

Anthony Armstrong-Jones, conde de Snowdon, tem 39 anos e um historial de grandes dimensões como fotógrafo. Como profissional, realizou grandes reportagens gráficas, que revistas como a «Life» e «Paris Match» inseriram, pagas a peso de ouro. Recebeu inúmeros prémios pelas suas fotografias e colaborou no filme «A Batalha de Inglaterra», agora em exibição entre nós. Ainda que realizador de curtas-metragens, o cunhado da rainha não possui qualquer experiência no campo publicitário, mas o seu documentário «Love of a King» (Amor de um Rei), que a própria BBC exibiu em 23 de Outubro passado, entusiasmos os produtores, que logo o contrataram para uma nova série, a aparecer em Londres em Janeiro do próximo ano.

Ao «rebrantar» esta notícia da nova actividade de «lord» Snowdon, surgiram, inevitavelmente, diversos boatos sobre os motivos que o teriam levado a aceitar esta oferta (ainda está fresca a «bomba» da penúria lançada pelo príncipe Filipe, numa entrevista dada à TV americana). Mas «lord» Snowdon calou todos os rumores ao declarar: «Realizar «spots» agrada-me e muito interessante, sobretudo porque se adquire agilidade e desenvoltura para contar histórias por imagens. Creio que qualquer bom realizador cinematográfico deveria passar por esta experiência tão instrutiva, antes de se abalar para cometimentos de maior vulto, como o de realizar um grande filme, por exemplo.»

«O AMOR É UM DEUS...»

Foi em beleza que «Zip-Zip» terminou. Francisco d'Orey veio falar-nos do amor da música e da possibilidade de esse amor estar cada vez mais ao alcance do povo. Falou ardentemente da sua experiência na «indústria» criadora de amor («o amor é um Deus de paz...») dissera Propércio pela boca de David Mourão-Ferreira) através do coro da Universidade, da Juventude Musical, do Grupo Coral da Tabaqueira. (Deveria dizer, num parêntese, que em relação a este último, o apetite nos ficou aguçado...)

O coro da Universidade cantou-nos uma canção antiga de Manuel Joaquim, uma canção da Beira-Baixa harmonizada por Lopes-Graça, e o tão nosso familiar «Josézito já te tenho dito» enriquecido como demonstração das possibilidades corais.

Fez-se muito pelo amor da música nesta entrevista e nesta exibição. O operador colheu a melhor imagem da noite: a expressão feliz de Francisco d'Orey enquanto cantava a solista do Josézito. Não era, nesse momento, um simples rosto: era o símbolo de muitos milhões de rostos atentos, dispersos por todo o País.

FIM DA OPERAÇÃO

«Zip-Zip» foi várias vezes suspenso para dar imagens da chegada do grupo emulador. Mal feito. Não saboreámos uma coisa nem outra. Aliás, esta não tinha grande originalidade: era uma chegada ao Pacífico igualzinha a tantas outras nossas conhecidas, com a única novidade de assistirmos à queda da cápsula na água. Registe-se que o esforço da câmara para acompanhar o movimento da cápsula até ao embate com o oceano foi das coisas mais belas a que já assisti em Televisão.

Fim da operação «Apolo-12» pode resumir-se a actividade de José Mensurador numa simples frase: ultrapassou em ineficácia a do «Apolo-11». Contagiado, foi ele o 3.º homem que esteve (sempre) na Lua. Mas deu-nos vistas a insistência com que batia a batida do bumbum em cima do horário. Caramba! Que bom expediente da Carris se está ali a perder! MARIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

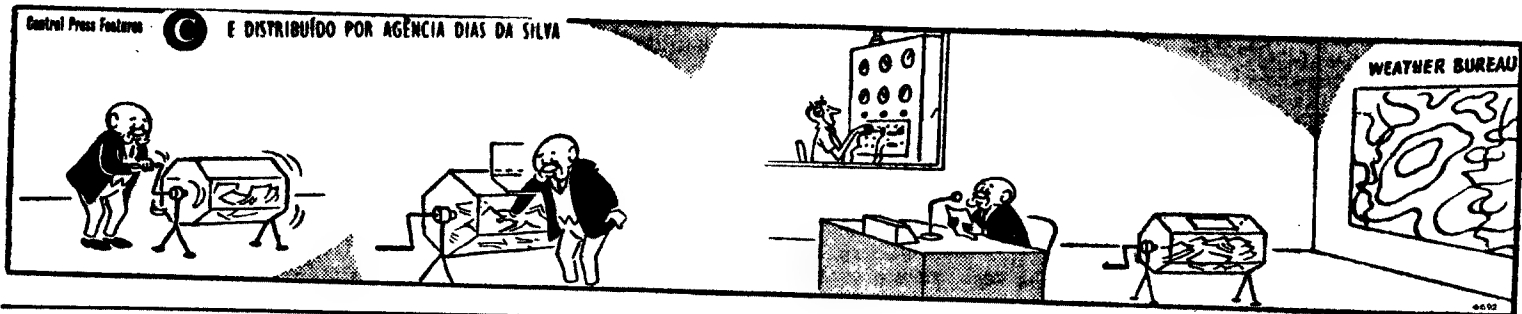
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

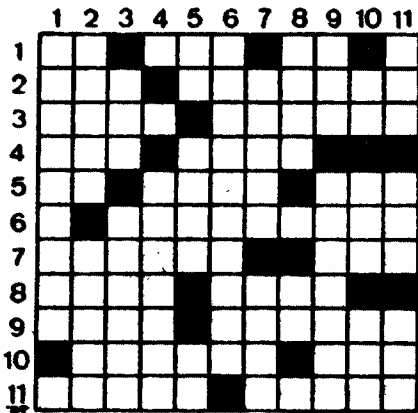
COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 5369

HORIZONTAIS: 1—No caso de. Lobrigar. Carta de jogar. 2—Ligação. Intima. 3—Abastada. Pretendes. 4—Rio da Itália, afluente do Pó. Mantém-se. 5—Nome de letra grega. Triturar. Concedas. 6—Saracoteia. 7—Ser suficiente. Caminha. 8—Metal precioso. Junta. 9—Cura. Presumido. 10—Demoram. Acolá. 11—Cidade banhada pelo Nábão. Lúgubres.

VERTICAIS: 1—Beatíficos. 2—Suprimi. Encontro, sem elisão, de duas vogais no fim de uma palavra e princípio de outra. 3—Escavada. Gritam. 4—Ofendera. 5—Pertences. Subjuga. Licenciada. 6—Lânguida. 7—Conjunto de touros que se correm no mesmo dia. Divisa. 9—Ente. Lentamente. 10—A ti. Ena! Grito. 11—Preposição e artigo (pt.). Desaparece. Aqui está.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inserido.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5368

HORIZONTAIS: 1—Peitagueira. 2—Barrota. 3—Cremida. 4—Hás. CÃO. Puro. 5—Im. Més. Polo. 6—Sada. Atuar. 7—Blindar. 8—Iloia. Poda. 9—QUE. S6. 10—MUITO. 1am. 11—Exala. LADRA.

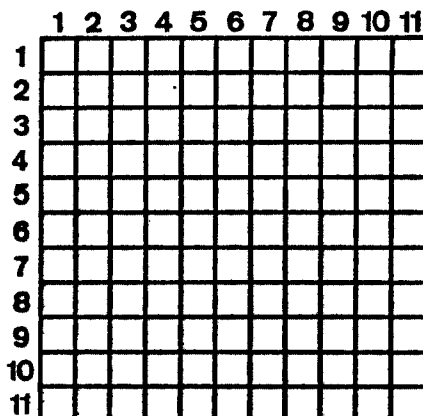
VERTICAIS: 1—Pachisbeque. 2—Rama. 3—Ides. Dilema. 4—Mama. U1. 5—Obice. Dizia. 6—Góla. Ao. 7—Unda. Ar. Sol. 8—Era. Pt. P6. 9—la. POUCO. Id. 10—Rimda. Doar. 11—As. MORDE. M6.

(Proverbo: CÃO QUE MUITO LADRA POUCO MORDE.)

PALAVRAS CRUZADAS
PROBLEMA N.º 9212

HORIZONTAIS: 1—Borboleta que habita as regiões montanhosas. Cidade da Rússia junto do Embach. 2—Queridos. Surgir. 3—Ligavos. Arvore da América. 4—Nome de uma letra. Feiticeiro negro em algumas regiões. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 5—Segundo Guamecena de asas. Compaixão. 6—Tritura. Artigo indefinido. 7—Utensílios domésticos. Acredita. 8—Atuada. Irmão de Moisés. 9—Colorido Paraíso Um cento. 10—Oculta. Ligara. 11—Curar. Enganos.

VERTICAIS: Recuai. Nomes de frutos. 2—Nome antigo da povoação onde foi edificada Nova Goa. Pega. 3—Língua vernácula Indiana Realizar. 4—Baleia. Camareiras. Deus dos pastores. 5—Restos mortais. Tirar. 6—Botequim. 7—Atraíçar. Parte do eixo de uma planta que normalmente suporta as folhas. 8—Rio da Sulga. Aragem. Caminhar. 9—Escaqueçam. Comparar. 10—Bebedeira (Pop.) Elemento que entra em algumas palavras com o significado de an. 11—Nome dum planeta. Ficas com



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9211

HORIZONTAIS: 1—Pirão. Estar. 2—Ar. Gra. Ta. 3—Sim. Cru. 4—Aves. Aia. 5—Aia. Apó. 6—Ar. Marca. Re. 7—Fia. Geo. Sob. 8—Ani. ga. Rido. 9—Nara. Real. 10—Ana. Cão. Ida. 11—Oásis. Pesor.

VERTICAIS: 1—Pás. Sefarico. 2—Iria. Rá. mana. 3—Mea. Afros. 4—AC. Ram. Ga. 5—Ora. Seg. Ca. 6—Ra. Dá. 7—Eta. Açor. Op. 8—S6. Apa. Ot. 9—Ola. Seta. 10—Ave. Ro. dada. 11—Reta. Retolra.

ATENÇÃO



ENTREGUE A MANUTENÇÃO
DO SEU ASCENSOR À
A REPARADORA
DE ASCENSORES
IMPÉRIO, LDA.

REPARAÇÕES EM ASCENSORES DE TODAS AS
MARCAS. PESSOAL TÉCNICO E ESPECIALIZADORUA DA ARRABIDA, 44-B — LISBOA
TELEFONES 685531-682007

SENHORES CAÇADORES

A partir de agora a LINDE põe ao dispor de todos aqueles que se dedicam a este saudável desporto uma gama de doze congeladores diferentes e de várias capacidades.

Todos os senhores caçadores têm agora resolvido o problema da conservação das suas peças de caça, podendo guardá-las num congelador LINDE por tempo indeterminado e sem perigo de contaminação ou de deterioração.

Mediante uma mensalidade a partir de 102\$50, sem fiador e sem entrada inicial, adquira hoje mesmo o seu congelador LINDE.

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO
A CASA17, Rua dos Fanqueiros, 19 — Telef. 320876
54, Rua de Vitória, 56 — Telef. 33323

H 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 25 de Novembro de 1939 publicava:

«LONDRES — A agência telegráfica polaca anuncia que o general Becker, chefe da Polícia de Varsóvia, publica no Warschauer Zeitung, um aviso à população no sentido de não dar apoio aos franco-atiradores que, nos últimos tempos, causam às autoridades da ocupação, dificuldades.

LIVRELCO
CONVOCATÓRIA

De acordo com o preceituado no art.º 37.º § 1.º dos Estatutos, convocam-se os sócios accionistas da LIVRELCO — Cooperativa Livreira de Universitários, S. C. R. L. para uma Assembleia Geral Ordinária a realizar na sua Sede, rua José Carlos dos Santos, 7-1.º, no dia 14 de Dezembro pelas 18.30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Informações
- 2 — Eleições dos Corpos Gerentes para o ano de 1970

SE NESSE DIA E A HORA MARCADA NÃO ESTIVER PRESENTE A MAIORIA ABSOLUTA DOS SÓCIOS NO GOZO DOS SEUS DIREITOS, A ASSEMBLEIA GERAL REUNIRÁ 3 DIAS DEPOIS — QUARTA-FEIRA, DIA 17 DE DEZEMBRO ÀS 18.30 HORAS, COM QUALQUER NÚMERO DE SÓCIOS.

Lisboa, 22 de Novembro de 1969

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Professor Joaquim Pereira AmaroLIVRELCO
CONVOCATÓRIA

De acordo com o preceituado no art.º 37.º § 1.º dos Estatutos, convocam-se os sócios accionistas da LIVRELCO — Cooperativa Livreira de Universitários, S. C. R. L. para uma Assembleia Geral Extraordinária a realizar na sua Sede, rua José Carlos dos Santos, 7-1.º, no dia 6 de Dezembro pelas 18.30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Informações
- 2 — Despedimento duma empregada da Livrelco
- 3 — Análise das relações Empregados-Direcção
- 4 — Apreciação da actividade da Direcção

SE NESSE DIA E A HORA MARCADA NÃO ESTIVER PRESENTE A MAIORIA ABSOLUTA DOS SÓCIOS NO GOZO DOS SEUS DIREITOS, A ASSEMBLEIA GERAL REUNIRÁ 3 DIAS DEPOIS — TERÇA-FEIRA, DIA 9 DE DEZEMBRO ÀS 18.30 HORAS, COM QUALQUER NÚMERO DE SÓCIOS.

Lisboa, 22 de Novembro de 1969

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Professor Joaquim Pereira Amaro

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Amanhã: dia europeu para cinco equipas portuguesas

EUSÉBIO JOGARÁ CONTRA O CELTIC

• Torres e Diamantino — as dúvidas do Benfica

Com vista ao encontro de amanhã, à noite, contra o Celtic, a equipa do Benfica mantém-se em regime de concentração nos arredores de Lisboa, e, esta tarde, os jogadores, encarnados, vão ao Estádio da Luz, para uma breve sessão de treino.

Entretanto, está já posta de parte a hipótese de utilização de Humberto Coelho, lesionado no jogo de Setúbal. Dois candidatos, Messias e Zeca, se apresentam para ocupar a posição de defesa-central. Otto Glória, no entanto, ainda não dá a decisão, embora a Messias sejam reconhecidas maiores possibilidades de iniciar o desafio contra os escoceses. Também é ainda problemática a inclusão de Torres e Diamantino. Estes futebolistas serão submetidos a testes antes do treinador do Benfica anunciar a constituição da equipa. Por outro lado, é dada como certa a presença de Eusébio, completamente restabelecido, e de Simões.

Em contrapartida, os escoceses do Celtic, que chegaram ontem, mostram-se confiantes e optimistas. O treinador John Stein não escondeu, mesmo, os seus propósitos de ganhar o encontro da Luz, convicção, aliás, extensiva a todos os jogadores das suas ordens.

Sporting: o verde é esperança

Embora apreensivos, dada a valia do Arsenal, e, sobretudo, pelo arrelviador zero a zero consentido no primeiro jogo, em Alvalade, os jogadores do Sporting, conscientes do seu valor, acreditam que podem alcançar em Londres o que lhe fugiu em Lisboa: a vitória.

Entretanto, Fernando Vaz continua com dúvidas quanto ao jogador que actuará na posição de defesa-esquerda em substituição de Hilário. Parece, porém, que o técnico «leontino» se decidirá por Celestino, futebolista com maior traquejo destes despiques.

Por outro lado, Fernando Peres, recuperado da lesão sofrida, deverá voltar à equipa, ocupando uma posição na zona intermédia, juntamente com Gonçalves e Morais, mantendo-se Dinis na extrema-esquerda.

O Vitória de Setúbal e a vantagem de um golo

Com um golo de vantagem obtido no confronto efectuado no Bonfim, a equipa do Vitória de Setúbal já se encontra em Liverpool, disposta a defender tão magra vantagem.

Os setubalenses tiveram

uma magnífica recepção em Liverpool, e os jogadores foram frequentemente assediados com pedidos de autógrafos.

Toda a caravana do Vitória de Setúbal não esconde a satisfação que lhe provoca o facto de a temperatura se apresentar amena e sem chuva. Esse facto favorece os propósitos da equipa portuguesa, mais á-vontade em terrenos secos.

Contudo, os portugueses não podem treinar no relvado onde se efectua o jogo. Com toda a amabilidade, os ingleses informaram que só a 15 quilómetros de Liverpool a equipa do Vitória dispunha de um relvado para treinar.

De qualquer modo, Pedroto decidiu que os seus pupilos fizessem hoje uma curta sessão de desentorpecimento, depois de uma visita ao Estádio de Liverpool.

F. C. Porto: Schwartz confia

Ja em Newcastle, a equipa do F. C. Porto aguarda confiadamente o encontro de amanhã com a poderoso

sa equipa local, Elek Schwartz, o treinador do clube das Antas, deverá apresentar a mesma equipa que defrontou o Barreirense, uma vez que todos os jogadores se encontram em boas condições físicas.

De resto, o treinador do F. C. Porto não esconde a sua confiança, embora reconheça a tarefa difícil que espera a sua equipa. Com um pouco de sorte — acrescenta — tudo se pode conseguir em futebol.

Académica: esperança

Batida apenas por 1-0 em Magdeburgo, a turma da Académica alimenta justifiadamente fortes esperanças em prosseguir na Taça das Taas.

Com efeito, o resultado e, sobretudo, a intencionalidade e técnica do futebol «escolar», deixam antever a hipótese de vencer a maior força física dos alemães, que só esta tarde deverão chegar a Portugal.

Juca, o treinador dos «estudantes», não desfarga o seu optimismo, tendo concentrado os seus jogadores para o difícil encontro com o Magdeburgo.

Todos os futebolistas «es-

colares» se apresentam em boas condições físicas, pelo que ao técnico não se depa-ram quaisquer problemas para a constituição do «con-

O TREINO DE HOJE CONFIRMOU

CELTIC: UM CASO DE FORÇA FÍSICA

A equipa do Celtic treinou esta manhã no relvado secundário do Estádio Nacional. As onze, em ponto, dezoito jogadores (camisola e calção verdes, peugos brancos, botas marcadas no calcanhar com as iniciais do seu possuidor) entregaram-se ao trabalho.

Quatro homens orientaram a sessão: Fallon e Mo-

cher preparar os guarda-redes; Stein comandou os exercícios ginásticos da defesa e meia-defesa; o próprio médico da equipa (dr. Fikzimies), de cronómetro em punho, controlou os «sprints» dos jogadores da linha dianteira.

Um breve apontamento técnico sobre o que foi este treino do Celtic tem de iniciar-se por uma conclusão: a equipa parece transbordar de saúde. Força física a rodos, quase impressionante.

Fallon e ruivo, de patilhas grandes. Dedenfe bem bolas altas (é muito ginástico) mas parece menos eficiente a travar os remates atirados junto ao chão ou a meia-altura para o seu lado direito. Exactamente a antítese do outro guarda-redes (o moreno Callaghan), que bloca bem «tiros» a meia altura mas raramente se estira para a sua esquerda.

Craig tem como preocupação fundamental defender a zona, tal como Gemmel. Os dois defesas laterais insistiram (a solicitação do treinador) por cruzarem sempre a bola para o flanco contrário e colarem-se aos postes da sua baliza mal a jogada adversária se aproxima pelo centro do terreno, próximo da grande-área. Ideia: conjurar o perigo de qualquer modo e auxiliar o guarda-redes que, se o terreno estiver muito empadado (pelas chuvas) pode socar a bola para perto, confiando no imediato alívio dos seus defensores.

O extremo-direito (Johnstone) corre muito, corre toda a sua faixa e centra quase sempre «colado» à linha de cabeceira. Centros secos, rasteiros, com muita força.

No treino de hoje, Murdoch e Auld colocaram-se em «carroussel» com Wallace: só um destes três homens tá à frente, a ampliar o trio normal de ata-

que. A marcação de «li-vres» era feita por Craig, Auld e Hughes: ao sinal de «pontapé», os dois pontas-de-lança arrancam para defronte do guarda-redes contrário, cada um por seu flanco.

O máximo que o técnico permite (teóricamente, claro) são dois toques na bola, em cada lance. E recomenda, amide, que o futebolista que conduz o esférico deve olhar para o couro e não para o adversário.

Nos lançamentos laterais, um homem coloca-se junto à linha, cerca de 10 metros à frente do local onde a bola vai ser lançada. Normalmente, será esse jogador quem recolhe o endosse.

O Celtic, finalmente, parece extremamente confiado em que ultrapassará a «barreira da luz». A melhor arma de que dispõem os seus jogadores: força e envergadura física. Isso ficou bem patente esta manhã, no ultimo apronto da turma antes do sensacional embate com o Benfica.

N. de S.

Rádio Clube Português transmite os relatos dos jogos de amanhã

Rádio Clube Português transmite directamente amanhã o relato dos seguintes desafios a contar para as diversas competições europeias de futebol:

Onda média de Lisboa e Porto: às 19 e 30 — Arsenal-Sporting, Liverpool-Vitória de Setúbal e Newcastle-F. C. do Porto e às 21 e 45: Benfica-Celtic (informações directas).

Para as transmissões e relatos dos três primeiros encontros estão já em Inglaterra os locutores António Miguel, Luís Filipe Costa, Amadeu José de Freitas e Samsão Coelho e os técnicos Jacinto Grilo, Ribas Martins e Fernando Simões.

Rede de modulação de frequência: às 21 horas — Académica-Magdeburgo (em directo, de Coimbra).



Jogadores do Celtic no treino desta manhã

TITULO DE OCUPAÇÃO

TORRALTA é uma sociedade para todos e a todos dá a possibilidade de aplicar o seu capital de uma forma útil e rentável. Ao comprar TÍTULOS DE OCUPAÇÃO você adquire um bem real que lhe garante 8 a 12% de rendimento. INFORMAÇÕES Av. Duque de Loulé, 66-A LISBOA Telefs. 5 44 79 55 56 81 - 5 17 48

8 a 12%



ANDARES

Vendem-se os ultimos que restam alugados, a renderem 7 e 8%, aos preços de 150 e 220 c., um dos melhores locais da Vila de Sacavém. Trata «A Diligente». Tel. 41364, Rua Carlos Mardel, n.º 2, 2.º.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

CICLISMO

Ciclistas portugueses nos «Seis Dias de Madrid»

—desejo de Gabriel Saura

Enquanto entre nós a modalidade entrou praticamente no defeso, na vizinha Espanha a actividade continua a ser intensa, não evidentemente em provas de estrada mas em circuitos fechados, nomeadamente em provas de pista coberta, tal como do Palácio dos Desportos de Madrid. Ainda há poucos dias se realizou naquela pista um grandioso festival, durante o qual o campeoníssimo Jacques Anquetil se despediu praticamente do público espanhol, competindo com ases como Rudi, Altig, Penruena, Errondonea, Hortelano, Manzaneque, etc.

Entretanto, os nossos vizinhos preparam, á semelhança do que é hábito nesta altura da época, os «Seis Dias de Madrid», uma competição que é um autêntico espectáculo pois, além de ciclismo, evoluem nas pistas preparadas para o efeito, os mais categorizados artistas presentes na capital espanhola.

Ao contrário do que tem acontecido nos últimos anos, desta vez, os portugueses foram lembrados pelos organizadores. Ao facto não é estranha a categoria evidenciada por Joaquim Agostinho em corridas disputadas não só entre nós, como principalmente no estrangeiro. Com o intuito de conhecer a possibilidade da comparação de corredores portugueses em Madrid, muito especialmente de Joaquim Agostinho, esteve há dias em Lisboa o conhecido técnico e organizador Gabriel Saura. Infelizmente o organizador espanhol não partiu muito satisfeito pois embora nada tenha ficado decidido em definitivo, são escassas as possibilidades de Agostinho ou Miranda, os

principais visados, se podem destacar a Madrid. Saura, entretanto, aquilatou o valor de outros corredores e partiu convicto de que algo conseguirá ainda. É evidente que muito embora provas do género não sejam muito do jeito dos nossos corredores,

por a elas não estarem habituados, não deixa de ser significativo o interesse agora manifestado pelos espanhóis, sendo de desejar que as coisas corram á medida dos desejos de Saura e possamos saber em Madrid corredores portugueses.

VOLEIBOL

VITÓRIA DO L. GINÁSIO SOBRE O SINTRENSE (3-0)

Em antecipação dos jogos da 4.ª jornada, do Torneio de Abertura de seniores em Voleibol, realizou-se ontem na Escola Nuno Gonçalves, o encontro Lisboa Ginásio-Sintrense.

Os «ginastas» venceram por 3-0 (15-5, 15-5 e 15-4) e lamentavelmente por falta de árbitros, o encontro foi dirigido pelo orientador do L. Ginásio prof. Francisco Freire.

As equipas alinharam: L. GINÁSIO — Casal-Ribeiro, Fernando Simões, Eduardo Sousa, José Sales, Joaquim Azevedo, António Ribeiro, Benvidio Pitra e Agostinho Esteves.

SINTRENSE — José Manuel, João Estrela, Joaquim Silva, Rui Mercelino, António Damião e Ângelo Silva.

Vitória fácil e justa do L. Ginásio, num encontro em que qualquer das equipas não apresentaram o seu melhor.

Mais homogênea, a turma lisboeta acabou por impôr-se mercê do seu maior poder atacante e da fragilidade da defesa adversária.

Para o Torneio de Juniores, o Benfica venceu o Ext. Mascavide por 3-1 (a-15, 15-a, 16-14 e 16-14) após um encontro muito equilibrado.



Motocross: desafio às máquinas e aos homens

O MOTOCROSS é uma modalidade em franca ascensão e cujo interesse aumenta em cada prova. Este ano a Federação Portuguesa de Motociclismo resolveu organizar o I Campeonato de Portugal da modalidade, cuja 8.ª jornada decorreu nas Mercês. Apesar do mau tempo os concorrentes e o público estiveram presentes em elevado número. Nani com uma Twa afirmou-se uma vez mais obtendo a sua 7.ª vitória em 8 provas. O título de campeão, já ninguém pode roubar-lho. Na nossa gravura um grupo de iniciados tenta vencer, logo no início da prova, uma «indesejável» subida lamacenta.

HOJE À NOITE

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da 2.ª Divisão: Rio Sto-Física de Torres, às 22 horas, no Pavilhão da Tapada.

— Campeonato de Lisboa Feminino da 1.ª Divisão: Encarnação-C. I. F. A, às 21; Nacional-Benfica, às 22, e Sporting-Algés, às 22 horas, no Pavilhão da Tapada.

— Campeonato de Lisboa Feminino da 2.ª Divisão: C. D. U. L. Atlético, às 21 e 30, no Pavilhão do Estádio Universitário, e Ateneu-C. I. F. B, às 22 horas, no Ateneu.

BILHAR — Taça Alabern (pentatlo), na Associação de Lisboa dos Amadores de Biliar, às 21 horas.

TÊNIS DE MESA — Sorteio da mesa da final da Taça «Diário Popular» (seniores), entre o Sporting e o Benfica, na Associação, às 22 horas.

VOLEIBOL — Torneio Aberto Feminino: C. D. U.

L. C. I. F., às 19 e 30, no Estádio Universitário.

Acontecimentos DE ONTEM

ANDEBOL

Resultados dos jogos de ontem a contar para o Campeonato de Andebol de Lisboa da III Divisão: Camarão-Faculdade de Ciências, 14-24; Atlético-Algés, 25-16 e Castelo-Santa Catarina, 4-26.

BILHAR

Efectuou-se, ontem, a 1.ª jornada da Taça Alabern (pentatlo), tendo-se apurado os seguintes resultados:

Cardoso Pereira (indiv.)-Manuel da Silva (Benfica), 400-48, e Raul Vidal (Sporting)-Américo Torres (Benfica), 400-298, ambos em partida livre.

No quadro 47-2, Mário Ribeiro (Benfica), 300-41-30-Américo Torres (Benfica), 227-41-26.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

AVISO

NA INTENÇÃO DE NOS ASSOGIARMOS A CAMPANHA
«HÁ SEMPRE UM PORTUGAL DESCONHECIDO»

PARTA CONNOSCO
NOS FINS DE SEMANA
A CONHECER PORTUGAL
ALUGANDO AGORA

POR **500\$00**

UM MORRIS 1000
SEM QUALQUER TAXA
DE QUILOMETRAGEM!

ATÉ AO FIM DO ANO APROVEITE ESTAS SENSACIONAIS CONDIÇÕES: DE SEXTA À TARDE A SEGUNDA DE MANHÃ: POR 500\$00 O CARRO É SEU E AINDA PREÇOS ESPECIAIS PARA OUTROS CARROS E OUTRAS MODALIDADES

TELEFONE-NOS JÁ!!!

AVIS

RENT A CAR

G. SANTOS S.A.R.L. AVENIDA PRAIA DA VITÓRIA, 12-C TEL. 551177 LISBOA
PORTO, TEL. 37871 / FARO, TEL. 28438

PARA
LARES
FELIZES



A HOOVER APRESENTA UMA EXCEPCIONAL GAMA DE MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA AUTOMÁTICAS, CONCEBIDAS PARA RESOLVER TODOS OS SEUS PROBLEMAS DE LAVAGEM DE ROUPA. TODOS! DESDE A MAIS DELICADA ROUPA INTERIOR AO MAIS PESADO COBERTOR. A MÁQUINA HOOVER LAVA TUDO... SEM PERIGO... SUAVE EFICIENTE E AUTOMATICAMENTE. MAIS TEMPO PARA DEDICAR À SUA CASA E SUA FAMÍLIA. CONSULTE UM REVENDEDOR OFICIAL HOOVER QUE A AJUDARÁ A FAZER A SUA ESCOLHA FINAL.

4 MODELOS DIFERENTES

A HOOVER RECOMENDA



MAQUINAS DE LAVAR
AUTOMÁTICAS

LEOPOLD SHIROI, LDA.
LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO



PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«PÁTRIA»
a sair em 1 de Dezembro
às 16 horas

«BENGUELA»
a sair em 7 de Dezembro

«INF. D. HENRIQUE»
a sair em 27 de Dezembro
às 12 horas

«VERA CRUZ»
a sair em 27 de Dezembro
às 16 horas

Com escala prévia por LEIXÕES, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega em Lisboa de 25 a 26 de Novembro.

Com escala por LEIXÕES para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 1 a 5 de Dezembro.

Com escala por FUNCHAL para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 19 a 22 de Dezembro.

Directo a LUANDA e LOBITO. Carrega de 19 a 22 de Dezembro

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em
8 de Janeiro de 1970
às 18 horas

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIA-MI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

A constituição da Câmara Corporativa

(Continuação da 1.ª página)

plos rurais dos distritos de Viana do Castelo, Braga, Bragança, Vila Real e Porto — Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Manuel Bernardino de Araújo Abreu; pelos municípios rurais dos distritos de Aveiro, Viseu, Coimbra, Guarda, Castelo Branco, Leiria e Lisboa — Presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital, António Afonso Amaral; pelos municípios rurais dos distritos de Santarém, Setúbal, Portalegre, Évora, Beja e Faro — Presidente da Câmara Municipal de Torres Novas, Fernando Nuno Martins da Cunha; pelos municípios do arquipélago da Madeira — Presidente da Câmara Municipal do Funchal, Fernando José Martins de Almeida Couto; pelos municípios do arquipélago dos Açores — Presidente da Câmara Municipal da Horta, Vítor Manuel Leites, Marcelo da Silva

SEÇÃO XII — INTERESSES DE ORDEM ADMINISTRATIVA — 1.ª Subsecção: Política e Administração Geral — Afonso Rodrigues Queirós, Armando Manuel de Almeida Marques Guedes, Fernando, António Pires de Lima, Fernando Cid de Oliveira, Proença, Henrique de Miranda Vasconcelos Martins de Carvalho, João Manoel, Nogueira, Jordão Cortez Pinto, João de Matos Antunes Varella, Joaquim Trigo de Negreiros, Luís Supício Pinto, Maria de Lourdes Pintassilgo.

2.ª Subsecção: Defesa Nacional — Um dos secretários adjuntos do Secretariado Geral da Defesa Nacional, João de Paiva de Faria Leite Brandão; um oficial-general do Exército, Alberto Andrade e Silva; um oficial-general da Armada, Jaime Lopes; um oficial-general da Força Aérea, José Duarte Krus Abecassis.

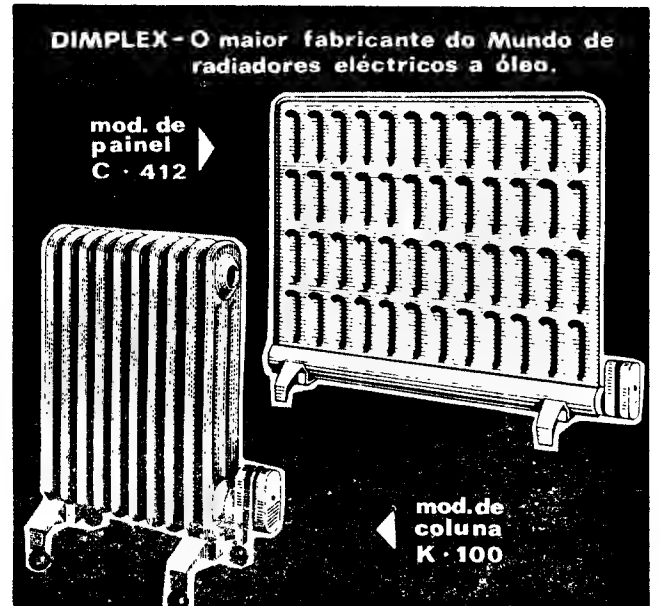
3.ª Subsecção: Justiça — António Miguel Caeiro, Eduardo Augusto Arala Chaves, José Alfredo Soares Manso Preto, José Augusto Vaz Pinto, José Gabriel Pinto Coelho, Manuel Duarte Gomes da Silva; pela Ordem dos Advogados, Adelfino da Palma Carlos.

4.ª Subsecção: Obras Públicas e Comunicações — Eduardo de Arantes e Oliveira, José Estêvão Abranches Couceiro do Canto Moniz, José Frederico do Casal-Ribeiro Ulrich; o bastonário da Ordem dos Engenheiros.

5.ª Subsecção: Política e Administração Ultramarinas — Alvaro Rodrigues da Silva Tavares, André Delaunay Gonçalves Pereira, Carlos Krus Abecassis, Fernando Castro Fontes, Francisco José Vieira Machado, Manuel Pimentel Pereira dos Santos, Vasco Lopes Alves.

6.ª Subsecção: Finanças e Economia Geral — Adérito de Oliveira Sedas Nunes, Alvaro Mamede Ramos Pereira, António Jorge Martins da Motta Velga, António Julião de Castro Fernandes, António Manuel Pinto Barbosa, Carlos Manuel Pinto Alves Martins, Eugénio Teixeira de Queiroz

de Castro Caldas, Fernando Emigdio da Silva, Hermes Augusto dos Santos, José de Medeiros, Luís Maria da Câmara Pina, Manuel António Fernandes, Paulo Arsénio Veríssimo Cunha. (Falta constituição da Secção de Meiores Barriga, Augusto de Castro Sampaio Cordeiro, José Honorato Gago de Medeiros, Luís Maria da Câmara Pina, Manuel António Fernandes, Paulo Arsénio Veríssimo Cunha. (Falta constituição da Secção de Meiores Barriga, Au-



Dimplex

O MELHOR AQUECIMENTO DO MUNDO

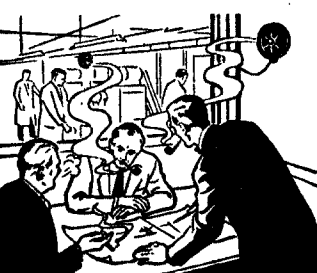
DIMPLEX-radiadores eléctricos a óleo. Com controle da temperatura ambiente, por termóstato. O calor DIMPLEX não altera nem seca o ar

CALOR SAUDÁVEL, SUAVE E CONSTANTE

A VENDA NAS BOAS CASAS DE ELECTRODOMÉSTICOS peça catálogo grátis

Representantes Exclusivos:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
R. ANTÓNIO ENES, 20-19 - TEL. 53 50 57 - LISBOA
R. DR. ALFREDO DE MAGALHÃES, 99 - PORTO

LIBERTE-SE DO AR
VICIADO E CHEIROS
DESAGRADÁVEIS



COM
VENTILADORES



VENTILAÇÃO INDUSTRIAL — AQUECIMENTO
AR CONDICIONADO

À VENDA EM
TODO O PAÍS

AGENTES GERAIS PARA PORTUGAL
E PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS
SOC. TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.
PORTO-LISBOA

Revendedor autorizado:

E C M E L

R. Forno de Tijolo, 7 — LISBOA.

CONJUNTO DE 3 PRÉDIOS DE RENDIMENTO
NO ESTORIL POR 3.000 CONTOS

Magnífico conjunto de 3 prédios, totalmente alugados a comércio e habitações c/ rendas sólidas. Trata e mostra a

«NORTENHA»

P. Alegria, 58-2. — Telef. 366731 - 366812 - 362228

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje
MINUTO A MINUTO SEM RESPIRAR — MONUMENTAL

MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 555131
As 21.30 — ESTREIA
MINUTO A MINUTO
SEM RESPIRAR

QUINZENA CINEMA
AMERICANO
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
O ESTRANGELADOR DE
BOSTON, de Richard Fleis-
cher — Com Tony Curtis e
Henry Fonda

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.15 e 21.45
Vanessa Redgrave vive inten-
samente a figura da bailarina
mais disputada do Mundo!

ISADORA
O filme mais importante
do ano!
TECHNICOLOR
Metro: Estação Picoas

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
As 21.45
4.ª SEMANA
Um festival de belas canções
no cenário maravilhoso do
Brasil

QUIMERA
com Gianni Morandi
e Laura Birkhan

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
3.ª SEMANA
LOTAÇÕES ESGOTADAS
com MILU e CALVARIO

O DIABO ERA OUTRO
com Nicolau Breyner, Julieta
Castelo, Fernanda Borsatti e
Armando Cortês
Fados por HERMINIA
Canções de JOÃO NOBRE
Eastmancolor

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 21.45 h.
A obra-prima de Pietro Germi
DIVÓRCIO A ITALIANA
com Marcello Mastroianni

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
UM HOMEM PARA IVY
A FECHADURA
MISTERIOSA

LIDO

Praça D. João I — AMADORA
(M. 17 anos) Tel. 937593
As 21.30
SOU EU NATALIA
com o grande artista Patty
Duke

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595
HOJE: 15 e 21.30
da noite em 2.ª semana
FRANK SINATRA
num filme policial de grande
categoria

O DETECTIVE
com Lee Remick

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
4.ª SEMANA
Um filme de
John Frankenheimer

Alan Bates, Dirk Bogarde
e Elizabeth Hartman em
O HOMEM DE KIEV
(METROCOLOR)

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
A obra-prima várias vezes
premiada de André Delvaux

O HOMEM DA CABEÇA
RAPADA

POLITEAMA

(Adultos) Tel. 326308
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
UM FILME SENSACIONAL
ARROJADO E PROVOCANTE
A PRIMAVERA EM RO-
MA DE MRS. STONE
com Vivien Leigh e Warren
Beatty

Apesar de ser muito novo...
ela quis que fosse o seu
pecado...
TECHNICOLOR

CONDES

(Adultos) Tel. 52523-326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
ISADORA
com Vanessa Redgrave
Grande Premio de Cannes
1969 (versão integral)

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas
UM HOMEM SEM MEDO
FÚRIA NA BAÍA PARA
OSS 117

RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 610375
As 21.30
AO SOL COM O MEU
AMOR
com Romina Power, Al Bano
e Linda Christian

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 34153/4
As 15.00, 18.15 e 21.30
Em 4.ª SEMANA de classe
invulgar

A BATALHA
DE INGLATERRA
com Laurence Olivier, Mi-
chael Redgrave, Trevor Ho-
ward, Curt Jurgens, Chris-
topher Plummer e Susannah
York

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Color

Jean Paul Belmondo num fi-
lme de Robert Enrico
O GRANDE AJUSTE
DE CONTAS (HOI)

VOX

(M. 12 anos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
George Peppard e Mary
Tyler Moore

Na mais louca e imprevisível
comédia do ano...
O MAGNIFICO
INTRUSO

Um filme de George Seaton
em techniscope e technicolor
B. Bulhões Pato (à Av. Roma)

EUROPA

(Adultos) Tel. 661018
As 15.15 e 21.30
CATHERINE DENEUVE
e JACK LEMMON são
OS LOUCOS DO AMOR
4.ª SEMANA

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
As 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Um tema altamente usado
DESEJO PERVERSO
com Lina Gastoni
e Lou Castel

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) As 15 e 21 h.
DIABOLICAMENTE TUA
GOLPE DE MESTRE
A NAPOLITANA

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729
As 17 e 21.30
ESPIÃO POR ACIDENTE
com Tom Courtenay e Romy
Schneider

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 337172
As 15.15, 18.15 e 21.30
O extraordinário filme russo
premiado no
Festival de Cannes
O 41.º

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
O extraordinário filme russo
premiado no
Festival de Cannes
O 41.º

LUTA LIVRE AMERICANA

HOJE — AS 21.45 H.

NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

O PÚBLICO EXIGIU E O
COMBATE SENSACIONAL
REPETE-SE

A MAIS INVULGAR E EX-
TRAORDINÁRIA DESFORRA
DESDE SEMPRE NO MUNDO
DA LUTA LIVRE:

«OS INTOCAVEIS» com o ter-
rível e sanguinário CYCLONE
contra a dupla DESCAMPS-
CHAUSSON

Um combate que na última
sessão pôs o Pavilhão em
alvorço de tal forma que as
autoridades não o deixaram prosseguir.
Cyclone, ainda excitado gritou: Esmagarei qualquer dos lutadores
que subir ao ringue. Tanto Descamps como Chausson caíram nas
suas mãos. «OS INTOCAVEIS» demonstraram, uma vez mais,
porque são e continuarão a ser, verdadeiros campeões do Mundo.
DESCAMPS e CHAUSSON propuseram que o bolso deste combate
será entregue ao vencedor.

UM COMBATE SEM LIMITE DE TEMPO

JOSÉ LUIS, o grande ídolo dos portugueses contra o consagrado
TOWY RIVER

E AINDA

JAIMERY, na sua melhor forma, contra um dos grandes nomes
da luta livre mundial: GALARZA; e ALCON PERUANO
contra GALÁ

AVISO: O lutador GALARZA resolveu ser ele o único a desafiar
TARZAN TABORDA. M/ 17 anos

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno I

ALCANTARA — Vieira Rosa, Rua
Prior do Crato, 74 (660187)
ALMIRANTE REIS — Cândido
Monteiro, Av. Almirante Reis,
121-B (45751) * Gás, Lda.,
Suers., Rua dos Anjos, 12-C-D
(840101)
ALTO DO PINA — Ibério, R. Ba-
rão de Sabrosa, 235-A (728277)
ALVALADE — Sanex, Av. da Igre-
ja, 31-C (776905) * Aeroporto,
Av. Almirante Gago Coutinho,
101-D (722384) * Rio de Je-
aneiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C
(721409)
AREIRO — Algarve, Av. de Ro-
ma, 7-B (777478)
AVENIDAS NOVAS — Campo Pe-
queno, Av. da República, 53-D-E
(771661) * Figueira, Av. Mar-
ques de Tamar, 20 (44995) *
Cruz Nunes, Pr. Duque de Sal-
danha, 4 (41845) * Novais,
Av. Luís Bivar, 11-13 (44324)
BAIRRO DA ENCARNACÃO —
Ascenso, R. 27, 41 (311216)
BAIXA — Lima Amaro, Suc. Pr.
do Alegria, 27-28 (321149) *
Valeadas, Suc. R. da Madalena,
235 (326260) * Cortez, R. de
S. Nicolau, 93 (325378)
BENFICA — Santa Cruz, Av. Go-
mes Pereira, 34-A (704828) *
Vitez, Est. de Benfca, 373-B
(780548) * Ribeiro, Est. do
Luz, 199-A (780969)
BELÉM — Gomes, Suc. (Gonçalves)
R. da Junqueira, 326 (638193)
B.O.M. SUCESSO — Bom Sucesso,
Rua Bartolomeu Dias, 63-A
(611454)
CAIS DO SODRÉ — Africana, R.
Bernardino Costa, 45 (369120)
CAMÕES — Pinharanda, Rua do
Rosas, 94-96 (321534)
CAMPO GRANDE — Cebrito, C.
Grande, 220-22 (772397)
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro,
R. de Campo de Ourique, 31-
133 (686640) * Urbano de
Freitas, R. Silva Carvalho, 1-9
(662838) * Elmo, R. D. Maria
Pia, 358-A (686176)
CAMPOLIDE — Juiz de Oliveira,
R. de Campolide, 54-A (684424)
CHARNECA — S.ª Bartolomeu,
Vila Paulo Jorge — Galinheiras
(790969)
CONDE REDONDO — Salaz, Rua
Luciano Cordeiro, 73 (42239)
ENTRECAMPOS — São Miguel, R.
Francisco Moraes (771469)
ESTEFÂNIA — São Jorge, Av. Ro-
visco Pais, 32-A-B (534027)
ESTRELA E LAPA — Tegos, Pra-
ça da P. Possidónio da Silva,
162-A (669483) * Rodrigues P.
Araújo, Rua do Lapa, 52-54
(662246)
LUMIAR — Central do Lumiar, R.
do Lumiar, 77 (790480)
OLIVAIS — Central dos Olivaes,
R. Alfama, 20 (790155)
OLIVAIS NORTE (375539) * An-

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — As 21 e 30: «Nova
Companhia de Circo» (12 anos)

TEATROS

MARIA MATOS — As 21 e 45:
«Tanto no Inferno» (17 anos)
CASA DA COMÉDIA — As 22: «A
dança da morte» (17 anos)

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e
às 23 h.: «Esperteza safoia»
(17 anos)

A B C — As 20 e 45 e às 23 h.:
«Ena, já fala!» (17 anos)

GIL VICENTE — As 22 h.: «Ora-
ção» e «Dois Verdugos» (17
anos)

CAPITÓLIO — As 21 e 45: «O
pecado de João Agonia» (17
anos)

CINEMAS

OLIMPIA — As 14 e 19: «O mis-
tério da ilha maldita» (12 anos)
PARIS — As 15 e 21: «As minhas
pistolas» (12 anos)
PROMOTORA — As 5 e às 21:
«O charlatão» (12 anos)
SALAO LISBOA — As 14 e 19: «O
grande golpe dos dois homens de
ouro» (12 anos)
ARCO IRIS — As 15 e às 21: «Rit-
mo atômico» (12 anos)
S. L. BENFICA — As 21 e 15:
«Cada bala tem um nome» (12
anos)
CINEARTE — As 5 e às 21: «O
pastor» (17 anos)
IDEAL — As 15 e 5 e às 21:
«A última vítima» (17 anos)
MOSCAVIDE — As 21: «Casi con-
tigo por alegria» (17 anos)
CINE ORIENTE — As 21: «O ca-
valheiro da rosa vermelha» (17
anos)
UNIVERSAL — As 21: «Enganel-
me no número» (17 anos)

Linha de Cascais

ALGES — STADIUM — As 21 e
30: «A Condessa de Hong-Kong»
(17 anos)
OBRAS — OBRAS-CINE — As
21: «O Trovador do Far-West»
e «Estrela do Sul» (17 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — As 21:
«Gigantes em duelo» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e
30: «As férias grandes» (17
anos)

Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21
e 15: «Os insaciáveis» (17 anos)
BARREIRO — CINE-BARREIRENSE
— As 21: «Madame X» (17
anos)
COVA DA PIEDADE — UNIAO
ARTISTICA — As 21 e 15: «Bye
Bye Barbara» (17 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21
e 30: «Bonnie e Clyde» (17
anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTU-
GAL — As 21: «Doutor vamos
a isto» (17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPOR-
TIVOS — As 21 e 15: «4 dós-
lanes de vingança» (12 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As
21 e 15: «O Beco» e «Passa-
ponte para a traição» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL —
As 21 e 15: «Corrina rasgada»
(17 anos)

COLARES — Colares — Abrele

(Tel. 299088)

Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — Largo
Coronel Ramos da Costa. O (T.
234187)
ALHOS VEDROS — Portugal —
Avenida da Bela Rosa. 8 (Telef.
224250)
ALMADA — Cristo Rei, Av. Cris-
to Rei, 31-A (233498)
BAIXA DA BANHEIRA — Nave
Fátima — Est. Nacional 221-B
(Telef. 224141)
BARREIRO — Soares, Av. da Re-
publica, 2273023
COVA DA PIEDADE — Cerqueira
Ator, P. 5 de Outubro 8
(270254)
MOITA — União Moitense — Av.
Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO — Diogo, R. Almirante
Canal dos Reis 42 (230032)
SISIMBRA — Leão — Av. Salazar
Tel. 229471)
SETUBAL — Soromenho — P. Mo-
chudo Santos (Tel. 22691), Alfe-
re — P. do Quebedo (Tel. 23743)
SEIXAL — Soromenho, R. Paiva
Coelho 38 (Tel. 25560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE —
Companhia das Águas, 861353
Companhias Reunidas, 537011
* Gás, 538821 * Gás, 538821
* Gás, 538821 * Gás, 538821
BOMBEIROS — Sapadores, 322222
Voluntários, 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de
emergência, 115 * Segurança
Pública, 866141 * Judiciária,
535380 * Marinha, 326456 *
Internacional, 42205 * G. N. R.
(área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342
* Enfermagem permanente,
766181 * Enfermagem de ar-
gência, 43738 * Hospital de
Santa Maria, 775171 * Hospi-
tal de S. José, 860131 * San-
gue, oxigénio e soros, 771168
e 771169 * Transfusões, soros
e oxigénio, 538524 * Centro
de Intoxicações (informativo),
767777, 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto,
720111 * Caminhos-de-ferro,
IC P., 869029 * Caminhos-de-
ferro (Estoril), 861121 * Esta-
ção fluvial (T. Paço), 325345
* Estação marítima de Alcantara,
668195 * Estação Marítima do
Racho, 672445 * Estação flui-
vial (Belém), 638511

BOM APETITE

VIRIATO
RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA
PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h.)
Telefone 530758

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETUBAL
Telef. 22.82.44
LOCAL APRAZÍVEL PARA
ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM
QUE SE OFERECE
QUALIDADE
BAR-BOITE
(M. 17 anos)
A PARTIR DAS
23 HORAS
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lopes, 38-D
(à Av. Duque de Loulé)

CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
 Propriedade de
 Renascença Gráfica, S.A. R. L.
 Sede: Rua Luz Soriano, 44
 Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
 End. Tel. DIBOA. Telex 1368
 Lisboa 2 — Portugal

**AO TERCEIRO
CONCURSO
FOI DE VEZ**

OS LIXOS DE LISBOA

Os lixos da cidade de construir na zona de Bel-
 Lisboa — e o seu trata-
 mento em instalações a dicados a Federação dos

Gremios da Lavoura da
 Provincia da Estremadura
 numa rápida reunião da
 edilidade.

A sessão (extraordinária)
 presidiu o vice-presidente
 em exercicio, sr. Anibal
 David, ladeado pelo tam-
 bém vice-presidente, eng.
 Segismundo da Câmara
 Saldanha. Presente a maio-
 ria dos vereadores, dos
 quais um apenas, o dr. An-
 tónio Branco, se pronun-
 ciou sobre a proposta, dan-
 do-lhe a sua concordância
 e explicando as razões do
 voto.

O caso dos lixos de Lis-
 boa arrastava-se desde
 1963, quando o então minis-
 tro Arantes e Oliveira ho-
 mologou o parecer favora-
 vel do Conselho Superior
 de Obras Publicas sobre o

Ante projecto de San-
 tamento mandado elabo-
 rado pela Câmara. Os lixos
 seriam tratados em Beiro-
 num terreno do domín-
 io publico do Estado afecto
 A.G.P.L. Por isso, a Cam-
 ra encetou negociações p-
 ra trazer a sua posse
 40 hectares em quest-
 (nos quais o futuro ad-
 ministrador construiria as in-
 stallações de tratamento)
 em 1967, assentes as co-
 dições da cedência, foi
 solvido abrir concurso
 para a adjudicação.

Mas esse primeiro c-
 curso (1 de Março de 1966
 e bem assim um segun-
 do (11 de Abril de 1969), ac-
 baram por ser anulados.
 A terceira (em 27 de Ago-
 to passado) foi de vez: as
 propostas apresentadas
 três delas pela Federaç-
 dos Gremios da Lavou-
 da Estremadura e as o-
 tras duas por Sousa M-
 chado & Cia. Lda. e pe-
 Sociedade Exportadora
 Norte, S.A.R.L., e um par-
 cer favorável ao «proce-
 ou sistema designado p-
 Triga» (da Federação d-
 Gremios), que o veread-
 Antunes Branco explic-
 como assegurando, dent-
 das melhores condições c-
 salubridade, o mais baix-
 preço.

Votação — relâmpago de
 vereadores, e uma nimidia-
 de vistas: os lixos de Lis-
 boa vão para Beirolos.

NA ENTREGA DOS PRÉMIOS GULBENKIAN

ANUNCIADO EM PARIS UM COLÓQUIO (SOBRE CULTURA LATINA) A REALIZAR EM LISBOA EM 1970

PARIS, 25 — (E.). — Na
 Assembleia da Academia do
 Mundo Latino, que hoje se
 reuniu no salão nobre do Ins-
 tituto de França, sob a presi-
 dência de Maurice Schumann,
 ministro dos Negócios Es-
 trangeiros francês, decorreu
 a cerimónia da entrega dos
 Prémios Gulbenkian da Lati-
 nidade, um. de Musica e o
 outro de Belas-Artes, respec-
 tivamente ao compositor
 francês Olivier Messiaen e ao
 pintor mexicano Rufino Ta-
 mayo.

O dr. José de Azeredo Per-
 digão, presidente da Funda-
 ção Calouste Gulbenkian, que
 entregou os dois prémios, pro-
 feriu um discurso em que
 enumerou os fins da Funda-
 ção e a sua actividade inter-
 nacional, que se estende a
 países da Europa, da Améri-
 ca, da África e da Ásia.

Disse, a certa altura, o pre-
 sidente da Fundação Gulben-
 kian.

— A Fundação tem conce-
 dido bolsas de estudo a estu-
 dantes, diplomados, investiga-
 dores, artistas plásticos e mu-
 sicos portugueses para fre-
 quentarem cursos, ou faze-
 rem estágios de aperfeiço-
 mento ou especialização em
 França, promovido a realiza-
 ção de exposições de arte
 francesa em Portugal e de arte
 portuguesa em França, pa-
 trocinado a realização de con-
 ferências por homens de le-
 tras, historiadores, artistas e
 críticos de arte dos nossos
 dois países, em Lisboa e em
 Paris, apresentando em Por-
 tugal orquestras e solistas
 franceses e trazido, até nós,
 alguns dos nossos melhores
 solistas e grupos musicais.

Mais adiante, o dr. Azere-
 do Perdigão aludiu à colabo-
 ração existente entre a Fun-
 dação e a Academia do Mun-
 do Latino, através do Centro
 Cultural Português de Paris,
 e destacou a instituição de
 prémios e o projecto de rea-
 lização, em Lisboa, no pró-
 ximo ano, de um colóquio
 tendo por tema «A cultura
 latina no período do desenvolvi-
 mento tecnológico e científi-
 co contemporâneo».

A finalzar, afirmou:
 — Os «Prémios Gulben-
 kian» a distribuir pela Aca-
 demia no ano de 1970, que a
 Fundação também financia-
 rá, serão, como os de 1969,
 de cem mil escudos cada,
 mas, desta vez, destinam-se-ão
 a galardoar um poeta e um
 romancista.

A PRÓXIMA INICIATIVA DO «DIÁRIO DE LISBOA»

(Continuação da 1.ª página)

Lisboa tem vivido, através da
 evocação de alguns períodos
 mais brilhantes da história da
 nossa capital.

Muito brevemente elucida-
 remos os nossos leitores so-
 bre a maneira de participar
 nesta nova iniciativa do «Diá-
 rio de Lisboa». Apenas dire-
 mos: reservamos agradáveis
 surpresas que, oportunamen-
 te, serão reveladas.

Em face da simplicidade
 que caracteriza esta iniciativa
 do nosso Jornal não temos
 duvidas de que todos vão
 querer participar. Lisboa é o
 tema — como temos afirma-
 do. A cidade é, pois, o moti-
 vo deste empreendimento, o
 seu tema maior, grato, sem
 duvida, aos leitores do nosso
 Jornal. Em breve divulgare-
 mos mais pormenores. Insisti-
 mos: o «Album de Lisboa»
 está aberto a todos os nossos
 leitores.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HO-
 RAS DE HOJE — Em Portu-
 gal continental, o céu estava
 geralmente muito nublado; o
 vento era fraco e havia ne-
 voso em várias regiões

TEMPERATURAS EXTREMAS
 OBSERVADAS NA REDE NA-
 CIONAL DO CONTINENTE
 ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE
 — Máxima: Monte Estoril,
 16,8; mínima: Penhas do
 Saúde, -2,2.

TEMPERATURAS DO AR AS
 9 HORAS DE HOJE — Coim-
 bra, 7,7; Faro, 10,7; Lisboa, 9,
 8; Ponta da Moura, 11,7; Portu-
 gal, 6,7 e Porto, 5,7.

TEMPERATURAS OBSERVA-
 DAS, AS 9 HORAS, NA COS-
 TA DO SOL — Na atmosfera:
 10,8; na água do mar: 15,4.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nu-
 blado; vento fraco; condições
 favoráveis à ocorrência de
 aguaceiros, em especial du-
 rante a tarde; bancos de
 nevoeiro, pela madrugada e
 manhã.

Amanhã:
 Nascer às 8 e 31
 Ocorrer às 18 e 17

Die 2 Die 9 Die 16 Die 23

MARÉS:

PREIA-MA: Dia 25 — 4 e 50
 4 m.; Dia 26 — 5 e 31 (4 m.);
 17 e 55 (3,7 m.); Dia 27 —
 6 e 08 (3,8 m.); 18 e 33
 (3,5 m.) BAIXA-MAR — Dia
 25 — 10 e 35 (1 m.); 22 e
 45 (1,2 m.) Dia 26 — 11 e
 12 (1,1 m.); 23 e 20 (1,3 m.);
 Dia 27 — 11 e 48 (1,3 m.);
 23 e 58 (1,4 m.).

PROPOSTA DE BONN

(Continuação da 1.ª página)

guerra, que incluem em
 território polaco grandes
 áreas de antigo território
 alemão.

Esta atitude é um passo
 importante da campanha
 de paz do novo Governo
 de Bonn em relação à Eu-
 ropa Oriental e surge cer-
 ca de 15 dias depois do
 embaixador de Bonn em
 Moscovo ter enviado uma
 nota aceitando a oferta so-
 viética para negociar um
 pacto mutuo de não-agres-
 são.

O dr. Heinrich Boex, che-
 fe da missão comercial da
 Alemanha Federal em Var-
 sóvia, fez a entrega da no-
 ta ao ministro dos Negó-
 cios Estrangeiros adjunto,
 Josef Windiewicz.

Em seguida comunicou
 aos jornalistas que Windie-
 wicz lhe garantiu que a
 Polónia responderia com a
 maior brevidade às propos-
 tas da Alemanha Federal.

Norberto de Araújo

A família do nosso sa-
 doso companheiro de traba-
 lho Norberto de Araújo, so-
 bre cuja morte passaram on-
 tem 17 anos, mandou cele-
 brar hoje, pelas 12 e 30, na
 igreja de S. Sebastião, mis-
 sa pelo seu eterno descanso.

A assistiram ao piedoso acto
 familiares e amigos, incluin-
 do representantes do «Diário
 de Lisboa», de Norberto de
 Araújo que foi grande jor-
 nalista, encarnado da sua
 cidade.

Erica chocou um ovo depois de o conservar 21 dias entre os seios

LONDRES, 25 — (R.). — A jornalista londrina
 Erica Wallace chocou hoje um ovo, após o con-
 servar entre os seios durante 21 dias.

Afirmou que o marido da princesa Margarida,
 a inspirou a fazer uma das façanhas que causou
 maior sensação em Fleet Street, a rua da Impren-
 sa londrina.

No mês passado, «Lord e Snowdon» filmou um
 programa de Televisão acerca dos britânicos e dos
 seus animais de estimação, incluindo uma cena
 em que uma mulher chocava um ovo no seio.

Contudo, veio a apurar-se que a cena era ape-
 nas uma reconstrução de um caso que ocorrera
 há onze anos.

«Miss» Wallace, repórter do «Daily Sketch»,
 decidiu verifica se isso podia ser conseguido.

A jornalista acrescentou que o seu primeiro
 acto, após se «tornar mãe», fora enviar ao «Times»
 uma convicção do nascimento.

CRUZEIRO STAR DO FIM DO ANO

27 de Dezembro a 2 de Janeiro

SOL E PAISAGENS MARAVILHOSAS
 EM

LAS PALMAS - TENERIFE - FUNCHAL

BAILES, CONCURSOS,
 ESPECTÁCULOS DE VARIEDADES
 E CEIA DO FIM DO ANO

a bordo do paquete «Santa Maria»

Preços desde Esc. 2.190\$00
 UTILIZE O CREDI-STAR

ALGUMAS CATEGORIAS ESGOTADAS

CONSULTE A STAR

Telex 539871 - 362501

OU O SEU AGENTE DE VIAGENS



Lisboa Estoril Faro
 Porto Funchal
 Luanda

A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Há um lugar para si nos quadros superiores das empresas

Adquira a cultura e preparação técnica
 indispensáveis a essas funções

A empresa moderna exige quadros directivos com elevada preparação técnica.
 Estes são os lugares que os nossos alunos podem preencher. Funções bem
 remuneradas e de marcada posição social.

Os lugares ocupados pelos diplomados em Administração Económico-Financeira
 e em Administração do Pessoal e Psicologia Industrial, da Escola Superior de
 Organização Científica do Trabalho confirmam o valor dos nossos cursos.

Com qualquer alínea do 7.º ano, ou equivalente, pode matricular-se nestes
 cursos de especialização técnica. Funcionam em regime nocturno para permitir
 a sua frequência pelos que já exercem uma profissão. E equiparam-se,
 para fins militares, aos cursos superiores.

Decida hoje mesmo o seu futuro.
 Visite-nos ou peça folheto explicativo.

Matrículas até 30 de Novembro

**INSTITUTO
SUPERIOR DE LÍNGUAS
E ADMINISTRAÇÃO**

R. do Sacramento à Lapa, 18 — Telef. 678395/673706
 Av. Duque de Loulé, 126 1.º — Telef. 533316
 Av. da República 21.º — Telef. 519647

Juvenil

N.º 649

DOS JOVENS PARA TODOS

A PROPÓSITO DE

«O HOMEM DE KIEV»

por Miguel Serras Pereira

SOBRE

SAMUEL BECKET

PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA

por Francisco José Craveiro

Li o teu trabalho no «Juvenil» de 11 de Novembro de 1969. Devo dizer-te que não conheço suficientemente a obra de S. Becket. Como eu, creio que haverá inúmeros colaboradores e leitores, portanto o maior interesse de um artigo como o teu, e uma vez que se pressupõe esse desconhecimento — atendendo a pergunta que te «aventuras» a fazer — será um interesse de carácter essencialmente informativo. Pois bem, isso não acontece no teu artigo. Além de fazeres citações, limitas-te ao que quase todos os jornais já disseram, — local de nascimento (esqueceste a idade) peças mais importantes, quando se estrearam onde estão publicadas, romances e pouco mais. A

certa altura após referires «a utilidade de um estudo paralelo da obra de Becket Ionesco - Adamov» fazes uma série de perguntas, quanto a mim, não tendo nada a ver com o Becket. Sobre «qual dos colaboradores...» não representa para mim grande admiração que não haja nenhum colaborador á altura de fazer um trabalho dessa natureza. É que a fazer-se deve ser bem feito — o que antes de mais exige uma cultura muito grande. Quanto á tua pergunta de termos «eternamente juvenis...» chamo-te a atenção para a primeira alínea do regulamento (para ti, anacrónico) — se são jovens que dão os primeiros passos não se poderá exigir um nível excelente aos seus

trabalhos. Admitindo que o Juvenil não tem evoluído — o que não acredito — não é daí que vem o maior mal ao mundo. Repara que evoluindo os colaboradores — não lês a recepção? — estes não ficam eternamente (agora é que é) a colaborar no Juvenil. Este é apenas um meio para divulgar os seus primeiros trabalhos. Ainda sobre o «desactualizado» regulamento lerei com interesse os próximos números a ver se sugeres um mais actualizado.

Pelo que escrevi compreenderás certamente que não vi grande utilidade no teu artigo. Para dizer o que os outros dizem, lá estão os papagaios (servindo-me de uma expressão de Alice Vassallo Pereira).

1—«O Homem de Kiev». Trata-se de uma obra situada entre coordenadas de campo bem visíveis. O tempo é o dos fins prolongados do Czarismo na Rússia. Deste modo, a seu turno, o filme se institui um tempo — horas — de denúncia. De resto, algumas coisas há a notar. Um magistral bondoso, não muito verosímil, mas com capacidade relativamente bastante, para poder funcionar — agir — no filme-sistema. É que de Bibi Kov necessita grande parte do processo de denúncia. Não quer dizer que não pudessem o realizador ter encontrado outro agente.

2 — O anti-semitismo encontra no texto filmico uma análise, mais que fluente, fluida e correcta. Pode conferir-se em Sartre. Em António José Saraiva também. Em segunda mão, mas seguro acesso. Com best-seller que é também um best-seller, pode ainda servir. Mas por isso,

não. Evidentemente. «O Homem de Kiev» é um texto e a sala do Império—Lisboa e o resto—um contexto.

3 — Quando temos de recorrer a uma conversa confusa até as linhas cruzadas ao telefone servem de meio. Por isso a referência a Saraiva. «O Homem de Kiev» também, mas não tanto.

4 — Trata este ponto de como passar do particular ao geral, mas concreto. Um ministro historicamente recortado e — a História cobre todos os anos de todas as evoluções — sem dúvida, típico.

5 — O «Homem de Kiev» lia Spinoza e os Salmos. Foi também, penso, Jesus Cristo que disse: «Quem tem ouvidos para ouvir que ouça». Onde se pode deduzir que o capelão da prisão não tinha ouvidos — sómente vontade.

6 — Diz Óscar Lopes que querer crer é segundo al-

guns «apologetas sagazes», o mesmo que crer. Compreende-se assim que em Yakov Bok se pudessem crer e querer Satanás.

7 — Uma fala popular nos informa de que «Fevereiro quente trás o Diabo no ventre». O realizador porém trouxe-nos — mitigada pela gente exterior — a fachada imponente de um tribunal.

8 — A obra de arte, diz-se, é ambígua. Mas antiguidade por antiguidade, antes talvez a do ventre de um Fevereiro também um pouco mais quente.

9 — Denúncia da estrutura e estruturação de uma denúncia, são coisas exactamente diferentes.

10 — Há um Humanismo essencialista e até mais do que um por sinal. Um bom exemplar nos dá Frankfurter neste filme. Outra espécie de Humanismo foi, por exemplo, o existencialismo — por ter falado em Sartre — uma etapa.

EM TORNO DA SIGNIFICAÇÃO DE «O HOMEM DA CABEÇA RAPADA»

por Fernando Almeida Ribeiro

Amor, amor, amor, como
[não amor]
Os que de amar o amor de
[amar o amor não amam.

J. Sena.
In Peregrinação ad Loca
Infecta

A temática de André Delvaux neste filme é extraída de um romance de Johan Daisne; gira em torno da dialéctica do desejo, que, segundo Lacan, conduz á subversão do sujeito. É esta, pois, uma das questões principais. Reinventando uma linguagem cinematográfica (grandes as influências de Bergman, Hitchcock e também as de Dreyer e Resnais) A. Delvaux tenta «dar-nos-a-ver» todo um processo de subversão que nos seus extremos limites conduz á loucura e á morte. Este filme,

escrito numa linguagem extremamente depurada (A. Delvaux: gosto de dar ao espectador somente aquilo de que ele tem necessidade e nada mais), com uma música adequada de Freddy Deureese, coloca A. Delvaux como um dos cineastas mais importantes do novo cinema europeu. Como sinal de inegável modernidade pode nos destacar no seu processo de filmar: uma descontinuidade na imagem procurando apanhar sempre o que lhe parece mais importante e significativo.

Com este filme, sentimos a importância fundamental da psicanálise, como instrumento de análise nas relações sociais.

Com a ajuda de algumas teses de Lacan podemos melhor compreender o sentido de algumas sequências

desta notável obra. Salientemos: a supremacia do significante, isto é, do real (Govert: eu sou o outro) e recorrendo a Lacan, digamos ainda: o desejo do homem é o desejo do outro, (o sublinhado é meu, F. A. R.).

Fácil (ou dificilmente?) nos apercebemos da incidência inarmónica de elementos estruturais no inconsciente de Govert. Como, por exemplo: o espaço extremamente fechado do seu círculo familiar; o ultraconservadorismo do colégio onde dava aulas e onde conheceu Fran, a mulher desejada; o aspecto burguês do seu vestuário; maneira de andar; modo de falar, ver e ouvir, etc., e o inconsciente é o discurso do outro que em nós coabita e que nos determina.



CARA

PANORAMA

● NESTA TARDE OUTONAL DA CIDADE JÁ A OMBRADA, saudamos o Zé Gomes Ferreira. Saudamos o aparecimento da 4.ª edição da «Poesia-1». Saudamos a notícia de que vai sair um novo livro teu — «O Tempo Escandinavo» — E transcrevemos o que a editora escreveu sobre o reaparecimento de «Poesia-1»:

«Quatro edições de um livro de poesia, totalizando 8000 exemplares, dizem eloquentemente da projecção invulgar que a mensagem poética de José Gomes Ferreira encontrou no público de língua portuguesa.»

E recordamos, também, as palavras que o José Sara-mago te dedicou:

«José Gomes Ferreira é talvez o único dos nossos poetas vivos que conseguiu o milagre (ah, estas cómodas e prestáveis palavras, tão vazias de sentido, que vêm ao correr da pena fingir que tudo explicam!), que conseguiu o milagre de ser poeta (e estes sublinhados tão eloquentes!) sem mistura de funcionário ou de homem de letras. Porque o que é terrível é descobrir-se uma pessoa metida na pele de qualquer destas condições... Felizmente para nós, José Gomes Ferreira, a quem mal conheço, a quem nada devo senão a alegria de o ter e o conforto de o admirar, pôde ser (ou não pôde ser outra coisa) o mais resistente poeta dos tempos que vivemos. Tão resistente, que ao cabo de cinquenta anos ainda não se cansou, nem cansou nele a lição que a nós, poetas, mais nos convirá aprender: a de que ser poeta é uma situação, uma continuação de vezes, dolorosa vibração, um alarme ininterrupto aos ouvidos dos práticos e seguros homens que, como disse Nietzsche mais ou menos assim, «pisçam os olhos uns aos outros com o ar de quem já inventou a felicidade». Ao lado da poesia de José Gomes Ferreira está o poeta que ele é: parece um plenarismo, uma redundância, talvez um lugar-comum, um dizer-por-dizer. Pois muito se engana quem o julga.»

Sempre disseste, Zé Gomes, que em Poesia nunca tiraste pressa, mas de novo te perguntamos quando virá a POESIA IV, ou a V, ou a VI etc., etc., etc. Cansados dos três volumes anteriores não estamos! Mas queremos mais, queremos mais.

● O ANTIGO CHEFE DO GOVERNO ISRAELITA, Ben-Gurion, declarou em Paris: «É mais importante fazer a Paz que conservar o Sinal. Na minha opinião, se pudéssemos chegar à Paz neste momento, deveríamos aproveitar a ocasião e restituir a maior parte dos territórios conquistados por Israel, no decurso da guerra.»

● A EQUIPA DE BASQUETEBOL DO REAL MADRID, uma das melhores do mundo, veio a Lisboa disputar com o Sporting a 1.ª mão duma eliminatória da Taça dos Campeões Europeus. Serviu o confronto para, mais uma vez, mostrar o enorme fosso que separa os nossos representantes dos do país vizinho. E não só os de Espanha. Porque em basquetebol, como em todas as modalidades desportivas, o nosso nível viaja na cauda das nações da Europa.

O treinador espanhol Pedro Fernandez em declarações ao «Diário de Lisboa» mostrou como a promoção desportiva, e neste caso o basquetebol, é encarado em Espanha:

«A televisão deve-se o grande desenvolvimento que o basquetebol alcançou em Espanha, pela grande propaganda que faz do jogo e pelo apoio que lhe prestou. (...) Mas o que importa salientar é que em Espanha todos os colégios têm a sua equipa de minibasquetebol.»

De salientar que a nossa televisão não transmitiu o jogo, ao contrário da congénere espanhola que o transmitiu em directo para o país e para Portugal.

● SÉRGIO VARELA CID, QUE SABE MUITO DE MÚSICA, que a toca maravilhosamente, não sabe falar. Ora não é necessário que um músico saiba botar discurso bonito como se não exige ao Eusebio que saiba fazer declarações ao «Momento Desportivo», mas sim que meta golos e dê espectáculo. Mas Varela Cid num «Zip-Zip» focou um problema importante nas relações do português com a música dita clássica, ou seja a falta de comunicação entre o público, os maestros e os músicos, a ausência de iniciativas do género dos «Concertos para Jovens» que a televisão andou a transmitir e muitos outros exemplos que se processam pelo mundo e que aqui, no canto ocidental da Europa, não existem, nem se faz o possível por existirem. Porque é necessário que em Música, como em tudo na vida, haja diálogo, discussão, alargamento de horizontes. Regista-se a necessidade de existirem concertos acessíveis a preços acessíveis para o grande público, com explicações sobre as obras que se apresentam. É urgente quebrar o medo que o grande público tem — ou pensa ter — pela música dita clássica.

E agora um aparte para conjuntamente com os nossos críticos de televisão lavrarmos o nosso protesto contra os horários tardios a que a nossa estação transmite os programas de música dita clássica e a falta de apoio publicitário que lhes dá. Em lugar de apresentar as palavras R. T. P. — Lisboa com fundo musical antes do TeleJornal coloque-se um cartão com a hora e o dia da transmissão dos concertos, assim como o que se vai apresentar.

● O GILBERTO SANCHÓ NUM DOS ÚLTIMOS NÚMEROS DO «JUVENIL», falando de Beckett, aproveitou para, mais uma vez, pôr um dedo numa das feridas da nossa folhinha:

«Ou será que viveremos eternamente de «Juvenis» repletos de contos e poesias que já nos dizem tão pouco (e a maior parte deles mesmo nada dizem).»

Do conhecimento da pobreza do JUVENIL estamos fartos. Da sua contestação geral também. Oremos que se fale demais em detrimento da acção e do exemplo. Pensa-se, aqui, ao PANORAMA, que não se anda a aproveitar as imensas possibilidades do JUVENIL. É necessário mais dinâmica, mais vida, mais participação, mais problemática. É necessária a discussão dos problemas da cultura e da sociedade. Onde estão os inquéritos, a reportagem, o ensaio, a crítica? E isto não é menosprezar a Poesia e o Conto, os poetas e os contistas!

● VERDADEIRA A IDEIA DE QUE NÃO HÁ NADA MAIS SÉRIO DO QUE UMA CRIANÇA A BRINCAR. O «Diário Popular» publicou uma reportagem de Acácio Barradas sobre educação infantil. — «devem as crianças frequentar centros educativos não circunscritos ao meio familiar»

Abordadas duas educadoras de infância, estas referiram-se ao papel que a televisão representa na educação da criança. Registamos essas passagens:

«A TV é, por princípio, um ótimo meio de comunicação. Assim teria enormes possibilidades educativas em relação à criança. Mas acontece, como toda a gente sabe, que os programas infantis são poucos e quase sempre maus. Grande número de crianças, interrogadas sobre o que vêem, não sabem dizer. Gostaram dos bonecos, mas escapou-lhes a história e, o que é mais grave, a sua intenção moral, quando esta existe. Haveria, pois, que renovar toda a programação nesse sentido (Irene Monteiro).

«Pelo que tenho observado, as crianças não ficam enriquecidas sob o ponto de vista espiritual, pelo facto de verem TV, mesmo tratando-se daqueles programas que lhes são destinados. Aliás é preciso dizer-se que, sendo um meio mecanizado, na qual o espectador é um elemento passivo, a TV não é recomendável para as crianças. Mas admitindo-se como irremediável a atracção que a TV exerce sobre elas, então há que aproveitar este facto com programas mais adequados, sob a orientação de uma comissão de verdadeiros especialistas. A criança requer de nós todo esse cuidado e esse esforço. (Marta Fernanda)

● PANORAMA SAUDA A JUVENTUDE, O ESFORÇO, A HONESTIDADE DO «GRUPO 4» que passou muito tempo sobre a sua primeira aparição em público com a peça «Knack» de Anne Jellicoe, de novo surge, agora com «Amanhã Digote por Música» de James Saunders.

Pena que os preços dos bilhetes para o espectáculo não fossem mais acessíveis, podendo assim ser visto por uma camada mais vasta de público. O desconto de 50 % concedido aos estudantes é louvável, mas abrange um sector restrito de público.

E os outros? Por que não um estudo sobre o público que vai (não) ao Teatro? É urgente atrair ao Teatro não só os que já o amam mas também os que ainda o não descobriram.

HOMEM SEM MEMÓRIA É HOMEM SEM NISTO. RIA.



Fosforo Ferrero

ILUMINA A MEMÓRIA



PARA NOSSO REGRESSO

Por J. CERQUEIRA

vem
que fugidias horas abalem
para o longo muro dos abismos
e parem só quando adormeceres

vem
e que no teu rosto frio
tragos o outro dia verde que um dia sonhaste
como se houvesse fome nos teus olhos

vem
as horas abalam vem o presente
e a noite recorda uma flor nua

PÚBLICAMENTE (para Zé)

Por MANUEL BARROCA

oavo
um risco
em teu corpo

no risco
rota profunda
do pão

de quem
toma
o efeito

do trigo
ceifado
a seu jeito

TRIFIDO SOBRE UM CACTO

(ADAPTAÇÃO DE UMA HISTÓRIA
QUE NUNCA OUVI)

Por MANUEL RIBEIRO SANTOS

A — INFÂNCIA

No momento exacto rodou o volante da bicicleta entrando na curva que existia no fundo do jardim, reparando então num homem vestido de cinzento que de joelhos em terra escavava o chão. Aumentou de velocidade e pedalou de encontro aos outros que deviam encontrar-se, junto à estátua, como sempre, a jogar à queimada. No entanto só lá encontrou a Glória. Pondo o pé esquerdo no solo batido travou mesmo junto dela e falou-lhe a correr.

«Está um homem cinzento no fundo do jardim. Queres ir ver?»

Montou-a no quadro e tornou a pedalar agora com dificuldade pois além do peso extra, haviam os cabelos lisos dela a impedirem-no de ver bem o caminho e mesmo, por vezes entravam-lhe pelas narinas provocando-lhe uma enorme impressão, que o fazia abanar a cabeça. Quando chegou de novo junto à curva voltou a travar com o pé e a arrastar pelo chão e a levantar uma poeira fina que por uns instantes os envolveu, obrigando-os a semicerrar os olhos. Glória, ainda antes da bicicleta parar saltou para o chão, desequilibrando-se com o esticão que sofreu, no entanto, e graças a uma torção do corpo retomou o equilíbrio. Esperou que Sebastião deixasse as «duas rodas» na relva e juntos foram para o pé do homem que se mantinha na mesma posição. Foi então que repararam que o senhor estava a plantar qualquer coisa e ambos sentiram a dúvida tomar-lhes o corpo rapidamente. Ajoelharam-se frente ao tipo que de início pareciam não ter dado pelas suas presenças, ou, então, não lhes quis ligar. Perante isto, sentiram-se um pouco frustrados e estiveram para se ir embora, mas a dúvida já era então um corpo enorme dentro deles—isto sentiram quando se quiseram levantar e não conseguiram. Sebastião olhou em volta e só viu o jardim e os cabelos lisos da Glória que tomavam um enorme espaço. O homem cinzento entretanto, levantara um pouco a cabeça num movimento curto do pescoço e sorria-lhes poderosamente por entre dentes castanhos e meios quebrados. Nesse momento eles sentiram que tinham em redor um mundo inteiro para decifrar.

na figura cinzenta daquele homem dobrado sobre a terra granulosa, e isso, sem eles perceberem bem porquê, enchia-os de uma espécie de alegria ainda desconhecida, mas que já lhes sabia a autêntica.

«O senhor está a plantar o quê?»

«Um cacto»
«Para quê?»

«...»
«Os cactos picam, sabias Glória?»

«Sim, lembro-me disso»

«O senhor gosta de cactos?»

«...»
«O senhor é mudo?»
«Sou»
«Oh! desculpe»
«Não tem de quê»

Glória lembrou-se de todas as recomendações da mãe para que ela não falasse com mudos «pois isso só lhes iria aumentar um complexo de inferioridade natural» e calou-se. O tipo de cinzento mantivera-se sempre com um sorriso que os enchia de esperança e foi por esta razão que ficaram ali todo o tempo que o homem demorou a plantar. Em silêncio ficaram os três, até que o homem se levantou e a rir-se para eles lhes apertou as mãos num gesto cinzento tão próprio e natural num homem como ele. Sebastião e Glória ficaram lá, no entanto, olhando o montículo de terra acastanhada que brotava bem junto às sardineiras e, malme, queiras que ornavam aquele jardim da cidade satélite.

Já o dia era um silêncio de moribundo, quando ambos se ergueram e se encaminharam para a bicicleta esquecida sobre o tufo de flores partidas. Glória de novo se sentou no quadro deixando um horizonte lilás ao companheiro que pedalava devagar e calado. A meio do caminho para casa dela, Sebastião lembrou-se de uma frase que ouvira na boca de Anhuca.

«Cacto duro, seguro como um muro; te juro que te esconjuro quando fores maduro»

O resto do caminho foram a trauteá-la, em voz baixa, ele inclinado sob o ouvido dela, aquecendo-o com o seu hafa. Por fim, por fim, chegaram à casa dos pais dela, que se apeou desta vez mantendo o equilíbrio. Junto à porta, voltou-se.

«Cacto duro, seguro como um muro»

«Te juro que te esconjuro quando fores maduro»

«At'amanhã»

«...manhã»

«Cacto duro»

«Como um muro, Glória»

Nessa noite, Sebastião resolveu não ir até junto da igreja da cidade, para junto dos outros (o Anhuca, o Pedro, o Janita, e o Tó-Cigano) que decerto achariam estranha a sua ausência. No entanto, naquela noite não estava com nenhuma disposição para ir jogar com eles nos degraus que davam para o adro. A verdade é que nem ele sabia como tinha aparecido aquele jogo por aqueles lados, lembrava-se apenas que um dia o Tó-Cigano viera com essa ideia de pegar cada um na sua pedra, fazer dos degraus circuito e pronto, era ver quem ganhava. Cada um tinha direito a três jogadas, isto é, a três arremessos consecutivos, voltando ao princípio se por acaso saía dos degraus e rolava pelo passeio. «Um carro que se despista não pode continuar a competir», dizia o Pedro à lala de explicação para tal regra. O Tó, que sabia daquilo a podes de vez em quando cuspiu na pedra, «na barriga» como ele afirmava, para ela não escorregar e não se despatar. Ao chegar-se ao fim de um degrau, passava-se imediatamente ao seguinte e assim até ao último. Passado o tempo das experiências, começou-se a jogar a sério, que é como quem diz, inclinou-se o grupo para o vício de jogar à coroa — quem perdesse tinha de pagar cinco tostões ao vencedor.

«Mesmo assim levo porrada lá em casa por gastar dinheiros»

O Anhuca era o matulão lá do sítio. Tinha para aí trinta anos mas era atrasado mental e um pouco maluco. Isto, no entanto, agradava aos outros, talvez porque ele contava imensas coisas passadas com ele na psiquiatria quando estivera lá internado. Além disso era um companheiro fixe, sempre pronto para tudo. Anhuca era pobre, vivia num bairro de lata que existia por detrás dos grandes prédios da cidade-satélite. Apesar da sua idade, ainda era menino lá em sua casa, talvez devido à sua doença, talvez devido a não se saber quê, e disso se queixava. Foi por ser qualquer coisa de novo e de muito deles, que sentiram que algu-

ma coisa iria começar a partir do momento em que começaram a jogar com as pedras nas escadas da igreja. Por isso a jogatina não era um vício mas uma oportunidade. Todas as noites se encontravam no adro e junto às árvores procuravam as melhores pedras, e em breve estavam dobrados sobre o legrau trio lançando-as, pondo-as a escorregar pela superfície lisa. Sentada num banco que trazia de sua casa, a Glória olhava-os num sorriso ao tempo que pensava que ainda não fora naquele dia que conseguira vender as malas de plástico castanho que a acompanhavam. Sabia-se ela sabia que nunca as venderia mas era esse o seu trabalho, portanto, a continuava.

Sebastião lembrou-se disto. Lembrou-se de Janita e o seu frasco de aguardente que este trazia sempre na agulheira traseira das calças coçadas. Lembrou-se de Pedro que durante as tardes lhes lia os jornais, com todos eles reunidos em redor olhando-lhe a boca decorando-lhe os gestos. Lembrou-se de Tó-Cigano com toda a sua força de se fazer amar, com o seu sorriso a lambê-lhe os lábios e as orelhas cobertas pelo cabelo. Lembrou-se, enfim, de Anhuca e as palavras mastigadas na boca, histórias de loucos que talvez nunca tivessem existido. Foi por isto, e perante a sua vontade de não comparecer nessa noite no adro da igreja que ele sentiu que era o fim de qualquer coisa que fora muito dele. Dentro dele, dentro dele, o corpo de Glória era uma flor de cacto, amarela e espessa as pétalas carnudas difíceis de quebrar e havia a frase.

«Cacto duro, seguro como um muro; te juro que te esconjuro quando fores maduro»

Vinha então um desejo de ter Glória ali, ao pé de si, com o homem cinzento a plantar cactos no seu jardim que nascia precisamente na ponta dos seus dedos. Foi por todas estas razões que Sebastião pouco dormiu no tempo imenso dessa noite.

B — ADOLESCÊNCIA

Todos os dias ambos iam até ao fundo do jardim ver o montículo de terra ao pé do qual se ajoelhavam, passando ali o resto dos dias. Glória durante uns tempos, ainda mantinha uma tênue esperança que o homem cinzento aparecesse e lhes viesse de novo dizer que era mudo, para eles se chagarem. Sebastião deitava-se ao comprido sobre a relva, de barriga para o ar e de braços cruzados sob a cabeça.

«De que altura pensas que o cacto ficará?»

«Da minha altura»

«Sim, sim»

«Achas que pode ficar a ser não?»

«Acho»

«É o homem cinzento?»

«Morreu»

«Sim, sim»

«De que altura ficará o cacto?»

«Da tua altura»

«É pequeno»

A intimidade começou a entrar por eles adentro e um dia resolveram fazer um lanho ali no jardim, junto ao local da plantação. Foi nessa tarde que repararam que um pouco de verde saía da terra, e deram as mãos. Foi um momento violento, em que tudo ficou nos corpos a experimentar-lhes o volume, a gozar-lhes a sur-

(Continua na 4.ª página)

EXERCÍCIO

Por HEITOR LOPES RIBEIRO

Presente deste verbo. Começar. Dizer aos poucos o nada que fica do orgulhoso princípio que move os homens, que lhes articula as palavras, restos da posição, deitada ou vertical em que se colocam para melhor conjugarem o mesmo verbo. Acabar.

2 POEMAS

Por JOÃO COTRIM

HISTÓRIA-TRÁGICO-PROFÉTICA

É natural que num meio-dia mais forte o menino-ardina-olhos-tristes-repetidamente-órfão se canse de estar esfomeadamente sentado num canto do poema e decida entrar na leitaria para comprar um croissant

A LENDA

A lenda era o vento na fresta do castelo. Entretanto aproximávamos as veias do lume. Enquanto os lagartos hibernavam molemente. Mesmo sob o peso do nosso medo. Rente um rato roia-nos o mofa do quarto.

SONHOS SUBURBANOS

Por JOAQUIM LUÍS ALVES

sonham casas sem musgo dentro onde o caruncho e a humidade não se notem tanto nas paredes

onde o ar não se condicione pelos buracos abertos na madeira

Sonham também ruas mais largas onde os pés não sintam tanto a eloquência do pó

o mesmo pó onde sentam nas mornas noites de verão olhando o néon que a cidade ali perto gratuitamente lhes oferece

TRIFIDO SOBRE UM CACTO

(CONTINUAÇÃO)

presa. Por esse tempo, as pessoas da cidade caminhavam a passos lentos e pesados, pois dizia-se que havia uma guerra. Para Glória era qualquer coisa de estranho, lá que era primavera e as flores não estiolavam pelos canteiros. Todavia, os dois continuaram a visitar o jardim, deitando-se na relva, o Sebastião desfiava-lhe os cabelos lilases que com o sol se manchavam levemente de cinzento, enquanto ela, joelhos no chão e sentada sobre os calcanhares, tentava decorar o cor de laranja dos olhos dele. Eles chegavam, manhã ainda, o sol a rasgar-se por entre os grãos; olhavam detidamente o caule fino despontado, e uma nova dimensão tomava-lhes os corpos.

«Cacto duro, seguro como um muro; te juro que te esconjurou quando fores maduro»

«Te juro»

Ancorado nas teorias, o sol nascia todas as madrugadas dentro dos dois, nos olhos outras vezes nas mãos mas assim só quando a luz era demasiado forte. Sebastião esquecera-se de ti Sainha que continuava todos os dias a sentar-se ao pé da igreja, desdobrando um jornal velho sobre o banco onde descansava e esperava longamente por clientes desconhecidos e que nunca chegariam. Mas ele tinha agora aquela frase para dizer e recordar, e um cacto a nascer, a desenvolver-se numa força a crescer dentro dele como uma fonte ou um canto (ou um desespero). Do homem cinzento, porém, olvidara-se numa tarde cinzenta, quando

ambos se certificaram que ele tinha morrido ao atirar-se de um comboio abaixo sem a mínima razão para o fazer. O cacto preenchia-lhes os dias longos, e as mãos já quase não cabiam nas mãos. Isto até ao dia em que a planta apareceu com todo o seu poder, num verde baço e velho, os vários lobos lançados em três ou quatro direcções, e as flores, sim, principalmente as flores amarelas, gordurosas e espessas, um pouco sedosas também.

«Tem espinhos»

«É para picar os turistas»

«Os ingleses?»

«Não. Brasileiros»

«Quantos barcos de brasileiros chegam cá?»

«Vinte, trinta»

«E quantos turistas traz cada um?»

«Cem, cento e cinquenta»

«Oh! Os espinhos não chegam»

Sebastião meteu a mão num dos bolsos das calças e tirou de lá um canivete meio enferrujado, já com umas bocas na lâmina salpicada de óxido, e o marfim que o ornava meio partido. Juntou-se ao cacto e gravou bem fundo, até o líquido escorrer lento e viscoso, um S com um ponto à frente. No outro lado surgiu um G solto. Levantou-se, apreciou a obra e esperou a palavra.

«E a data?»

«Ah, sim, a data»

14-9-66.

Foi então que ele começou a tirar dos dedos os espinhos que se lhe tinham cravado na pele até uma certa pro-

fundidade. Com jeito, sem pressas, foi-os tirando um a um, com as unhas que deixava crescer desmesuradamente. O peso do peito entretanto, ia desaparecendo na cintura de Glória que ele possuía naquele momento com o seu braço. Era tudo muito complicado e por isso estava um pouco confuso com tudo aquilo, especialmente com o que fizera. Foi então que o tipo cinzento ressuscitou dentro deles, numa explosão autêntica. Sebastião sacou de novo o canivete.

«Não sei qual seria o nome dele»

«Nem eu»

«Talvez fosse um turista»

«Não, não era»

Resolveram o caso com o desenho gravado bem fundo de uma boca fechada. Depois, ambos se estenderam na relva e esperaram que os pássaros e o vento que havia de chegar do rio. Era uma espera um tanto cansativa, mas a que eles se propunham desde a manhã-de-mãos-dadas. Quando chegavam, levantavam-se e iam para casa num sem medo de se perderem. Nesse tempo já se desejavam coisa ao cacto. Foi qualquer coisa que se foi apoderando deles lentamente, como quem bebe vinho. Como um poente. Como uma dor. E a frase era a presença de ambos na própria ausência. Desejavam-se na frase que nem sempre pronunciavam. Tardiamente, encontravam-se no fundo do jardim da cidade-satélite parando nos olhos quem passava por lá. Glória chegou mesmo a colher uma das flo-

res do cacto, guardando-a no seio até chegar a casa, onde a colocou numa jarra de vidro preta que existia no seu quarto. A jarra fora escolhida por ela mesma, mas nunca compreenderia porque a escolhera negra.

«Cacto duro, seguro como um muro; te juro que esconjurou quando fores maduro» aparecia Sebastião beijando a flor numa transparência de lábios. O homem cinzento com os tempos, foi-se transformando numa boca cerrada gravada na carne da planta, numa ferida castanha de seca. Houve uma altura em que se entretiveram a espetar os picos nas palmas das mãos e seguidamente darem-nas para as apertarem com força, sentindo assim os espinhos cravarem-se na carne. Espetavam-se até fundo, que os não conseguiram extorquir com as unhas. Só em casa com alfinetes ou agulhas. (O sol nascia por detrás dos prédios da cidade-satélite e já os corpos se pressentiam).

C — MAIORIDADE

Ainda era Inverno e a chuva entrava pelos corpos numa força, quando Sebastião reparou que a frase já não lhe dizia nada, depois de tanto a repetir. A associação entre Glória e as palavras já mencionadas, desaparecera. A dor foi singrando, tomou-lhe a medula e os nervos. Era isto o desespero. Morta Glória com os seus cabelos lilases a tornarem-lhe os olhos enormes de tal forma que ele cabia todo lá dentro, tronco, membros, tudo. Morto o cacto seco, amarelado sem espinhos para

lhe magoarem as mãos, mesmo as letras, datas e desenhos castanhos da seiva solidificada, talvez a dizerem que estava tudo no termo. Era isto o desespero e a certeza de voltar novamente a dirigir-se para os degraus da igreja para ir jogar com as pedras juntamente com o Anhuca, o Tó-Cigano e os outros. Ao notarem o seu regresso, haviam de o deixar vencer as três primeiras corridas para ganhar confiança ou alento, ele sabia disso, pois o mesmo tinham feito ao Janita quando este desaparecera por uns tempos, porque lhe morrera o pai como viera a saber mais tarde. Era a certeza de após o jogo, se ir sentar outra vez no chão, junto a Ti Sainha ouvindo-a contar histórias de pretos lá de África. Glória passaria também a ir às tardes para o centro do jardim, bem junto à estátua, jogar «a queimada» com as outras meninas da cidade-satélite, e o cacto, seria apenas mais uma planta no meio das sardineiras e malmequeres. Todo o sentido da frase ruíra, se calhar pelas repetidas vezes que ele a pronunciara frente ao espelho do seu quarto, de pé, mãos nos bolsos e os olhos laranjas um pouco fechados. Era isso talvez, a causa daquela situação. Também a verdade é que os turistas brasileiros nunca tinham chegado e a boca gravada já quase desaparecera e ele não se dera ao trabalho de ferir de novo o cacto.

«Cacto duro, seguro como um muro; te juro que te esconjurou quando fores maduro»

Até que o cheiro das flo-

res já pertencia de novo às ruas e às pessoas, quando Sebastião voltou a sentir mais uma vez a presença da frase e de Glória, no fundo do jardim junto ao cacto, que se tornava mais verde. Nela, flores amarelas, sedosas, espessas no cabelo, sim, flores amarelas nos cabelos lilases de Glória. O tempo era de uma enorme urgência, por isso ele correu e pisou flores, sardineiras e malmequeres. O pó subiu-lhe pelas pernas acima e pela camisa, mas como tudo isso era necessário, Sebastião não parou. Só lá. Com Glória sentada sobre as pernas e picando-se nos espinhos. Quando o viu, levantou-se.

«Onde vais?»

«Embora»

«Porquê?»

«Os brasileiros não vieram não se picaram e o tipo de cinzento esqueço»

«Vais-te mesmo embora?»

«Sim, sim»

«Por causa dos brasileiros?»

«Sim, sim»

«Eu posso fazer de brasileiro»

«.....»

«Então, vais-te embora?»

«Porque tardaste?»

«Não me lembro. E as minhas mãos estavam feridas»

«Cacto duro, seguro como um muro; te juro que te esconjurou quando fores maduro»

«Te juro»

Os cabelos de Glória eram lilases muito claros, e os olhos dele eram laranja.

Junto, o cacto.

A TIA HERMÍNIA E O TIO ALBERTO

Por MARIA EDUARDA RITA DA PALMA

Já que falei no tio Henrique e na tia Berta, não seria justo se não falasse também na tia Hermínia e no tio Albano, que formam há alguns anos, um casal unido e trabalhador.

O tio Albano é barbeiro cá na aldeia, mas como não há cabeleireiro, às vezes também faz permanentes às raparigas, por altura da feia, anual, ou quando há procissão, ou ainda quando o namorado ou marido de alguma regressa do Ultramar. As mulherzinhas cá da aldeia, dizem que as bruxas lhe deitaram mau olhado quando nasceu, pois o tio Albano além de gago tem um defeito numa perna. Mas não lhe causa complexos, nem impediram que a tia Hermínia gostasse dele e se casasse, embora os meus pais digam que ela só casou com ele com medo de ficar solteirona, porque a tia Hermínia de bonita não tem nada. Além disso, cá

na aldeia, há poucos homens, porque uns emigraram para França e outros foram para a tropa, e em vista disso os que há não se desprezam.

Durante toda a semana a tia Hermínia trabalha em casa dum e doutro, encera, varre, lava roupa, põe tudo num brinquinho, porque ser barbeiro numa aldeia não dá para viver, e ela tem bons braços para trabalhar e gosta de ajudar o seu homem.

A casa deles também se pode ver, lá isso o marido não tem razão de queixa, que mulher para trabalhar não há como ela.

Já a tenho visto de mangas arregaçadas e avental de riscas, a meter o pão no forno, porque não há pão que chegue ao caseiro.

Filhos ainda não têm, não que eles não quisessem, que filhos são uma bênção de Deus, mas pode ser que mais tarde ainda

lhes venha algum, esperança não lhes falta.

As vezes o tio Albano, nas tabernas de sábado, vai até à taberna e regressa a casa não propriamente bêbado, mas um pouco tocado, e vê-lo assim é o maior desgosto da tia Hermínia. Ao domingo de manhã, vão os dois à missa, não que eles sejam muito religiosos, mas cá na aldeia toda a gente vai e eles não querem ser diferentes. Ele leva o seu fato melhor, de fazenda preta, que tanto serve para festas como para enterros, ela leva um sala e casaco de que ninguém se poderia envergonhar, o cabelo bem enrolado e preso com uma travessa preta, com pedras de várias cores, que o marido lhe oferecera uns anos atrás como prenda de aniversário. Camo não têm, que o dinheiro faz falta para outras coisas mais necessárias, mas se o tempo está bom dão um passeio a pé até aos pinhais, à noite

vão ao café ver televisão, que domingo é dia de descanso.

Agora, o tio Albano anda a construir uma casinha para viverem os dois, e é ele próprio que com alguns amigos a vão construindo, tijolo a tijolo, durante as horas vagas. E a tia Hermínia, durante o verão, sentada na velha cadeira de baloiço ao pé da janela, já começou a fazer umas cortinas de chita às flores.

As vezes, aos domingos, vamos lanchar com eles. Nessa altura a tia Hermínia põe na mesa a sua melhor toalha, de renda branca, feita por ela própria, e as chávenas de flores, da Vista Alegre. Há pão quente e tostadinho, mel, queijo de cabra e leite fresco.

E são felizes os dois, ele na barbearia, ela nos seus afazeres, com a certeza de que à noite adormecerão juntos na velha cama de ferro.

P O E M A

Por SOUSA FERNANDO

há sempre o restu da praia que não desaparece ou então no nevoeiro além disso estar estendido em cima das pegadas antigas.

distraíam-se com as conchas não atiravam pedras à água faziam riscos na areia ou escreviam palavras com um pau

há sempre o lixo que o mar trouxe e bocados de cortiça.

mais tarde viemos lentamente descalços pela água salgada